

Introdução

Várias páginas de um manuscrito, contendo fábulas de folclore moçambicano e agora apresentadas nesta antologia, foram descobertas mais ou menos acidentalmente nos Arquivos da Cúria dos Jesuítas da Província de Portugal, em Lisboa, escritas por diversos indivíduos, conjuntamente em português e em uma ou outra das línguas locais. A pessoa responsável pela colecção daquelas histórias julgo ser provavelmente o Pe. José Manuel Teixeira (1911-1959) – nascido em Limão, Macedo de Cavaleiros, Portugal – Jesuíta missionário que trabalhou em Lifidzi, Zambézia, na Missão de Tete em Moçambique.

A descoberta desta colecção de fábulas, no decurso de outra actividade de pesquisa em 2001, suscitou em mim um pensamento acerca do significado ou impacto que este tipo de arte poderia ter na identidade e sociedade africana contemporânea – para além de pertencerem ao extraordinário reservatório da vasta herança cultural já ultrapassada. Uma leitura rápida destas fábulas encantadoras produziram em mim, nascido e crescido em Moçambique – Beira (de família goesa), mas agora residente em Goa (Índia), uma torrente de imagens e costumes da terra natal.

Moçambique, no sudeste da costa africana, é o contexto geográfico das nossas fábulas. Moçambique é uma antiga colónia portuguesa, rica em minerais e fertilidade do solo, cujo milho, mapira, feijão e mandioca aí cultivados constituíam os géneros básicos da alimentação do indígena. O trigo, o arroz, o algodão, o sisal e a copra também eram produzidos em abundância. Os portugueses chegaram a Moçambique no início do século XVI e foram forçados a sair somente em 1975, depois de doze anos de luta com a guerrilha local. Quando o país começava a recuperar da guerra civil nos anos de noventa, a natureza infligiu uma versão de fúria ainda mais desastrosa com cheias devastadoras. O local de várias fábulas neste livro é a região de Boroma, Fonte Boa, Lifidzi e Furancungo – todas elas no sector norte de Moçambique onde passa o rio Zambezi.

Zambezi é um dos maiores rios do mundo, abrigando crocodilos e hipopótamos, mas a maioria dos vales são impróprios para o cultivo. O potencial das águas do rio é altamente periódico – nos meses secos o rio encolhe e torna-se

* Doutor em História. Director do Xavier Center of Historical Research (Goa).

relativamente um riacho estreito e serpentino, e só muito poucos conseguem pilotar as lanchas sem as encalhar. Boroma, por exemplo, era inacessível ainda por volta de 1950 quando as águas do Zambezi aumentavam. Nessas regiões também podia haver períodos de seca, que causavam a destruição do milho, fonte de alimentação básica. As chuvas ocorrem em Novembro, mas os meses chuvosos são de Janeiro a Março. Pensava-se em geral que a África era uma região selvática povoada de feras, sempre prontas a devorar alguém. Gorongoza tem sido descrita como sendo a melhor reserva em África, e há um dizer que afirma que em África só há um animal perigoso – o tsé-tsé!

Em meados do século XX o conceito que os moçambicanos tinham do ‘trabalho’ – segundo a percepção portuguesa – variava de região a região. Por exemplo, os Angones e Nhungwes cultivavam a terra com entusiasmo, enquanto que os indígenas do distrito de Tete aspiravam a qualquer outro trabalho que os pudesse libertar do tédio de cultivar a terra onde o sol queimava e o termómetro chegava a marcar mais de quarenta graus, uma fornalha ciclópica, à sombra ao meio dia. Tanto o clima como a topografia, sempre apático e resistente ao cultivador, afirmavam-se positivamente desfavoráveis à população de Tete. Em Angonia, Quelimane e Luabo a terra mostrava-se mais generosa, pois com pouco esforço os campos produziam abundantemente; mas aí a escassez de mão-de-obra especializada era aguda. Carpinteiros, serralheiros, mecânicos, motorista e pedreiros vinham todos de Tete. Mas em geral a noção que o branco tinha do negro era: «O negro detesta o trabalho do campo, mas gosta muito de aprender uma arte, um ofício, e para todas as artes e ofícios eles têm notáveis aptidões, simplesmente os monhés, os mestres asiáticos, nada ensinam aos aprendizes indígenas, e muito propositadamente o fazem, para manterem a Província sob o ponto de vista do seu mister, na dependência. É absolutamente verdadeiro que o europeu neste particular se conduz exactamente como o monhé, chegando ao cúmulo de pôr fora da oficina por inábeis, os aprendizes que revelam maior aptidão» (Brito Camacho, *Pretos e Brancos*, Lisboa, 1926, p. 20).

No século XIX o colonialista branco e asiático contribuiu imensamente para o desenvolvimento da agricultura em Moçambique através da instituição chamada Prazos. Nos anos de 1950 grandes concessões foram concedidas aos brancos na forma de escolha de pedaços de terra, que antes tinham sido cultivados pela população africana. Era urgente a mão-de-obra, mas o pagamento dos nativos rondava somente os 120 escudos por mês. Adicionalmente, a falta de respeito pela dignidade da vida humana era mais uma regra do que uma excepção. Os proprietários brancos de agricultura, agentes de recrutamento de mão-de-obra e corpos governativos locais portugueses colaboravam com a autoridade nativa na caça pela mão-de-obra, resultando numa situação de êxodo, na qual mais de 50% de homens estava a residir fora das suas aldeias, o que criava um descontentamento geral na estrutura social, basicamente patriarcal. As autoridades não se

preocupavam com aquele problema, mas os esforços para impedir a emigração forçada aumentava. Agentes de recrutamento de mão-de-obra de várias companhias nacionais e multinacionais continuavam a subornar as autoridades africanas, que iam de palhota em palhota, de dia e de noite, com o intuito de pressionar qualquer homem que pudessem apanhar, a trabalhar nos Prazos.

A atitude de Portugal colonial perante as populações nativas era realmente perplexa, especialmente para os cidadãos liberais das outras nações europeias, e alguns deles alegavam que os portugueses não estavam minimamente interessados pelo melhoramento das condições económicas e sociais dos povos subjulgados. Críticos acusavam-nos de preferirem deixar os nativos em ignorância total, para melhor os explorar com baixos salários. Regimes coloniais raramente procuravam compreender as aspirações culturais e políticas dos povos subjulgados, preferiam antes deixá-los analfabetos e inclinados a um falso entendimento e superstições. O 'mass media' pouco fez para defender os direitos humanos e a censura estatal deixava a todos num estado de terror entorpecido.

Histórias africanas como as nossas fábulas criaram um imaginário de negros rodeados de bicharia feroz sobre a face da terra. É obvio que as fábulas aqui contadas representam aspectos da identidade étnica pré-histórica, os grandes mitos africanos, que reflectem valores éticos, usos e costumes sociais, tradições e crenças religiosas, narrados em tempos imemoriais e transmitidos pela tradição oral e pelas cantigas e danças do povo. Mas será possível deparar em algumas fábulas expressões de descontentamento local com os senhores coloniais ou encontrar manifestações de dificuldades que o povo tinha de sofrer devido a causas naturais ou rivalidade humana?

Crenças animistas contempla a natureza, a fauna mais do que a flora, como possuidora de uma consciência e personalidade. As fábulas demonstram que o coelho possui uma rica personalidade; a hiena é manhosa, ingrata e abjecta; o leão, fisicamente poderoso mas igualmente simplório; a cobra pode ser arrogante; a tartaruga, astuta; o galo, corajoso; o sapo, pretencioso, ameaçador e exigente; o macaco, crédulo; o rato, demasiado seguro de si mesmo; o crocodilo, enganador; o elefante, embora de tamanho impressionante, é várias vezes retratado como um fracote. Fábulas com coelhos abundam, mas porque esta predilecção?

As características atribuídas aos animais nas fábulas nem sempre correspondem ao 'carácter' geralmente atribuído a essa espécie de criaturas, demonstrando assim que o narrador das histórias não tem a obrigação de retratar a realidade com um rigor científico. A história do narrador era uma criação artística, produto da imaginação e impulso e não uma réplica estudiosa. A mente criativa daqueles tempos acomodava-se facilmente ao altamente improvável ou completamente impossível. Crocodilos, lagartos e legiões de outras criaturas viviam em absoluta concórdia com os seres humanos, e o sentido de fantasia era partilhado por todos. Homens sob condições adequadas podiam transformar-se em animais;

e os animais, várias vezes recorriam a estratégias coloridas para competir com os homens ou mulheres ou procuravam exceder-lhes em astúcia. Assim valores pessoais e espirituais complexos, atributos do avanço moral da comunidade humana, podiam ser elegantemente empacotados como entretenimento, com efeitos edificantes na vida e comportamento comunitários. As fábulas predominavam como literatura oral em realização de uma função social prática na vida da comunidade. As fábulas, como expressões da consciência colectiva e transmissores de um folclore antigo, estimularam as comunidades tribais africanas.

Algumas fábulas podem parecer 'barbáricas' se forem encaradas no contexto de presunções e gostos dos 'civilizados'. Demasiadas vezes, elas são rejeitadas como algo 'primitivo', no sentido pejorativo, e a mentalidade tribal é vista como fraca e supersticiosa ou inferior à inteligência do cidadão moderno, urbano e inteligente. Não haverá necessidade de redescobrir mais fábulas folclóricas das civilizações antigas meramente pelo seu valor artístico e ético? O desejo de experimentar e avaliar fábulas pré-históricas, dentro de um paradigma artístico, universal e compreensivo, pode levar-nos ao apreço dum tesouro de um passado comum à humanidade, como algo verdadeiramente expressivo, maravilhoso e instrutivo.

Será que as fábulas africanas aqui apresentadas devem ser lidas como quaisquer outras que encontramos na literatura tradicional em geral e conhecida pela gente mais educada? As fábulas africanas à primeira vista podem parecer idênticas a quaisquer outras, mas são elas realmente idênticas? As histórias africanas revelam um feito extraordinário e imaginação criativa, de astúcia e originalidade, e parecem ser únicas em carácter, mesmo se os elementos de intertextualidade e factores externos as tivessem influenciado.

Aqueles que não têm experiência e conhecimento das realidades africanas podem sentir alguma dificuldade inicial em apreciar a beleza do simbolismo e clima emocional que estas fábulas evocam, mas com um pouco de paciência e tempo pode esperar-se que as palhaçadas e aventuras dos nossos amigos de quatro pés 'cresçam em nós'.

Música, dança, magia, escultura e literatura oral tribal abundavam, mas a pintura e literatura escrita eram raras. Contudo as façanhas africanas no âmbito artístico até recentemente suscitavam pouco interesse em outros – visto os negros serem considerados como 'primitivos' – salvo como mais uma evidência do seu selvagismo. Finalmente descobriu-se que a literatura africana é rica, diversa e persuasiva. Esta antologia pretende revelar a riqueza da criatividade africana.

O cristianismo europeu e a actividade missionária foram responsáveis em apagar da mente primitiva quase todos os vestígios da expressão cultural julgadas contrárias aos preceitos cristãos. Mas formas de literatura oral têm a tenacidade de sobreviver os ambientes culturais mais hostis, visto que elas podem ser mais facilmente adaptadas de modo a escaparem à supressão inquisitória. Daqui um

bom número de fábulas chegou até aos nossos dias, em grande parte descontinuas pela cultura missionária. O religioso não podia acompanhar o indígena e ele uma vez fora da influência missionária ou da Missão era controlado pelas práticas dos seus antepassados¹.

1

A HIENA E O LEÃO

Um belo dia uma hiena passeava alegremente no mato com o seu amigo leão. De repente a hiena sentiu uma dor aguda na perna e gritou, «Amigo leão, podes arrancar este espinho da minha perna?»

O leão veio acudir-lhe imediatamente, mas em vez de livrá-la do espinho, cortou-lhe a perna. A hiena morreu poucos dias depois.

Quando adoeceres não chames o médico em vão.

2

A COBRA E A TARTARUGA

Uma cobra e uma tartaruga estavam a conversar. Então a cobra disse à tartaruga, «Desejava saber de quem é que os homens receiam mais – de mim ou de ti?»

«De mim, sem dúvida», respondeu a tartaruga.

«Achas? Então vamos ver se é assim como dizes», disse a cobra; e sem hesitar um momento a tartaruga aceitou o desafio.

Nesse dia alguns caçadores andavam à caça, onde a cobra e a tartaruga viviam. Um deles ao ver a tartaruga gritou, «Ei! Já apanhei carne para hoje», mas ao aproximar-se da tartaruga o homem viu a cobra e desatou a fugir.

«Pois, já sabes agora de quem é que os homens têm medo?» perguntou a cobra.

«Mas não viste que aqueles homens foram embora imediatamente sem me tocarem», respondeu a tartaruga vaidosa.

«Bem», disse a cobra, «vamos esconder-nos novamente entre estas folhas». E ambas foram esconder-se.

¹ Estou reconhecido aos meus companheiros jesuítas em Lisboa, especialmente ao Pe. Vital Dias, S.J., antigo Director dos Arquivos da Cúria dos Jesuítas e infelizmente já desaparecido. Agradeço o apoio valioso do Prof. Roberto Carneiro, Presidente do Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa, da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, e o interesse do mesmo Centro na publicação deste texto. Estou muito grato ao Prof. Manuel Braga da Cruz, Reitor da Universidade Católica Portuguesa e meu amigo, por toda a atenção que deu a este projecto. Sem a sua ajuda afável as fábulas moçambicanas possivelmente jamais seriam publicadas em português.

Pouco depois passava um homem por aí. Ao ver a cobra, fugiu imediatamente – mas antes já tinha apanhado a tartaruga e atirado para dentro do seu saco. Ao chegar a casa matou-a e comeu-a.

*Não insistas não tua opinião
a não ser que estejas assaz seguro de ter razão.*

3

A GALINHA E O CÃO

Um cão e uma galinha tornaram-se amigos. Um dia quando os dois passeavam juntos a galinha disse, «Sabes, companheiro, que os animaizinhos devem sempre ajudar uns aos outros e fazer o que os amigos pedem para os agradar?»

«Oh, claro, isso é absolutamente verdade», respondeu o cão. Os dois amigos continuaram a caminhar e a conversar alegremente quando avistaram uns homens que se aproximavam com cestos de *mapira*.

«Amigo cão, ainda te recordas o que dizemos acerca dos animaizinhos ajudarem mutuamente», desafiou a galinha.

Querendo provar útil o cão ladrou e atirou-se contra os homens de tal maneira que eles deixaram cair toda a *mapira* no chão e a galinha e as suas companheiras comeram toda a *mapira*.

Alguns dias depois, quando o cão viu uns homens a comer massa, foi a vez dele lembrar à galinha do dever mútuo dos amigos. Para retribuir o favor, a galinha meteu os pés na panela da massa o que levou os homens irritados a atirar a massa para fora. O cão agradeceu imensamente a galinha, e os dois amigos continuaram a ajudar um ao outro desta maneira durante três anos.

Certo dia o cão foi visitar a galinha, como de costume, mas quando deparou com os ovos dela no jardim, não pode resistir e comeu-os todos. Quando a galinha deu pela falta dos ovos suspeitou ser o cão o autor do furto e, zangada, censurou o cão dizendo, «Foste tu que comeste os meus ovos, apesar de sermos amigos por três anos? Vais pagar-me pelo que fizeste hoje». «Quando encontrar os teus filhos verás o que lhes vai acontecer», ela avisou severamente.

Dois dias mais tarde a galinha arrancou os olhos aos filhos do cão – e assim terminou a amizade entre o cão e a galinha.

*Se quiseres ter amigos não os deves magoar;
pois depois de perder um amigo onde é que se pode encontrar outro?*

O FOGO E O PORCO

Em tempos longínquos o fogo e o porco tornaram-se grandes amigos. Para celebrar essa amizade o fogo preparou *pombe* e depois de beberem juntos, o porco disse, «Amigo fogo, amanhã também vou preparar *pombe* para ti».

No dia seguinte à tarde o fogo foi à casa do porco, mas veio acompanhado por um outro amigo – o vento. Quando se aproximaram da casa do porco, o fogo chamou, «Já estou aqui companheiro e podes trazer, se fazes favor, o teu *pombe* para bebermos cá fora».

«Mas porque é que não queres entrar?» perguntou o porco.

«Bem, trouxe comigo um outro amigo, o vento», disse o fogo, «mas se insistes entrarei com ele também».

Quando os dois entraram o fogo queimou num instante todos os filhos do porco. Vendo a maldade do fogo, o porco enfureceu-se e jurou vingar-se. No dia seguinte o porco foi queixar-se aos homens da aldeia do que o fogo tinha feito. Impenitente, o fogo voltou e devastou toda a povoação. Vendo os prejuízos causados pelo fogo os homens decidiram proteger o porco. Convidaram-no a viver com eles na aldeia – mas ao fogo agarram-no e encerraram-no em suas casas.

Não se deve dar liberdade aos malfeitores.

O LEÃO, O COELHO, O LOBO E O BURRO

Um dia um leão, já velho e cansado, foi deitar-se à sombra duma árvore. Um coelho que passava por aí viu-o e perguntou, «Porque é que não andas a caçar».

«Amigo», o leão disse, «como vês, já estou muito velho e sem forças. Já não consigo caçar mais».

«Isso é realmente verdade», disse o coelho aproximando-se do leão para o ver melhor.

«Oh, não tenhas medo coelho. Como vês também não tenho dentes», queixou-se o leão. O coelho viu que o leão estava mesmo incapacitado.

«Não digas a ninguém o que acabaste de ver e ouvir, amigo», implorou o leão.

O coelho disse ao leão para não se preocupar com isso e retomou a sua caminhada, mas logo que se encontrou com um lobo, proclamou abruptamente, «Não sabes que o nosso rei já não tem forças nem dentes para caçar?», e acrescentou a sorrir: «vai lá e morde-o».

O lobo foi ver o leão e quando o viu deitado e tão fraco, aproximou-se dele e mordeu-o.

«Quem é que te disse para cá vires?» balluciu o leão, mas o lobo já tinha fugido para longe.

No dia seguinte o coelho encontrou-se com um burro e disse, «Burro, sabes que o nosso rei leão já está muito velho e fraco? Vá lá e atira-lhe uma parelha de coices». Quando o burro chegou ao covil do leão encontrou-o a dormir e deu-lhe um par de coices!

Sentindo a afronta o pobre leão começou a chorar, pois sentiu que a rudeza dum burro é pior do que a morte. De facto logo morreu deprimido.

*Aquele que faz temer pela força
é por todos vituperado quando a força se desvanece.*

6

O MOCHO E O MELRO

Há muito tempo um mocho deparou com um melro que estava empoleirado numa árvore. O mocho chamou-o e disse, «Olá melro, gostarias de apostar comigo?»

«Oh, penso que sim», respondeu o melro.

«Bem, vamos ver qual de nós é o mais forte», desafiou o mocho.

«Oh, mais forte? Claro que sou eu», insistiu o melro.

«De maneira nenhuma», retorquiu o mocho. «Eu é que sou o maior sem qualquer comparação».

Tomando isso por humilhação o melro bradou, «Isso não é possível. Tu és um fracote». E continuaram a discutir teimosamente todo o tempo até que finalmente o mocho teve uma ideia.

«Bem», disse o mocho, «vamos deixar de comer e beber durante sete dias para provar qual de nós é o mais forte». O melro concordou com este desafio mas sugeriu, «Bem, eu fico nesta árvore e tu naquela».

Dois dias passaram sem que os dois, empoleirados na sua árvore, comessem e bebessem qualquer coisa. Mas quando o melro começou a sentir fome disse: «Gostaria de estender só um pouco as minhas pernas, se não te importas»; e voando do seu galho, rapidamente comeu oito gafanhotos sem que o mocho desse por isso.

Obviamente o mocho também quis estender as suas pernas. Voou também, mas voltou para a sua árvore sem se preocupar em comer coisa alguma. Pela tarde o melro disse, «Penso que vou estender as minhas pernas novamente por um minuto»; e o melro voou e engoliu mais gafanhotos. Mas o mocho não se preocupou em comer coisa alguma.

Passados seis dias o melro disse, «Bem, vamos tentar voar agora para ver quem é que ganhou a aposta». Os dois voaram, mas sentindo-se muito fraco o mocho acabou por cair no rio.

«Então, agora já sabes quem é o maior!» gritou o melro todo prazenteiro e voou para apanhar mais gafanhotos, enquanto que o mocho morria afogado nas águas do rio.

A vaidade só traz infelicidade e morte.

7

A TARTARUGA E OS MACACOS

Uma tartaruga e dois macacos tornaram-se grandes amigos. Um dia os macacos cozinharam *pombe* e convidaram a tartaruga e outros animais. Quando a tartaruga chegou, encontrou os dois macacos a beberem animadamente o seu *pombe*. Os macacos disseram à tartaruga: «Como vês fizemos *pombe*, mas evidentemente só aqueles que sabem trepar árvores é que podem bebê-lo». Ao ver a malícia dos seus amigos, a tartaruga perguntou-lhes. «O que é que vocês querem dizer com isso?»

«Só aqueles que sabem trepar as árvores como nós é que podem beber o nosso *pombe*», disseram os macacos. «Seria melhor para ti cozinhares o teu *pombe* e bebê-lo com os que rastejam pelo solo como tu, mas como também sabemos andar no chão também temos o direito de beber o teu *pombe*». «Bem, então vamos ver isso logo», disse a tartaruga indo-se embora.

Dois dias depois a tartaruga cozinhou *pombe* e convidou os dois macacos, um elefante, um coelho, um leão e uma hiena. Quando todos estavam reunidos para a festa do *pombe*, a tartaruga disse: «Só aqueles, que tiverem as mãos limpas é que pode beber o meu *pombe*».

Os macacos olharam para as suas mãos e vendo que estavam realmente muito pretas, foram ao rio para as lavar. Quando regressaram decidiu-se que elas ainda estavam sujas, e assim os macacos tiveram de ir lavá-las novamente.

Entretanto acabou-se o *pombe*.

Não se deve enganar os outros, se não desejas ser enganado por eles.

8

O MUZUNGO E O MACAQUINHO

Havia outrora um *muzungo* que tinha comprado um macaquinho para lhe fazer companhia. Mas o homem era tão pobre que pouco possuía para si próprio. Sentindo-se triste com a sorte do seu *muzungo*, o macaquinho disse: «Dê-me uma enxada e um machado». Mas o seu dono não tinha nada disso.

No dia seguinte o macaquinho pegou num pau e foi andando pela estrada fora. De repente deparou com uma cobra à sua frente a qual matou e enterrou numa cova. Quando o macaquinho regressou à casa perguntou: «Patrão, onde quer que eu vá comprar comida?»

«Como é que posso comprar comida sem dinheiro?» respondeu o homem pobre.

No dia seguinte o macaquinho saiu de casa e foi desenterrar a cobra que durante a noite se tinha transformado em dinheiro. Com este, o macaquinho comprou comida e levou-a ao seu dono. O *muzungo* e o macaquinho divertiram-se a comer juntos.

«Deixe-me ir à aldeia procurar mulher para o meu *muzungo*», rogou o macaquinho um dia. «Mas eu sou demasiado pobre para casar», bradou o *muzungo*.

O macaquinho regressou à cova e retirou de lá mais prata e com ela comprou uma mulher e ofereceu-a ao *muzungo*.

Dois dias depois, o macaquinho tirou mais prata da cova e comprou fatos, calças, sapatos e deu tudo ao seu dono. O macaquinho comprou também uma machila com o dinheiro que tinha sobrado. Ao ver todos esses presentes o *muzungo* ficou muito contente.

Certo dia o *muzungo* irritou-se e bateu no macaquinho e chorando ele fugiu para o mato. A mulher, a machila, as roupas e todas as coisas que o macaquinho lhe tinha oferecido também desapareceram. Lamentando a perda do seu companheiro, o *muzungo* foi à sua procura mas em vão.

Então o *muzungo* achou-se em penúria extrema e, sem coisa alguma para comer, morreu miseravelmente.

Respeita sempre os teus benfeitores.

9

O HOMEM, O CROCODILO E O COELHO

Era uma vez um homem que tinha armado uma armadilha para caçar pássaros. Alguns deles entraram e caíram na armadilha mas veio um crocodilo e comeu-os todos. No dia seguinte o homem armou outra armadilha mais forte mas o mesmo crocodilo sempre vinha e comia todos os pássaros que lá se encontravam. Um dia o mesmo crocodilo caiu na armadilha mas apesar de grandes esforços não conseguiu libertar-se. Quando o homem chegou o crocodilo começou a suplicar, «Senhor, solte-me daqui por favor!» O homem teve compaixão dele e soltou-o.

«Agora, se faz favor, leva-me às costas para eu te recompensar», disse o crocodilo.

O homem pô-lo às costas e logo chegaram ao rio. Quando atravessava o rio com o crocodilo e já no meio dele, apareceu um coelho a bradar saudações, «Olá homem! O que é que levas aí às costas?»

«É o crocodilo que comeu os meus pássaros», respondeu o homem.

«Não consigo ouvir nada», gritou o coelho.

«Não, não. Tu não deves prestar atenção àquele coelho. Deixa-o ir em paz», insistiu o crocodilo.

Mas o homem decidiu ir ao encontro do coelho e contar-lhe o que tinha sucedido. Quando chegou à margem do rio onde o coelho se encontrava disse, «Este crocodilo comeu todos os pássaros que tinham caído na minha armadilha».

«É verdade o que este homem diz?» perguntou o coelho com autoridade.

«Oh, sim, isso é mesmo verdade», respondeu o crocodilo com arrogância.

«Então podemos ver agora mesmo como é que comeste os pássaros», disse o coelho e pediu ao homem para armar uma armadilha. «Agora mostra-nos como é que entraste na armadilha», mandou o coelho.

«...Ah, foi assim», explicou o crocodilo mas entretanto ele já se encontrava bem no fundo da armadilha.

«Homem, agora pega na enxada e mata esse crocodilo», gritou o coelho.

«Oh, perdoe-me senhor, por favor», rogou o crocodilo; mas o coelho gritou, «Não, não tenhas pena dele; essa fera malvada queria comer-te no rio».

Então o homem matou o crocodilo com a enxada.

Não se deve ter compaixão dos brutos. Eles só buscam o que é mau.

10

O FILHO DA PILADORA

Um dia uma mulher estendeu uma esteira no chão, deixou lá o seu filho e foi pillar milho. Depois dela ter saído chegou um *muzungo* a cavalo. O cavalo saltou de medo e pisou o seu filho na barriga e furou-a. Quando a mulher viu o filho naquele estado, caiu num pranto, sem o puder conter durante muitos dias.

Protege os teus filhos e não os deixes sozinhos.

11

A TARTARUGA, O ELEFANTE E O PORCO-ESPINHO

Um homem construiu uma palhota no mato para si e depois fez um celeiro. Um dia uma tartaruga entrou no celeiro quando o homem trabalhava no campo,

e achou um cesto de feijão. A tartaruga começou a comer o feijão e achando-o delicioso, sentiu-se tentada a comer mais. Entretanto o homem regressou do campo e ao ouvir barulho no celeiro, perguntou:

«Quem é que está aí dentro?»

«Oh, somente um insecto pequeno», respondeu a tartaruga.

«A fazer o quê?» perguntou o homem.

«Ando à procura de feijão», disse a tartaruga.

Quando o homem entrou no celeiro, a tartaruga escondeu-se no cesto do feijão. Alguns dias depois a tartaruga foi visitar um elefante e sugeriu, «Vamos ao celeiro do homem que vive no mato para comer feijão».

No dia seguinte o elefante e a tartaruga chegaram ao celeiro e começaram a divertir-se comendo feijão. Mas enquanto comiam o homem regressou e ao ouvir barulho no celeiro gritou em voz alta:

«Quem é que está aí dentro?»

«Responde tu, amigo» sussurrou a tartaruga ao elefante, «mas diz o nome de qualquer outro animal».

«Oh é somente um coelho!» respondeu o elefante abafando um riso.

Mas o homem entrou no celeiro com a sua zagaia e ao vê-lo a tartaruga escondeu-se dentro do cesto do feijão ao passo que o elefante todo atropalhado, foi apanhado e abatido imediatamente.

A tartaruga continuava a vir ao celeiro todos os dias mas o homem não conseguia desvendar o mistério do desaparecimento do feijão. Certo dia a tartaruga decidiu convidar o porco-espinho a acompanhá-la ao celeiro. Mas o porco-espinho que era muito astuto disse: «Não se faz favor; não gosto de roubar».

Envergonhada, a tartaruga meteu a cabeça dentro do casco receando que o porco-espinho lançasse os seus espinhos sobre ela. Momentos depois a tartaruga retirou a cabeça do casco para zombar dele, mas naquele mesmo instante foi atingida por uma avalanche de espinhos. A tartaruga caiu morta no mesmo sítio.

Nunca debes enganar o teu próximo.

12

O HOMEM E A CARRIÇA

Um homem e uma carriça tornaram-se amigos. Um dia a carriça perguntou, «Amigo, qual de nós é mais forte?»

«Bem, penso que sou eu», respondeu o homem.

«Oh! Não penso que és tu», disse a carriça, «mas deixa-me cozinhar *pombe* para ti e então poderemos decidir quem é mais forte».

A carriça foi para casa e tirou do celeiro *mapira* para oitenta panelas de *pombe*. Em seguida ela foi a casa do homem e disse, «Amigo, agora vamos ver a tu força. Vê lá se és capaz de beber todo esse *pombe*». Depois de beber cinco panelas o homem disse, «Basta! Já não posso beber mais».

«Ah, ah! Então és mesmo fraco como uma galinha!» gracejou a carriça.

«Agora, espera um pouco!» disse o homem, «Também posso fazer *pombe* e vamos ver se o consegues beber todo».

Depois de cozinhar noventa panelas de *pombe* o homem convidou a carriça para bebê-lo. Mas a carriça disse a oitenta e nove primas e amigas carriças para vir com ela. E escondeu-as a todas dentro dum saco e com ele pôs-se a caminho da aldeia do amigo. Quando lá chegou, pendurou cuidadosamente o saco numa árvore e foi a casa daquele amigo que a esperava para ver a sua força.

Depois de beber uma panela de *pombe* a carriça disse, «Oh, esqueci-me do meu tabaco», e voou rapidamente para onde o saco se encontrava e disse a uma das carriças, «Agora tu podes ir beber *pombe*».

Outra carriça saiu do saco e foi beber *pombe*. Logo depois de beber uma panela a carriça disse, «Oh amigo, que idiota que sou, esqueci-me do meu cachimbo lá fora», e voou em direcção ao saco. E assim por meio deste estratagemas as carriças acabaram com as noventa panelas de *pombe*.

«Bem, amigo, já não há mais *pombe*», disse a última carriça. «Agora já sabes quem é mais forte».

Cabisbaixo, o homem aceitou a derrota e a carriça vitoriosa foi para casa com o seu saco.

Não te deixes enganar por quem te desafia.

13

A MORTE DO TIGRE

Um dia um tigre muito estimado morreu e todos se reuniram para o levarem ao tribunal dos animais para lamentarem a sua morte.

«Ele que foi ambos pai e mãe para nós faleceu», entoava o leão. E a resposta era, «Ele deixou-nos com a sua glória».

«O nosso grande benfeitor deixou-nos», cantava o leão.

«Ele deixou-nos com a sua glória», repetiam os outros. E assim todos os animais lamentavam a morte do tigre.

Então uma hiena começou também a cantar em voz alta, «Foi-se o pai, foi-se a mãe, foi-se o benfeitor com a sua glória», e a hiena continuou a cantar dessa maneira mas cada vez mais baixo. Subitamente, enquanto ainda cantava, rastejou

até onde estava o corpo do tigre e arrancou-lhe uma perna. Vendo a maldade da hiena, o leão expulsou-a para muito longe.

*Se não tens coragem de dizer em voz alta,
não debes dizer mesmo nada.*

14

O JACARÉ E O GALO

Um dia um galo muito vaidoso foi ao rio e começou a cantarolar:

«O jacaré é meu irmão ... có, có, córó...».

Ao ouvir o canto do galo, o jacaré desafiou-o dizendo: «Desde quando é que nos conhecemos? Eu vivo na água e não tenho penas como tu. Como é que ousas chamar-me teu irmão?»

Mas na manhã seguinte o galo foi novamente ao rio e cantou como tinha feito no dia anterior. O jacaré irritado gritou: «Ó galo, tu debes estar completamente louco!»

Mas ignorando o jacaré, o galo continuava a cantar dia após dia da mesma maneira. Certo dia o jacaré saiu da água e viu uns homens à beira do rio, e perguntou: «É verdade que eu e o galo somos parecidos? Ele vem cá todos os dias dizer ao mundo que somos irmãos!» Os homens levaram o jacaré à presença do chefe para apresentar a sua queixa.

«Ó jacaré, se o que o galo diz não for verdade entregar-te-emos o galo para o comeres», disse o chefe, «caso contrário, morres tu».

«Seja assim mesmo como diz o chefe», concordou o jacaré.

«Chamem cá o galo», ordenou o chefe.

Então o galo e o jacaré compareceram no tribunal da aldeia. O galo trouxe consigo dois ovos, um de galinha e outro de jacaré. O chefe disse ao galo: «O jacaré queixa-se que você vai ao rio todos os dias e insulta-o dizendo que ele é seu irmão! Mas se você vive na aldeia e o jacaré nas águas do rio como é que isso pode ser verdade?»

«Você é chefe e também duvida!» exclamou o galo mostrando-lhe um ovo.

«De quem é este ovo?» perguntou o galo.

«De galinha», retorquiu o chefe. «E este?» perguntou o galo mostrando o outro ovo. «Esse ovo é de jacaré», disse o chefe. «Então isso não prova que somos irmãos?» perguntou o galo. O jacaré testemunhou o argumento boquiaberto.

Os homens pegaram em paus para matar o jacaré mas fugindo velozmente ele desapareceu no rio.

Não se deve desprezar familiares com estatuto menor do que o teu.

O TIGRE E A HIENA

Um dia um tigre foi visitar uma galinha-do-mato e disse-lhe: «Penso que conheces o remédio que procuro».

«Desculpe, mas não entendo?» disse a galinha, «que remédio procuras?»

«O remédio para que eu possa ficar com as cores das tuas penas!»

«Bem, se é mesmo isso que desejas», disse a galinha, «fica aqui e guarda os meus ovos até voltar».

O tigre ficou a guardar os ovos enquanto a galinha procurava o remédio para as cores. Depois de entregar o remédio ao tigre a galinha disse: «Companheiro, não deves esquecer de fazer sempre o bem àqueles que to fazem a ti». O tigre tomou o remédio e logo mudou de cor.

No dia seguinte o tigre foi visitar uma hiena e todo prazenteiro disse: «Olha como o teu companheiro parece elegante!»

«Maravilhoso! Como é que conseguiste essas cores?» perguntou a hiena.

«A galinha-do-mato foi quem mas deu», respondeu o tigre. «Também gostarias de as ter?» Então a hiena foi a procura da galinha e pediu-lhe o mesmo remédio para as cores.

«Fica aqui e guarda os meus ovos», pediu a galinha, «mas se os comeres não te darei o remédio».

«Oh, vá descansada», assegurou a hiena.

Depois da galinha sair a hiena pegou num ovo e comeu-o. Quando a galinha regressou com o remédio disse: «Ei, falta aqui um ovo».

«Bem, fiquei com fome e comi-o», respondeu a hiena com apatia.

«De qualquer maneira vem cá e leva este remédio», disse a galinha. «Mas lembra-te bem que quando fizeres mal ao próximo, não esperes dele qualquer bem».

Depois de tomar o remédio, julgando-se muito bonita, a hiena foi a correr mostrar as suas cores ao tigre e disse, «Olha amigo, também já tenho cores bonitas!»

«Oh sim, mas elas não são nada como as minhas», disse o tigre gracejando, «as tuas cores são feias como café escuro!» Então apareceram dois leões que saltaram sobre a hiena e devoraram-na.

Faz o bem àqueles que te querem bem.

16

A AVEZINHA E A CRIANÇA MORTA

Uma vez uma mulher deu à luz uma criança. Um dia quando ela e o marido se dirigiam para a aldeia de seus parentes, os dois discutiram e decidiram: «Talvez devêssemos matar a criança agora; ela poderá trazer-nos má sorte». Então ambos mataram a criança e esconderam-na num saco.

Uma avezinha ouviu tudo o que o casal disse e começou a cantar em voz alta: «Esta gente matou a criança...».

Quando ouviram a avezinha, o casal agarrou-a, matou-a e atirou-a para dentro do saco. Mas a avezinha apareceu viva à frente deles e começou a cantar como fizera antes. Irritados, apanharam-na novamente, mataram-na, queimaram-na, moeram-na até ficar em pó e depois atiraram-no ao rio. Ao chegaram à aldeia dos parentes, para sua surpresa, viram a mesma avezinha em cima duma casa a denunciar o seu crime. Quando os homens ouviram a avezinha, foram imediatamente abrir o saco e encontraram lá a criança morta. Os homens tomaram os malvados e mataram-nos.

Não penses que é possível ocultar o mal por muito tempo.

17

A COBRA E A JIBÓIA

Era uma vez uma jibóia e uma cobra. Um dia a jibóia declarou: «A terra inteira é minha». «De nenhum modo!» bradou a cobra, «todos sabem que a terra é minha».

Ora, tanto a jibóia como a cobra tinham criadas. A criada da jibóia era uma outra cobra e a criada da cobra, uma lagartixa.

«Foi também você que fez as árvores?» perguntou a cobra.

«Certamente. As florestas e toda a terra», respondeu a jibóia. «Podemos ir perguntar ao rei se você o duvida, mas talvez devêssemos levar as nossas criadas conosco».

Três dias mais tarde, a jibóia e a cobra, juntamente com as suas criadas, partiram para o palácio do rei, que ficava muito longe. Mas como a cobra e a sua criada lagartixa não conseguiam andar depressa ficaram para trás. A lagartixa começou a cantar:

«Ho! Ho! Ho!...»

Nós seguimos-te, seguimos-te, seguimos-te.

Vamos ver o rei,

Lá vamos, lá vamos.

Ho! Ho! Ho!...».

Quando, dias mais tarde, chegaram ao destino a jibóia e a cobra foram levadas à presença do rei, e ele perguntou-lhes, «Quem é que disse que toda a terra foi feita for mim?»

«Fui eu», respondeu a jibóia ousadamente.

«E quem é que disse que fui eu que fiz as árvores?» indagou o rei novamente.

«Também fui eu», repetiu a jibóia.

«Bem, vocês os dois dirijam-se para acolá, ordenou o rei. «Jibóia avança e pode começar a fazer a terra».

«Mas eu já fiz a terra uma vez há muito tempo, então porque é que devo fazê-la outra vez?» disse a jibóia toda enaltecida. «Não faço mais nada».

Então o rei dirigiu-se para a cobra e ordenou que fizesse a terra, mas ela recusou.

«Vocês as duas mentem e portanto merecem uma morte certa», decidiu o rei.

«Mas que crime cometemos para merecermos a morte?» perguntaram elas. «Além disso quem é que nos é capaz de matar? Ninguém nos pode matar, nem mesmo o rei. E aquele que tentar, será o primeiro a morrer».

O rei enfurecido mandou matar a jibóia e a cobra juntamente com as suas criadas.

Não te elogies a ti próprio.

18

O PILÃO DE PEDRA

Havia um homem que tinha decidido que quem quisesse casar com a sua filha teria de fazer um pilão de pedra. Um dia veio um pretendente e o homem disse: «Se quiseres casar com a minha filha terás de fazer um pilão de pedra e nada mais».

«Mas como é que se faz um pilão de pedra?» perguntou o rapaz todo pasmado. «Bem, se começas com essa pergunta, o melhor é ires embora imediatamente», disse o homem.

Muitos pretendentes vieram e o pai da rapariga só exigia que fizessem um pilão de pedra. Mas nenhum deles foi capaz de executar a tarefa.

Então um belo dia apareceu um rapaz baixo mas muito astuto e disse ao pai da rapariga: «Desejo casar com a sua filha».

«Muito bem, então faz um pilão de pedra», ordenou o homem.

«Dá-me alguma comida, se faz favor», pediu o rapaz.

A rapariga deu-lhe farinha e outras coisas e o rapaz dirigiu-se para o mato onde devia cavar um pilão de pedra. Quando sentiu fome cozinhou a farinha e comeu; e todos os dias ia à aldeia pedir mais farinha à rapariga.

Cada vez que ela o via na aldeia perguntava: «Então, você já fez o pilão?» «A parte de fora já está quase pronta», explicava ele, «e daqui a dois dias vou começar a trabalhar por dentro». E essa era a resposta que ele dava sempre que a rapariga lhe perguntava acerca do pilão. Depois ela dava-lhe mais farinha – mas ele só comia e dormia todo o dia.

Um dia o rapaz disse à rapariga: «Amanhã vou terminar o pilão de pedra». Mas ele dormiu o dia inteiro e no dia seguinte foi à aldeia todo contente e anunciou: «O pilão já está pronto. Agora você tem de fazer uma rodela para podermos transportar o pilão».

«Mas que espécie de rodela?» quis saber a mãe da rapariga.

«Rodela de fumo», respondeu o rapaz.

Então a mãe e a filha juntaram palha e queimaram-na para fazer fumo, mas não sabiam como apanhá-lo. Queimaram montes de palha para darem uma rodela de fumo ao rapaz, mas tudo em vão.

«Nós não sabemos como se faz essa rodela», disseram as duas mulheres.

«Bem, se vocês não sabem como se faz uma rodela de fumo como é que podem esperar de mim um pilão de pedra?» disse o rapaz.

Ao ouvir o atrevimento do rapaz, a mãe da rapariga foi queixar-se ao rei mas ele declarou: «Bem, se vocês não sabem fazer uma rodela de fumo como é que podem pedir a este rapaz para fazer um pilão de pedra? Você tem de dar a sua filha a este rapaz». E assim foi.

A astúcia pode às vezes fazer do impossível possível.

19

O COELHO QUE MUDAVA DE PELE

Viviam no mato alguns coelhos e não muito longe deles havia um outro coelho muito astuto que gostava de viver sozinho. Um dia todos os coelhos, incluindo o coelho esperto, juntaram-se e decidiram cultivar uma *machamba* muito grande. E semearam-na de feijão e quando ela produziu fruto todos os coelhos se sentiram muito felizes com a abundância. Um dia decidiram colher algum feijão para cozinhar. Na manhã seguinte dirigiram-se para a *machamba* e colheram três cestos cheios – e cozinharam-nos. O coelho esperto pensou que se todos eles comessem o feijão a sua partilha seria muita pequena. Pensando assim quando eles acabaram de cozinhar o feijão ele disse: «Companheiros, deixemos o feijão arrefecer. Entretanto vou ao rio lavar-me».

Mas ao chegar ao rio este coelho esperto despiu a sua pele, tirou uma outra que ele tinha escondido dentro do tronco duma árvore, vestiu-a e foi assustar os seus companheiros. Ao verem um animal de pele encarnada, e temendo ser

alguma fera, os coelhos fugiram deixando todo o feijão para trás, após o que o coelho esperto o devorou todo.

No dia seguinte quando os coelhos lhe contaram o sucedido, o coelho esperto perguntou: «Mas de que tamanho era essa fera que viram ontem?»

«Mais ou menos do nosso tamanho mas tinha uma pele encarnada que metia medo», disseram eles.

«Deixem isso comigo», disse o coelho esperto, «vou fazer uma zagaia para a matar». E fez uma zagaia mas logo depois rachou-a ao meio e disse aos seus companheiros, «Vamos colher mais feijão». Os coelhos colheram quatro cestos e cozinharam-no. Quando o feijão ficou pronto o coelho esperto disse: «Vou-me lavar. Se aquela fera de pele encarnada vier hoje não fujam. Vocês têm uma zagaia; atirem-na contra a fera a valer se ela voltar novamente».

Então o coelho esperto foi ao mato, vestiu a pele encarnada e veio assustar os seus companheiros. Quando ele se aproximou dos coelhos um deles pegou na zagaia mas ao esticá-la para atirar contra a fera, ela quebrou-se ao meio. Assustados, os coelhos fugiram e outra vez a fera de pele encarnada comeu todo o feijão.

Na manhã seguinte quando os coelhos se reuniram, o coelho esperto perguntou: «Onde é que está o feijão que tínhamos cozinhado ontem?» «Aquele mesma fera veio outra vez e comeu tudo», disseram os coelhos.

«Não acredito!» Então como é que essa fera pode vir todos os dias comer o nosso feijão?, inquiriu o coelho esperto. «Julgo que foram vocês que comeram todo o feijão!»

«Não, não fomos nós que comemos» juraram os pobre coelhos.

Três dias depois foram colher mais feijão, e cozinharam-no. «Vou lavar-me», disse o coelho e avisou, «mas por favor não tentem comer o feijão e vir depois contar histórias de feras de peles vermelhas!»

Mas entre os coelhos havia lá um que era mais ajuizado que começou a suspeitar dessa fera de pele encarnada. No dia seguinte quando o coelho esperto foi ao rio lavar-se como de costume, o coelho ajuizado seguiu-o, e qual não foi o seu espanto ao ver o seu companheiro vestir uma pele encarnada! E apressou-se a avisar os seus companheiros e disse: «Olhem, o nosso amigo tem estado a enganar-nos a todos; e nós julgámos que era uma fera que vinha atacar-nos! É ele mesmo».

Então quando o coelho esperto apareceu na sua pele encarnada os seus companheiros começaram a rir-se dele. Humilhado, fugiu para o mato para mudar de pele mas não encontrou a sua pele. Aflito voltou para os seus companheiros e suplicou: «Oh, perdoem-me e devolvam-me a minha pele se fazem favor».

«Mas tu só nos enganavas, e nos deixavas à fome», disseram eles e recusaram entregar a pele. Quando chegou o calor ardente do meio-dia o coelho que se julgava muito esperto morreu todo queimado.

Há sempre alguém mais astuto do que uma pessoa julga ser.

JOÃO E MANUEL

Havia em Tete dois irmãos – o João e o Manuel. Um dia ambos foram ter com um *muzungo* e pediram-lhe trabalho. Então o *muzungo* perguntou-lhes: «Que trabalho vocês sabem fazer?»

«Eu posso lavar pratos», respondeu João.

«Posso ser pastor», disse Manuel.

O *muzungo* deu a cada um o trabalho que pediram.

Mas o João não gostava do Manuel, e sorratamente sugeriu: «Senhor, porque é que não manda o Manuel apanhar as missangas que eu vi cáirem no rio?» Mas na verdade o João é que tinha espalhado um caixote inteiro de missangas no rio.

O *muzungo* ficou admirado quando ouviu que o Manuel também conseguia fazer esse trabalho. Mandou chamar o Manuel e ordenou: «Vai buscar todas as missangas que cáíram no rio».

Quando o Manuel chegou ao rio começou a pensar o que devia fazer. Um peixe viu-o e perguntou: «Porque estás assim tão triste, amigo?» O Manuel explicou a ordem do *muzungo*. Imediatamente o peixe mergulhou e apanhou todas as missangas e entregou ao Manuel. Depois de agradecer o peixe, Manuel deu as missangas ao *muzungo*. Poucos dias depois o João disse ao *muzungo*: «Senhor, agora podia mandar o Manuel enterrar-se numa cova. Eu sei que ele é forte e que consegue sair de lá vivo».

«Não posso acreditar nisso», protestou o *muzungo*, «ou será que você quer matar o seu irmão?» Contudo o *muzungo* espantado deu ordens para que o Manuel se enterrasse numa cova funda. Algumas horas depois o Manuel saiu da cova e foi logo pastorear o rebanho do seu patrão, e evidentemente, ele começou a suspeitar que o seu irmão é que o queria ver morto. Na manhã seguinte o *muzungo* ficou surpreendido ao ver o Manuel vivo. Então o Manuel disse-lhe: «Senhor, se der um tiro na cabeça do João, ele não morrerá». «Verdade?» disse o *muzungo* ainda mais admirado. O *muzungo* deu um tiro na cabeça do João – e claro, o João caiu no chão morto.

O mau será certamente punido mais cedo ou mais tarde.

O VIAJANTE E O PIOLHO

Um viajante que estava de caminho parou para pedir água a um homem. Esse homem disse-lhe: «Se quiseres água podes tirá-la do poço».

O viajante tirou água do poço e bebeu-a. Quando ia tirar mais para o caminho ouviu uma coisa que cantava em língua chissena: «Sou um piolho pequenino, mas embora pequeno posso morder a valer». Assustado, o viajante fugiu para a aldeia. Ao chegar lá disse: «Vocês querem ver uma coisa grande que aterroriza com o seu canto?» «Você deve estar a mentir», disseram os aldeões. Mas o viajante insistiu que fossem ver com os seus próprios olhos; então todos os aldeões foram com o viajante para ver o que é que estava dentro do poço. «Agora tirem água do poço e bebam», disse o viajante. Eles tiraram e beberam. «Mas então onde está essa fera grande que vos assustou?» perguntaram os homens já irritados. «Bebam novamente e vejam!» sugeriu o viajante.

Quando começaram a tirar mais água ouviram uma coisa a cantar em chissena. E todos julgaram ser um monstro e fugiram para a aldeia. Uma criança que passava por aí e os viu a correr perguntou: «Porquê é que vocês correm dessa maneira?»

«Ouvimos um monstro», disseram eles. «Monstro? Onde? Vamos ver esse monstro», disse a criança admirada.

Quando chegaram ao poço eles olharam para dentro e viram lá um pequeno piolho, o qual apanharam-no logo.

«Ah, então era esse piolhinho que vos metia assim tanto medo?» perguntou a criança rindo-se.

«Ah! Como ele nos aterrorizava», os camponeses suspiraram de alívio. E todos eles regressaram em paz para a aldeia.

*Não se deve desprezar as pessoas sem estatuto
pois também elas podem ser muito úteis.*

22

OS QUATRO IRMÃOS

Era uma vez quatro irmãos que viviam numa aldeia. Na hora da morte, o pai deu-lhes a única coisa que ele possuía neste mundo – uma zagaia.

Um dia os quatro irmãos decidiram ir caçar juntos e levaram consigo a zagaia. No caminho encontraram um búfalo. O mais velho matou-o logo com a zagaia. Os outros irmãos disseram: «Vamos pedir ao nosso irmão alguma carne».

«Esta zagaia é mágica. Levem-na vocês mesmos e vão caçar», disse o irmão mais velho.

Então o segundo irmão pegou na zagaia e foi para o outro lado do mato acompanhado por outros dois irmãos.

Quando chegaram ao pé dum riacho depararam com pegadas de animal e logo uma zebra sentada. O segundo irmão matou-a com a zagaia. O terceiro

voltou-se para o quarto e disse: «Agora podemos comer com o nosso irmão». Mas o segundo irmão respondeu: «Oh, não. Recordam-se o que o nosso irmão mais velho disse? Esta zagaia é mágica». «Cacem vocês mesmos», disse ele entregando a zagaia ao terceiro irmão.

O terceiro irmão tomou a zagaia e foi pelo mato fora com o irmão mais novo. Quando chegaram a um rio avistaram um hipopótamo que o terceiro irmão o matou prontamente. «Finalmente, agora vamos comer juntos», sugeriu o irmão mais novo. «Não, tu deves recordar as palavras do irmão mais velho acerca desta zagaia», o terceiro irmão disse, oferecendo-lhe a zagaia.

Sem forças, o irmão mais novo continuou a caminhar sozinho pelo mato com a zagaia. Algumas horas depois ouviu uma avezinha a chamá-lo. A avezinha deu-lhe uma maçã. À tardinha ouviu de novo a mesma avezinha a encorajá-lo a caminhar para a frente. No caminho encontrou roupa pendurada num embondeiro e ele tirou uma camisa e vestiu-a. Ouviu novamente a avezinha a animá-lo a caminhar para diante e uma hora depois deparou com uns chifres numa cova, mas não os pôde levar. Mais adiante encontrou um montão de armas, mas também não conseguiu levá-las, mas uma zebra que andava por aí engoliu tudo aquilo que ele viu pelo caminho.

Ao cair da noite o rapazito dormiu ao pé duma árvore e quando acordou viu a mesma zebra que tinha engolido a roupa, os chifres e as armas a descansar ao pé dele. Ao sentir sede o rapaz foi à procura de água e depois de encontrar disse à zebra, «Também queres beber água?» Quando a zebra bebeu alguma água, expeliu todas as coisas que tinha consumido previamente e o rapaz guardou tudo isso.

Dois dias depois, o rapazito chegou a uma aldeia de que gostou muito. Lá ele construiu uma casa grande para si e pouco depois tornou-se muito rico. Anos passaram e um belo dia os seus irmãos vieram a essa aldeia. Ao reconhecê-los, o irmão mais novo chamou-os e deu-lhes muita roupa e outros presentes.

«Vocês não me conhecem?» perguntou ele. «Não, senhor», responderam eles. Então o irmão mais novo perguntou: «Não são vocês irmãos? E não foi você que matou um búfalo com uma zagaia que o vosso pai vos deu? E você uma zebra? E você não matou um hipopótamo? Não se recordam de mim? Sou o vosso irmão mais novo!»

«Oh, perdoa-nos, senhor», imploraram os três irmãos. «Vocês podem ficar a viver comigo», disse o irmão mais novo e ele deu-lhes terras, trabalhadores e mais roupa. E assim todos viviam felizes.

Um dia o irmão mais velho sentiu inveja e disse: «Devemos juntar-nos e fazer guerra contra o nosso irmão mais novo. Debaixo dele nunca vamos ficar ricos». Então os três irmãos juntaram-se e decidiram fazer guerra contra o mais novo, e logo houve uma grande guerra, na qual o mais velho foi morto e os outros dois foram feitos prisioneiros.

«Vocês escolheram pagar-me com o mal o bem que vos fiz», disse o irmão mais novo muito irado, e também ordenou que os outros dois irmãos fossem mortos.

Clemência recompensa – inveja destrói.

23

A HIENA-HOMEM

Um dia uma hiena transformou-se em homem e foi à procura de mulher. Poucos dias depois de casar com ela a hiena-homem disse à sua sogra: «Agora vou para casa com a minha mulher». A sua mulher tinha um irmão mais novo que insistia em acompanhá-la para a aldeia do marido. «Tu não podes vir comigo» bradou ela mas o rapaz estava decidido a segui-la. Quando a mulher chegou à aldeia do marido ainda perguntava ao seu irmão: «Porque é que vieste?»

«Deixa-o em paz; ele pode ficar contigo», disse o seu marido. «Mas eu não quero que ele fique aqui», afirmou ela. Pela tarde o homem transformou-se de novo em hiena e foi para o mato encontrar-se com as suas companheiras e quando as viu disse: «Venham comigo caçar carne que não tem pêlos».

Muitas hienas seguiram-na à aldeia mas reconhecendo o cunhado-hiena, o rapaz perguntou: «Porque é que mudaste de aparência?» A hiena-homem disse, «Tu não sabes o que dizes! Não entendes que à noite o rosto torna-se diferente?» As hienas que estava fora à espera da carne ficaram impacientes com a demora e gritaram: «O que é que vocês andam a discutir aí dentro? E todas elas começaram a cantar:

«A cabeça é para mim! Sim, ó que lindo rosto!

As orelhas são para mim! Sim, ó que lindas orelhas!

Os olhos são para mim! Sim, ó que lindos olhos!

O nariz é para mim! Sim, ó que lindo nariz!

As mãos são para mim! Sim, ó... Deixemo-lo engordar».

Pela manhã as hienas regressaram ao mato e a hiena transformou-se em homem outra vez. De regresso à casa ele encontrou-se com o rapaz e disse: «Hoje pareces muito triste?» «Não estou triste», foi a resposta do rapaz. Mas no dia seguinte ele disse baixinho à sua irmã: «Vamos fugir daqui. Esse homem com quem casaste é realmente uma hiena». E decidiram fugir.

Duas horas depois chegaram ao pé dum rio e viram um sapo. A jovem mulher disse ao sapo: «Se faz favor ajude-nos a atravessar o rio. Pagar-lhe-emos o que quiser». «Você já me pisou quando passou por aqui com o teu marido», o sapo queixou-se muito aborrecido. «Oh, tenha compaixão de nós e perdoa-nos», rogou o rapaz.

Então o sapo engoliu-os para os levar para o outro lado do rio. Quando a hiena-homem chegou ao rio e viu o sapo, perguntou-lhe: «Viste por aqui a minha mulher e o seu irmão?»

«Ninguém passou por aqui», respondeu o sapo, e saltando para o rio nadou para a outro lado. «Olha, a tua mulher está aqui comigo», gritou o sapo. Então a hiena-homem mergulhou no rio mas afogou-se. Entretanto o sapo levou a rapariga e o seu irmão para a aldeia deles.

«Ó mãe, a minha irmã casou com uma hiena que nos queria comer», disse o rapaz, «mas este sapo salvou-nos».

Deram ao sapo um grande prato cheio de azeite e satisfeitíssimo ele regressou ao rio.

*Quando te encontrares em dificuldades
recorda-te que mesmo as pessoas insignificantes podem ser prestáveis.*

24

A RAPARIGA E OS PRETENDENTES

Havia um homem que não queria que a sua filha casasse. Ele mandava embora todos os homens que vinham pedir a mão da sua filha, mas um dia o pai disse: «Aquele homem que conseguir cortar o *mutondo* que eu lhe der só com um golpe de machado, poderá casar com a minha filha».

Os homens que ouviram da prova do *mutondo* sabiam perfeitamente bem que era impossível cortar um *mutondo* dessa maneira. Contudo, dias depois apareceu um rapaz a pedir a mão da rapariga.

«Toma este machado e corta aquele *mutondo* só com um golpe», ordenou o homem. «Se conseguires cortá-lo poderás ficar com a minha filha».

No dia seguinte o rapaz foi à *machamba* tentar a sua sorte mas não conseguiu cortar o tal *mutondo*. Outro aspirante também tentou cortar a árvore mas em vão – e também muitos outros mas sem qualquer sucesso.

Certo dia apareceu na aldeia outro rapaz que queria casar com a rapariga. Depois de ouvir atentamente o pai da rapariga, o rapaz disse: «Voltarei cá amanhã».

Entretanto o rapaz atirou para dentro do *mutondo* quatro ratos roedores. Pela tarde aquelas criaturas já tinham carcomido metade do *mutondo* e continuaram a roer pela noite fora sem parar. Ao amanhecer o rapaz foi ter com o pai da rapariga e disse: «Agora vou cortar o *mutondo*».

«Bem, leva este machado e corta com um golpe», disse o homem seguindo o rapaz com a sua filha. «Afastem-se», gritou o rapaz e aproximando-se do grande *mutondo* cortou-o só com uma machadada.

Então o homem deu a filha a este rapaz astuto e uma semana depois houve um grande casamento na aldeia.

A esperteza pode vencer dificuldades.

25

O PRÍNCIPE E O CÃO

Um dia um rei ofereceu um cão ao filho. Todo contente, o príncipe foi para a praia com o cão brincar com os seus companheiros. A certa altura o príncipe pequeno disse: «Rapazes, vamo-nos tatuar para ver quem tem mais gordura». Os seus companheiros concordaram.

«Quem vai ser o primeiro?» perguntaram eles. «Vamos começar pelo príncipe», um deles sugeriu. «Boa ideia», concordaram os outros.

Os rapazes tatuaram no umbigo do príncipe mas poucos dias depois o rapaz morreu duma infecção. Ao ver o seu dono morto, o cão enterrou-o e chorou pela sua perda. Então, em seguida, o cão começou a ganir:

«Os rapazes tatuaram no umbigo do meu senhor,

E o filho do rei morreu.

Enterrei-o na praia e chorei».

«Vocês ouviram o que aquele cão está a dizer?» perguntaram os rapazes uns aos outros. «Talvez fosse melhor matá-lo agora mesmo». Os rapazes pegaram em paus e pedras para matar o cão, mas ele conseguiu fugir. Quando os rapazes regressaram à aldeia a rainha perguntou-lhes, «Onde está o meu filho?» «Oh, ele regressou à aldeia antes de nós», responderam eles. «Mas ele não está aqui», disse ela e naquele momento apareceu o cão do príncipe a chorar e a cantar. «Ouviram o que aquele cão está a dizer?» perguntaram os aldeões seguiram o cão. Quando chegaram à praia o cão desenterrou o seu senhor e os homens entregaram o corpo à mãe do príncipe. Ao ver o filho morto, a rainha decidiu punir os rapazes que mataram o seu filho – e assim no dia seguinte ela deu ordem para que fossem encarcerados.

Não tentes esconder o mal, pois em vão o fazes.

26

OS HOMENS, O LEÃO E O COELHO

Um dia um leão entrou numa povoação e devorou todos os homens mas as mulheres escaparam porque andavam a trabalhar na *machamba*. Poucos dias

depois apareceu um coelho na aldeia. Vendo que as mulheres trabalhavam sozinhas na *machamba* perguntou, «Onde é que estão os vossos maridos?»

«Um leão devorou-os a todos», disseram elas. «Vou matar esse leão», jurou o coelho. «Mas como é que o vais matar?» perguntaram as mulheres admiradas, contudo deram-lhe um cesto de feijão e prometeram-lhe dar outro depois.

O coelho tomou uma barra de ferro e foi à procura do leão mas só encontrou os seus filhotes no covil. «Onde está o vosso pai?» perguntou o coelho aos leõezinhos. «Foi caçar», responderam eles. «Ora bem, quando regressar mandai furar esta barra neste ponto», ordenou o coelho.

Quando o leão regressou os leõezinhos contaram o que o coelho tinha dito. O leão rugiu zangado, «Se aquele coelho voltar mandem-no embora».

Quando o coelho regressou no dia seguinte, perguntou: «O leão já furou a minha barra?» «Ainda não», admitiram os leõezinhos. Então o coelho arrebatou um deles e matou-o. «Dizei ao vosso pai para furar a barra como eu quero, senão matarei mais um de vocês amanhã», o coelho ameaçou-os severamente. Quando o leão regressou os filhos contaram-lhe tudo.

No dia seguinte o leão fez uma fogueira e deixou lá a barra até ficar bem vermelha. Quando foi tirá-la queimou as mãos de modo que não foi capaz de furar a barra. Receosos o leão fugiu com a sua mulher e filhos para uma ilha – mas logo o coelho seguiu as pegadas do leão e quando se encontrou com os seus filhos perguntou: «A barra já está furada?» «O nosso pai não consegue furar a barra», lamentaram os leõezinhos. O coelho agarrou noutro leãozinho e matou-o. Ao ver só dois filhos, o leão fez outra fogueira para furar a barra mas queimou-se novamente. Dois dias depois o coelho encontrou-se com os leõezinhos e perguntou: «Onde está a minha barra?» E vendo que o leão tinha fugido pegou nos dois restantes leõezinhos e matou-os.

O leão e a sua mulher fugiram para muito longe para nunca mais voltarem. Então o coelho foi para a aldeia para receber a sua recompensa. «Aquele leão nunca mais há-de ameaçar-vos», assegurou o coelho. «Vamos te dar um homem», disseram as mulheres. «Mas homem não quero», disse o coelho. «Então vamos-te oferecer uma *machamba* de feijão», disseram elas – mas deram-lhe três *machambas*!

«Se algum outro leão aparecer, avisem-me», disse o coelho. E assim daí por diante os camponeses ficaram a viver felizes e em paz.

Quando te sentires desamparado recorda-te que frequentemente em tais momentos aparece uma alma gentil.

NYANTETE

Numa certa terra havia um rio que tinha muitos peixes. Um dia um grupo de raparigas decidiu ir pescar. Quando elas chegaram ao rio uma delas disse: «Agora quem é que nos vai ajudar a atravessar o rio? Aqui não há nenhuma almadia». Então uma das raparigas chamou um jacaré e pediu: «Se faz favor, pode leva-nos para o outro lado?» «Quem é que me chamou?» perguntou o jacaré. «Eu mesmo», respondeu Nyantete. «Subam para as minhas costas», o jacaré convidou as raparigas. Ao atravessar o rio com as raparigas, o jacaré começou a cantar:

«Vocês raparigas andam a brincar com o jacaré que come gente. Foi demais...».

Nyantete e as outras raparigas também cantavam, «aye... yi... yi... yi i...».

Do outro lado do rio apanharam bastante peixe até encherem os seus cestos. Em seguida pediram ao jacaré para levá-las de volta.

Quando as raparigas regressaram à aldeia as suas mães perguntaram: «Como é que vocês apanharam assim tanto peixe?» «Um jacaré ajudou-nos a atravessar o rio», disseram elas. «Mas filhas, porventura não quer essa fera comer-vos?» perguntaram as mulheres atemorizadas. As raparigas exclamaram: «Claro que não. O jacaré é uma boa almadia!»

No dia seguinte foram de novo ao rio e vendo o jacaré a descansar na margem do rio, chamaram-no. As raparigas subiram para cima das costas dele e atravessaram o rio. Pela tardinha, depois de terem apanhado muito peixe, chamaram novamente o jacaré que disse: «Muito bem, subam».

Quando chegaram ao meio do rio o jacaré disse, «Não vos tinha avisado para não brincarem com o jacaré que come gente?» Ao ouvir isso as raparigas ficaram muito aflitas e lembraram-se da advertência de suas mães. O jacaré mergulhou duas vezes no rio onde um outro jacaré que passava por ai nesse momento comeu algumas raparigas. Depois o jacaré-barqueiro comeu a pobre Nyantete.

Os jovens devem respeitar e estimar a experiência dos adultos.

UM COELHO NA BARRIGA DO ELEFANTE

Um dia um coelho deparou com um elefante morto e decidiu cortar-lhe a barriga e extrair as entranhas. Em seguida foi abater uma árvore e fez um forte cajado. No dia seguinte pôs-se a caminhar pelo mato adentro com esse cajado grande. Quando ele viu uma zebra com os seus filhos, disse: «Tenho tanta vontade de matar os teus filhotes!»

E assim o coelho bateu com força com o grande cajado e matou uma das zebras pequeninas, após o qual o coelho fugiu e foi esconder-se na barriga do elefante. Minutos depois ouviu alguém aproximar-se. O coelho perguntou com uma voz retumbante, «Quem vem aí?» «Uma zebra, senhor. Ando a procura dum coelho que matou um dos meus filhos». «Vai-te embora agora. Amanhã veremos isso», ordenou o coelho.

No dia seguinte o coelho avistou um tigre com os seus filhos e aproximando-se deles, disse: «Dá-me imenso gosto matar os teus filhos». «Como é que ousas dizer tal coisa?» bradou o tigre. «Porque não? E quem me pode impedir?» perguntou o coelho danado. «Bem mata e logo veremos isso», o tigre desafiou o coelho. Então o coelho matou um tigrezinho com o grande cajado e fugiu para dentro da barriga do elefante. Ao ouvir passos perto do elefante o coelho perguntou com voz estrondosa, «Quem é que anda por aí?» «É um tigre, senhor. Estou a procura dum coelho que matou o meu filho», respondeu o tigre. «Agora deves fugir. Falaremos disso amanhã», ordenou o coelho.

Dois dias mais tarde o coelho encontrou-se com um leão enorme que estava a descansar com os seus filhos à sombra de uma árvore. «Como gostaria de matar os teus filhos!» exclamou o coelho e levantando a grande cajado, degolou um leãozinho e desapareceu dentro da barriga do elefante. Quando ouviu passos perguntou com uma voz ameaçadora. «Quem é você e o que anda a fazer por aqui?» «Um leão, senhor. Ando a procura dum coelho que matou o meu filho», disse o leão. «Vem amanhã para conversarmos sobre esse assunto», sugeriu o coelho.

Um dia depois o coelho deparou com um rato pequena com filhos. «Os teus filhos são tão engraçados!» exclamou o coelho rindo-se deles. «Sim, e ouvi dizer que anda por aí um coelho a matar os filhos dos outros animais. Não será porventura você...», perguntou a rata desconfiada.

«Oh sim, fui eu mesmo que matei os filhos da zebra, do tigre e do leão, e estes ratinhos, quem são eles?» disse o coelho encolerizado. «Também posso matá-los facilmente». E o coelho matou um ratinho e fugiu. Mas a rata correu atrás dele – e quando ele entrou na barriga do elefante a rata seguiu-o também. Cansado de muito correr, o coelho largou o cajado e a rata pegou nele e deu uma cajadada fortíssima na cabeça do coelho.

Aqueles que vencem os fortes são por vezes derrotados pelos fracos.

O GALO E O MORCEGO

Um morcego e um galo tornaram-se grandes amigos. O morcego era muito esperto. Um dia o morcego veio visitar o galo e disse: «Amigo, queres ver um milagre?»

«Um milagre!» perguntou o galo admiradíssimo. O morcego então pediu ao seu filho para deixar uma panela com feijão ao fogo e disse: «Agora vou saltar para dentro da panela e ficar lá até o feijão ficar bem cozido». «Mas, amigo, vais morrer cozido!» disse o galo atemorizado. «Oh não, claro que não. Isso é um milagre», assegurou o morcego.

O morcego entrou na panela mas silenciosamente zarpou para o tecto sem que o galo notasse esse movimento. E ficou lá a ver o que é que o seu amigo, o galo, iria fazer em seguida. Vinte minutos mais tarde a panela ficou muito quente. «Agora vamos ver se o morcego ainda está vivo», disse o galo. Quando o galo destapou a panela, no meio daquela fumaraça, o morcego mergulhou na panela e saiu imediatamente de lá.

«Amigo, já vês agora que eu faço milagres», gabou-se o morcego. «Sim, realmente», concordou o galo atônito. «Amanhã vou fazer outra vez o mesmo milagre», prometeu o morcego.

No dia seguinte o morcego foi à casa do galo, e o galo disse, «Filho, trás algum feijão e põem ao fogo para fazermos um milagre». O galito trouxe uma panela de feijão e levou-a ao lume – e desta vez foi o galo que entrou na panela. Quando a água ferveu, evidentemente, o galo simplório morreu. «Amigo, estás bem aí», perguntou o morcego espreitando para dentro da panela mas não houve qualquer resposta. «O teu pai deve estar morto», informou o morcego todo satisfeito consigo e logo regressou à casa.

No dia seguinte, o filho do galo foi ter com um outro galo, seu amigo, e juntos decidiram ensinar uma boa lição ao morcego. Começaram por cortar a cabeça do galo morto.

No dia seguinte quando o morcego veio à casa do galito e perguntou, «Onde está o teu pai?» o galo pequeno disse, «Oh foi ao barbeiro. Você sabe, ele cortou a cabeça e mandou-a ao barbeiro». «Você deve estar a mentir pois isso não é possível», protestou o morcego. «Sim, mas evidentemente aquilo foi um milagre. Pode ver o seu corpo aqui mesmo», o galito explicou e mostrou-lhe o corpo de seu pai sem cabeça. «Então ele também faz milagres?» inquiriu perplexo o morcego. «Oh sim, e logo vai vê-lo vivo», assegurou o galito. Enquanto falavam o galito esperto escondeu o corpo sem cabeça de seu pai, para dar entrada ao seu amigo, o galo cúmplice.

Ao ver o galo vivo o morcego disse: «Penso que também vou tentar fazer aquele milagre».

O morcego foi para casa e cortou a sua própria cabeça. No dia seguinte o galo astuto foi à casa do morcego e perguntou ao seu filho: «Onde é que está o teu pai?» «Foi ao barbeiro», disse o morcego pequeno. «Não penso que isso é verdade», informou o galito. «O teu pai matou-se a si próprio. Ele enganou o meu pai, mas eu vinguei-me». E mofando-se do morcego o galo foi-se embora.

Engana os outros, e serás um dia enganado a dobrar.

30

O JACARÉ E A ÁGUIA

Um dia um jacaré ficou doente e perguntou à sua mãe: «Qual é o remédio para esta moléstia?» «Sal» respondeu ela. Naquele momento apareceu um coelho e o jacaré disse, «Senhor, pode fazer o favor de me arranjar um pouco de sal para este mal-estar?»

«Então você quer que eu vá à aldeia para os homens me matarem! Porque é que me tenta enganar?» disse o coelho muito irritado. «Amigo, porque pensa assim?» perguntou o jacaré. «Então como quer que pense?» inquiriu o coelho, «E se quiser brigar comigo, estou pronto». O jacaré disse: «Não, e se faz favor vá embora; não quero nenhuma discussão consigo mas se continuar a pensar dessa maneira venha cá depois de alguns dias».

Pouco depois apareceu uma ratazana a quem o jacaré lhe contou a sua triste história. «Espero que não faças como aquele coelho», disse o jacaré.

«Senhor jacaré, talvez o rato e o galo que vivem na aldeia o possam ajudar», sugeriu a ratazana. «Bem, então quando fores à aldeia diz-lhes que preciso de um pouco de sal», implorou o jacaré.

Mas a ratazana foi para casa e esqueceu-se completamente do pedido do jacaré. O pobre jacaré já se encontrava bastante fraco quando chegou uma águia. «Senhora, podia trazer-me um pouco de sal para a minha doença?» rogou o jacaré e sugeriu, «talvez o galo e o rato que vivem na aldeia a possam ajudar». A águia voou para a aldeia e quando viu o galo, disse: «Senhor, podia arranjar-me um pouco de sal?» O galo foi imediatamente comunicar ao rato, e este foi logo a uma palhota onde havia muito sal. E deu um saco de sal ao galo, que por sua vez o entregou à águia. Como sinal de agradecimento, a águia colocou umas penas lindíssimas à volta do pescoço do galo.

Sem perder tempo a águia deu o sal ao jacaré e o jacaré disse: «Companheira águia, você pode pescar no rio Zambeze sempre que quiser. Eu a protegerei». Desde então a águia e o jacaré tornaram-se grandes amigos.

Ajuda o teu próximo se quiseres que ele te ajude a ti.

O CEGO, O CARRANCUDO E O LEÃO

Um cego construiu uma palhota ao pé de um rio. Pouco depois veio um carrancudo e disse: «Também vou construir uma palhota aqui para vivermos juntos». Quando o carrancudo completou a sua palhota, o cego disse: «Vamos atravessar o rio». Eles atravessaram o rio e continuaram a caminhar para a frente. Enquanto caminhavam, o cego esbarrou-se com uma tartaruga e disse ao carrancudo: «Podes guardar isso no teu saco», e continuaram a jornada. Momentos depois o carrancudo encontrou um rabo de rinoceronte e guardou-o também no saco. Enquanto caminhavam o cego sentiu algo debaixo dos seus pés e exclamou, «Olha o que encontrei!» «Encontraste o quê?» perguntou o carrancudo. «Um dente de elefante», disse o cego, «guarda isso também no teu saco».

O cego e o carrancudo continuaram a sua jornada. A pequena distância o carrancudo deparou com uma espingarda e cartuchos e também guardou essa coisas no saco. Quando já era noite chegaram a uma aldeia e avistaram uma casa grande e desabitada, e decidiram entrar e passar a noite lá.

No dia seguinte quando as mulheres locais viram gente na casa grande disseram: «Vocês não podem ficar aí». «De quem é esta casa?» perguntou o cego. «Ela pertence ao nosso marido, o leão», responderam as mulheres. «Nós não temos medo de ninguém», disseram os dois viajantes. «Somos muito fortes». «Bem, então vão ver...». disseram elas. Pouco depois chegou o leão e cheirou homens em sua casa; e aproximando-se devagarinho da porta, achou-a encerrada. «Quem é que está aí dentro?» bradou o leão. «Aqueles que te querem comer mesmo esta noite», respondeu o cego com voz temível. «Então vocês são mais valentes do que eu?» desafiou o leão.

«As nossas carraças não são como as tuas», responderam eles. «Aproxima-te da janela e mostra uma das tuas carraças». O leão arrancou uma das suas carraças e mostrou-lhes. «As tuas carraças são mesmo assim tão pequeninas?» perguntaram eles rindo-se do leão.

«Aqui está a nossa carraça! disse o carrancudo mostrando a tartaruga. Vendo a tartaruga o leão fugiu. «Porque foges?» perguntaram eles. «A vossa carraça há-de quer arrancar as minhas pestanas», disse o leão aproximando-se lentamente da janela. «Mas vocês têm bigode como o meu?» inquiriu o leão. «O nosso bigode é mais forte do que o teu», respondeu o cego. «Se quiseres vê-lo, mostra primeiro o teu». O leão tirou um bigode e mostrou-lhes. «O teu bigode é assim tão fininho?» perguntaram eles zombando. «Aqui, olha para o nosso», disse o carrancudo mostrando o rabo do rinoceronte.

«Vocês devem estar a gozar comigo», rugiu o leão confuso, «acho que devo devorar-vos agora mesmo!» «Certo, mas antes disso tens de mostrar os teus dentes», demandou o cego. O leão arrancou um dente e mostrou-lhes. «Agora

vou-te mostrar o meu», disse o carrancudo atirando o dente de elefante pela janela.

Quando o elefante viu o dente, fugiu. «Porque foges?» gritaram eles. «Tu ainda não ouviste a nossa voz. Vem cá». «Vocês têm uma voz como a minha?» indagou o leão e começou a rugir. O cego e o carrancudo riram-se dele e disseram, «Vem cá e escuta». O leão aproximou-se.

«Encosta a tua orelha à janela», ordenou o carrancudo e tomando a espingarda do seu saco levou-a à janela e disparou. «Já ouviste a nossa voz?» perguntaram eles.

Evidentemente, o leão não respondeu!

32

A BALEIA E O GALO

Outrora uma baleia e um galo tornaram-se grandes amigos. Sempre que a baleia caçava partilhava a carne com o galo. Certo dia o galo foi ao mato caçar e matou cinco animais. Então ele convidou a baleia para partilhar da caça. Mas a baleia ficou com inveja da sorte do galo e planeou uma grande viagem. No caminho encontrou muitos elefantes e matou cinco. Quando regressou à casa chamou o galo para lhe dar alguma carne. Só que desta vez a baleia resolveu matá-lo e disse à jibóia, sua criada, para mordê-lo até matar.

Mas o galo era esperto, e disse ao seu criado sirisiri: «Vamos visitar a baleia». Quando chegaram onde a baleia vivia, o galo ordenou: «Sirisiri, mata a jibóia». O sirisiri e a jibóia lutaram ferozmente, e a jibóia caiu morta. «Agora vamos lutar também», o galo desafiou a baleia, e eles começaram a lutar aguerridamente.

A baleia caiu por terra e quebrou um pedaço da sua cauda. Contudo ela recompôs-se e eles continuaram a lutar ferozmente. Mas desta vez caiu o galo por terra e perdeu algumas penas. Depois de lutarem durante outra meia hora o galo conseguiu espicaçar um bocado da barriga da baleia. Depois no quarto assalto, o galo caiu e partiu a sua crista mas refez-se imediatamente e pôs-se a cantarolar, «Co-co-ro-có... as minhas penas chegam até Chiqambo». «Mas a minha cauda atinge o mar», disse a baleia, «oh tagarela, deixa de cantigas e continuemos a lutar». Então lutaram outra vez mas não muito depois a baleia caiu morta.

«Sirisiri, vamos embora», disse o galo.

A inveja pode estragar amizades.

O COELHO E O LENHADOR

Um dia um lenhador foi ao mato cortar árvores. Pela tardinha, depois de cortar bastantes árvores, o lenhador regressou a casa. Um coelho que saltitava por ali viu as árvores abatidas no chão e disse, «Ó árvores, levantem-se». As árvores levantaram-se. «Agora caíam novamente», ordenou ele. E elas caíram. «Fiquem de pé», exigiu ele. E todas ficaram novamente de pé.

No dia seguinte, quando o lenhador veio cortar mais árvores, ficou admirado ao ver que todas as árvores que ele tinha cortado no dia anterior estavam de pé. E ele pensou: «Mas como é que estas árvores ficaram de pé?» Então naquele dia o lenhador fabricou um enorme espantalho com uma cera viscosa. Depois de cortar algumas árvores o homem regressou à sua aldeia, mas deixou o espantalho de cera onde tinha estado a cortar árvores, juntamente com alguma massa e caril. Pela tarde coelho veio novamente e disse: «Vocês árvores, levantem-se», e elas levantaram-se. «Vocês árvores, agora caíam», e todas tombaram. Então o coelho avistou o homem de cera, aproximou-se dele e perguntou: «Olá Vossa Senhoria, de quem é esta *machamba*?» mas o homem de cera não respondeu. «Então grandalhão você não sabe falar?» O homem de cera continuava mudo. «Vai buscar um pouco de água para lavarmos as mãos». Mas a figura permanecia imóvel.

Excessivamente zangado, o coelho foi ao rio lavar as mãos e depois comeu toda a massa que estava mesmo à frente do homem de cera. Em seguida ele bateu as palmas e disse: «Obrigado Senhor». Mas o homem não retribuiu a cortesia.

«Porventura sou cão para me tratares dessa maneira?» gritou o coelho assanhado, e esmurrou-o no queixo. Mas quando ele bateu, a mão ficou presa na cera viscosa e tentou socar com a outra mão esta também ficou colada. Então ele mordeu o homem de cera, mas o dentes também ficaram presos.

Quando o lenhador chegou e encontrou o coelho preso sobre o homem de cera ele arrebatou-o e arremessou-o para dentro do seu saco. Seguidamente entregou o saco ao seu filho mais novo e disse: «Filho, leva este coelho para casa e mata-o para o caril. Assim não precisamos de matar a galinha».

Quando o rapazito se dirigia para casa com o saco, o coelho perguntou, «Olá meu bom rapazito, o que é que o teu pai, meu velho companheiro, te disse?» «Ele disse para matar o coelho, não a galinha», respondeu o rapaz.

«Não, não. Ouviste mal», explicou o coelho. «Ele disse antes para matar a galinha e guardar o coelho». «Não, tenho a certeza que ele não disse isso», arguiu o rapaz. Mas para confirmar, o rapaz foi ter com o pai e perguntou, «Pai, você disse para matar a galinha e guardar o coelho?» «Não, não. Não foi nada disso. Mata o coelho, não a galinha», repetiu o pai.

Quando o rapaz entrava na povoação o coelho inquiriu novamente: «Então o que o teu pai te disse?» «Ele disse para matar o coelho para comermos junto com a massa», respondeu o rapaz.

«Não, nem pensar!» disse o coelho, «Ele nunca diria isso. O que ele quer é que matem a galinha e ma dêem a mim, um bom amigo de teu pai», instou o coelho. Quando o rapaz chegou à casa disse à mãe: «Ó mãe, você tem de cozinhar a galinha para o coelho comer».

Quando o lenhador regressou à casa, disse, «Bem, esta noite devemos ter uma refeição deliciosa com a carne de coelho!» «Não vai ser carne de coelho; mas de galinha», informou a sua mulher.

«Mas o rapaz não te disse para matares o coelho?» gritou o lenhador pegando num pau. «Onde está aquele coelho?»

«Ele está na esteira a dormir com o nosso filho», disse ela. O coelho está debaixo do cobertor preto e o nosso filho debaixo do cobertor branco.

Ouvindo a mulher dizer aquilo, o coelho trocou rapidamente os cobertores de modo que o lenhador bateu no filho, e matou-o. Zombando do lenhador, o coelho escapuliu apressadamente para o mato.

Tem cuidado quando te encontrares em companhia de pessoas ardilosas.

34

PIMBIRIMANO

Era uma vez um homem cuja mulher se encontrava à espera de filho. Um dia ele encontrou-se com uma hiena que tinha voltado de caça e disse: «Dá-me um pouco dessa carne para o meu filho que esta para nascer brevemente». Então a hiena deu-lhe alguma carne.

A mulher deu à luz um filho que era realmente uma criança muito grande e quando ele cresceu começou a andar com uma zagaia e setas. Certa manhã a hiena apareceu e perguntou à mulher: «Onde está o teu filho?» «Saiu. Terás de esperar até anoitecer se o quiseres ver. Agora ele está muito grande», avisou a mulher. «Vou pedir ao rato para fazer uma armadilha para o apanhar. Portanto hoje à noite esconde-te ao pé da armadilha». Naquela noite a hiena escondeu-se ao pé da armadilha.

«Pimbirimano, a tua armadilha caiu, vai e vê», disse a mãe. «Não, não foi a minha armadilha», respondeu Pimbirimano e ele não foi ao mato. Ao alvorecer a hiena apareceu em casa da mulher e disse: «Não consigo apanhar o teu filho».

«Vou-lhe dar um colar», disse a mulher, «assim podes ir ao dormitório dos rapazes perguntar pelo rapaz que usa um colar de missangas». Mas Pimbirimano era muito esperto. Ele pediu aos seus companheiros para também usarem missangas como as dele. Quando a hiena chegou ao dormitório à noite, ela perguntou: «Onde está aquele rapaz que usa um colar de missangas ao pescoço?» «Olha hiena, todos nós temos colares», disseram os amigos do Pimbirimano.

Muito irritada com isso, a hiena foi a casa da mulher e disse: «Agora vou-te comer!» «Espera só mais um dia», pediu a mulher aflita». «Amanhã vou mandar o meu filho ao campo para queimar palha. Tu podes esconder num montão de palha e agarrar aquele que tiver uma bracelete».

Na manhã seguinte o Pimbirimano foi ao campo para queimar palha mas levou consigo os seus amigos e todos eles levaram as suas zagaias. A hiena tinha-se escondido num dos montes de palha. Ao chegarem ao campo Pimbirimano disse aos seus amigos: «Vamos atirar setas contra aquelas pilhas de palha. E os rapazes começaram a atirar setas; um rapazinho acertou na hiena, e ela fugiu a gritar. Depois de queimar a palha o Pimbirimano regressou à aldeia. No dia seguinte a hiena veio ver a mulher e disse: «Olha, o teu filho magoou-me com uma seta. Agora vou-te comer».

«Espera!» Esta tarde vou dizer-lhe para subir uma *ntacha* e tu podes apanhá-lo lá. O meu filho vestido de preto e os outros de branco», explicou a mulher. Mas o Pimbirimano disse aos seus companheiros: «Vamos todos vestir de preto», e todos puseram roupas pretas. Os rapazes subiram uma árvore e quando estavam a colher frutos a hiena apareceu e perguntou: «Quem de entre vós tem roupa preta?» «Todos nós temos», responderam eles. «Bem, então vou comer-vos a todos», disse a hiena assanhada e avisou, «mas se me disserem onde posso encontrar o Pimbirimano não vos farei mal». «É aquele, é aquele», gritaram os rapazes. «Bem deixa-o descer», ordenou a hiena.

Naquele momento surgiu um uma aranha enorme e levou o Pimbirimano mais para cima. Frustrada, a hiena manhosa correu para a aldeia e gritou, «Mulher, o teu filho enganou-me novamente. Desta vez vou-te mesmo comer».

Não faças promessas que não possas cumprir.

35

O HOMEM E O ESPELHO MÁGICO

Na terra do rei-monhé vivia um homem pobre que tinha um espelho mágico. Dentro do espelho havia muitas coisas valiosas. Um dia o homem pobre disse ao espelho: «Faz o que costumavas fazer para o teu dono!»

O espelho mostrou muitos homens, bois, ovelhas, cabritos, galinhas, patos, porcos, pombas e entre tudo isso uma mulher. O espelho também fez uma casa grande e bonita.

Um dia quando o rei-monhé viu aquela casa atractiva perguntou: «De quem é essa casa? Quero-a para mim». No dia seguinte os guardas do rei foram ver a casa e quando lá entraram viram uma mulher vestida de vermelho como fogo. Os guardas regressaram rapidamente para informar o rei: «Vimos naquela casa

uma senhora muito bonita!» «Isso não pode ser verdade!» exclamou o rei. «Sua majestade, mandai o vosso criado para averiguar e logo o rei saberá que dizemos a verdade», sugeriram os guardas.

Então o rei chamou o seu criado e mandou verificar quem vivia naquela casa grande. O criado confirmou o que os guardas tinham visto. Logo depois o rei declarou: «Amanhã nós mesmos vamos ver aquela mansão».

Na manhã seguinte o rei e os guardas foram inspecionar a casa. Quando o dono do espelho viu tantos soldados e guardas do rei, ele disse: «Minha senhora, talvez eles tenham vindo para nos matar». O homem pediu ao espelho para produzir soldados armados. Quando o rei viu uma legião de soldados logo concluiu que eles tinham vindo para fazer guerra. «Traz papel e tinta», ordenou o rei ao criado e escreveu: «*Nós não queremos guerra*».

Depois de ler a mensagem o homem do espelho convidou o rei a sua casa, e o rei viu que a senhora vestida de vermelho era realmente muito formosa. Mas apesar de ter dado palavra de não querer guerra, o rei prendeu imediatamente o homem – mas o espelho mágico envolveu a senhora. «Tomem também aquele espelho», comandou o rei aos guardas, e os guardas apossaram-se dele. Mas antes que pudessem apossar-se da casa o espelho engoliu-a. «Agora, amarrem o homem e levem-no para o palácio», ordenou o rei.

Quando chegaram ao palácio o rei perguntou: «Onde é que devemos deixar este homem e o seu espelho? Na masmorra ou no terraço?» «No terraço», aconselharam os guardas e foi para lá que se dirigiram.

Pela meia noite veio um rato vasculhar o sítio à procura de amendoim, onde o homem se encontrava. Então o homem disse: «Olá companheiro, se quiseres amendoim vai buscar o meu espelho».

«É este o teu espelho?» perguntou o rato mostrando um espelho. «Não, não é esse», respondeu o homem e disse, «o meu espelho está rachado». O rato então trouxe quatro espelhos quebrados e perguntou: «Qual deles é o teu?» «O mais pequeno», respondeu o homem dando algum amendoim ao rato. Então o homem pediu: «Espelho, espelho – agora faz o que costumavas fazer para o teu dono».

O espelho expeliu muitos cavalos, um dos quais era realmente enorme. Também despejou muitos soldados prontos para a guerra. O homem fugiu do palácio e pediu ao espelho mágico para construir outra casa.

No dia seguinte o rei disse: «Corneteiro, toca a corneta: aquele homem escapou com o espelho». Os guardas do rei foram à procura do homem mas não conseguiram capturá-lo. Antes, os soldados que tinha rompido do espelho mágico capturaram alguns soldados do rei e cortaram-lhes as mãos.

Entretanto o rei enviou mais soldados para apanhar o homem mas os soldados do espelho mataram a todos eles e ainda penderam o general do rei e cortaram a sua orelha. O homem disse ao general: «Agora vai e diz ao teu rei para me deixar em paz». Mas o rei organizou outro exército chamando todos os rapa-

zitos e deu a ordem: «Ide e matai esse homem do espelho e aquele que conseguir terá um prémio fabuloso», e os rapazes partiram imediatamente. Quando avistaram a casa grande, dispararam as suas espingardas, mas não acertaram no alvo. O homem do espelho prendeu alguns rapazes e em seguida enviou uma carta dizendo que ele não queria guerra com o rei. O rei aceitou outra vez a proposta.

O rei então decidiu fazer uma grande festa e o homem do espelho também foi convidado. Mas como ele veio à festa sem os seus soldados, no meio do divertimento os soldados do rei prenderam o homem e despojaram-no do espelho. «Agora vamos guardar o espelho cuidadosamente», disse o comandante. Então o rei guardou o espelho consigo e deu instruções para que atirassem o homem do minarete mais alto do palácio.

Pela meia-noite o rato saiu novamente do seu buraco para comer e ao ouvir barulho o homem chamou: «Quem está aí?» «Ah meu companheiro rato, queres mais amendoim?» perguntou o homem. «Oh, oh! Penso que desejas novamente ver o teu espelho», inferiu o rato. «Bem, podias primeiro desatar-me», pediu o homem. «Ele amarraram-te com arame», disse o rato, mas ele conseguiu cortar o arame com uma lima e libertar o homem.

«Amigo, agora traz o espelho», suplicou o homem. O rato dirigiu-se para o sítio onde ele tinha encontrado o espelho antes, mas ele não estava lá. Depois procurou à volta da cama do rei, mas também não havia sinal dele, porque o rei dormia com ele. Contudo o rato foi capaz de tirar o espelho com grande perícia e levá-lo ao homem, que o recompensou com bastante amendoim e milho.

«Podias ajudar-me a guardar esta comida no meu lugar», pediu o rato. O homem ajudou-lhe até a sua casa ficar cheia e disse: «Se quiseres podes vir para a minha casa – onde também poderás encontrar muito amendoim. Podes deixar esse amendoim para o teu irmão». Então o rato foi viver com o homem.

Pela manhã, quando o rei deu pelo desaparecimento do espelho mágico ele ordenou ao corneteiro para tocar a corneta. «Mas não há mais homens na aldeia», disse o corneteiro, «então para quem devo tocar?» «Chama as crianças», ordenou o rei. Quando as crianças se reuniram o rei comandou: «Vocês devem ir e matar aquele homem que aniquilou os vossos pais». Então as crianças foram à procura do homem e quando encontraram elas dispararam as espingardas, atiram setas, punhais e machados. «Vem cá lutar connosco», as crianças desafiaram.

«Mas vocês ainda são criancinhas! Vão chamar os vossos pais», disse o homem. Mas as crianças gritaram: «Os nossos pais morreram lutando com os soldados do teu espelho mágico. Agora vem lutar». Mas o homem recusou, contudo as crianças aventuraram-se para dentro da casa, prenderam o homem e levaram-no à presença do rei. O rei tirou-lhe o espelho e cortou-lhe a cabeça.

«Agora és meu», disse o rei admirando o espelho e ordenou, «faz o que costumavas fazer para o teu dono». Mas o espelho não fez mesmo qualquer magia.

Irritado, o ambicioso rei-monhé esmigalhou o espelho em milhões de pedaços e atirou-os a todos para fora.

A cobiça não te levará a parte alguma.

36

O CÃO DA SERRA

Contava-se que em certa aldeia havia um homem que tinha dois filhos. Um dia o homem morreu inesperadamente. Ao filho mais velho ele tinha deixado sete peças pequenas de marfim e ao mais novo só uma peça grande de marfim. O filho mais velho vendeu as peças de marfim e comprou uma grande quantidade de pano.

Quando toda a roupa se estragou, o irmão mais velho disse: «Irmão, vamos trocar o teu marfim por pano». «Não», respondeu o rapaz, «eu vou trocar o meu marfim por um cão». E assim o irmão mais novo trocou por um cão.

Quando o irmão mais velho viu o cão ele disse: «Deste todo aquele marfim por um cão tão raquítico?» «Sim», foi a resposta. Zangado, o seu irmão expulsou-o de casa.

Então o irmão mais novo foi para o mato viver com o seu cão. Um dia o cão viu muitos ratos, e pensou: «Não fui eu comprado para ajudar o meu dono?» E ele caçou todos os ratos. Um ou dois dias depois desse incidente, o cão deparou com um grupo de coelhos. «O meu senhor não me comprou para o ajudar?» pensou ele, e lançou-se atrás dos coelhos. Noutra altura quando o cão viu uma grande manada de elefantes capturou vários e, retirando os dentes, escondeu-os no solo.

Entretanto o cão ia crescendo e ficando robusto. Um dia encontraram o filho do rei na praia onde alguns homens o tinham prendido para ser comido por uma baleia. «Olha, aí vem uma grande baleia para nos comer», gritou o príncipe. «Que venha. Não tenho medo», afirmou o rapaz. «O meu cão vai apanhá-la».

Quando a baleia se aproximou para os atacar o cão agarrou e matou-a e em seguida libertaram o príncipe. Cortaram a cabeça da baleia e esconderam-na. O rei ficou muito contente ao ver o filho de volta e perguntou: «Filho, quem te salvou?» «Um rapaz que tem um enorme cão», explicou o príncipe. Então ouvindo isso os *cipaios* foram sem perder tempo à procura da baleia mas eles só encontraram uma cabeça pequena. Os *cipaios* regressaram à aldeia e disseram ao rei, «Vossa Majestade, nós matámos uma baleia e aqui está a sua cabeça». «Mas essa cabeça não deve ser muito maior?» inquiriu o rei.

Então o príncipe levantou-se e disse, «Não foram eles que mataram a baleia; foi o cão do rapaz». Ao anoitecer o rapaz entrou na aldeia com o cão e quando os

cipaios viram um cão tão grande fugiram assustados. «Não se assustem; este cão não faz mal a ninguém», assegurou o rapaz. Ao chegar à presença do rei, o rapaz mostrou-lhe a cabeça da baleia. «Sem dúvida foi este rapaz quem matou a baleia viciosa», afirmou o rei e proclamou, «ele será coroado rei depois de mim».

Quando o rei morreu o dono do cão sentou-se no trono.

Certo dia os *cipaios* disseram ao novo rei: «Senhor, queremos ir a caça com o vosso cão». O rei avisou-os, «Devem fustigá-lo só uma vez. Se o fustigarem mais do que isso ele ficará muito danado».

Quando os *cipaios* foram para o mato caçar, o cão viu um rebanho de cabritos. Um dos *cipaios* fustigou o cão, mas logo depois os outros *cipaios* juntaram-se e também começaram a fustigar. O cão enfureceu-se de tal maneira que comeu-os a todos e mais tarde quando regressou à aldeia devorou mais alguns homens.

Depois o cão fugiu para o mato.

Não se deve confiar coisas sérias aos imprudentes.

37

O RATO, O GALO E A FRANGA

Um rato, um galo e uma franga fizeram uma sociedade para construir uma casa. Certo dia uns homens que passavam por ali disseram: «Vamos fazer uma desordem e destruir essa coisa». O galo ouviu o plano e disse aos companheiros: «Vamos embora daqui antes que os homens nos venham matar».

«Deixa-os vir. Não nos podem fazer mesmo nada», assegurou o rato. Na manhã seguinte quando os homens chegaram, o galo começou a cantar, «Co-co-ro-có, chegou a hora de batalhar».

O rato, o galo e a franga abateram todos os homens que se aproximaram da casa excepto um. A este cortaram a orelha e disseram: «Agora podes ir para a aldeia e dizer aos outros que o rato e o galo estão extremamente furibundos – e vejam só o que pode acontecer se fizerem mais travessuras».

Pouco depois os *nantsengas* prepararam os seus arcos e flechas e vieram fazer outra guerra. Ao ver os *nantsengas* em pé de guerra, o galo começou a cantar novamente e os três companheiros mataram-nos a todos. As suas mulheres deram à luz muitos filhos e enviaram-lhes para fazer guerra. Ao encontrarem com o rato, o galo e a franga os rapazitos gritaram: «Viemos para lutar convosco!»

Mas desta vez o galo não cantou porque receava que podiam ser apanhados. Os rapazes entraram em casa, prenderam o rato, o galo e a franga, e levaram-nos para a aldeia. As mães ficaram demasiado orgulhosas com a coragem dos seus filhos.

«O rato, o galo e a franga derrotaram os grandes, mas nós conseguimos apanhá-los» apregoaram os rapazes vitoriosos – e o rato, o galo e a franga foram lançados para dentro da masmorra.

*Muitas vezes os pequenos são capazes de fazer
o que os grandes não conseguem.*

38

A FOME DOS ANIMAIS

Houve uma grande seca e o mato ficou sem comida. Quando os animais estavam a morrer de fome o elefante disse: «Ó gazela, vai se faz favor perguntar a Deus onde é que nós podemos encontrar comida». A gazela correu durante dois meses pelo mato e chegou ao monte onde Deus habitava. A gazela então rogou, «Senhor, estamos a morrer de fome. Onde é que podemos encontrar alguma comida?» «Comam os frutos da árvore chamada *ngerema*», explicou Deus, «mas vai repetindo aquele nome para não te esqueceres». A gazela cantou o nome dez vezes mas quando chegou onde os outros animais a esperavam, ela admitiu, «Oh, esqueci-me do nome da árvore que Deus me disse!» Irritado o elefante mandou-a embora e perguntou: «Quem é que concorda em ir agora?» «Deixa-me ir», ofereceu-se o javali.

«Mas tenha cuidado e não te esqueças daquilo que Deus te disser», avisaram-no os outros animais. Três meses tinham passado quando o javali chegou à morada de Deus e orou: «Nós morremos de fome, Senhor. Onde é que podemos encontrar alguma comida?»

«Vocês devem colher os frutos da árvore chamada *ngerema*», repetiu Deus. «Vai repetindo o nome até chegares para não te esqueceres».

O javali saiu cantando mas quando chegou aonde todos os animais se encontravam reunidos, ele disse: «Não consigo lembrar-me do nome da árvore que Deus me disse». Muito perturbado, o elefante também o demitiu e enviou a girafa, mas ela também se esqueceu do nome da árvore. Em seguida foi o rinoceronte e também regressou sem fixar o nome.

Então o elefante disse: «Coelho, tu que és muito esperto vai perguntar a Deus...». O coelho foi perguntar a Deus, e voltou cantando, mas também não foi capaz de dizer o que tinha ouvido. «Não há ninguém aqui capaz de se lembrar o que Deus diz?» estranhou o elefante, «então quem vai agora?» Ninguém respondeu mas após vários minutos a tartaruga disse: «Vou eu». «Mas podes tu, lenta tartaruga, chegar algum dia onde Deus vive?» perguntou o elefante desconfiado.

A tartaruga caminhou sem parar durante quatro meses. Quando chegou ao monte, rezou: «Senhor por favor não fiques zangado mas os animais que vivem

na terra esqueceram-se o que lhes dissestes». Deus disse novamente (dando à tartaruga uma pequena campainha): «Comam o fruto da árvore chamada *ngerema*. E vai cantando aquele nome pelo caminho».

A tartaruga tocava a campainha e cantava. Ouvindo a campainha alguns animais vieram ouvir o canto da tartaruga e eles caminharam ao lado dela fazendo refrão. Quando chegaram ao local onde o elefante e o resto dos animais estavam a sua espera, perguntaram-lhe: «O que Deus te disse?»

«Comam o fruto da árvore chamada *mungerema*».

Furioso o elefante agarrou na tartaruga e arremessou-a para tão longe quanto pôde.

Boas intenções somente não basta.

39

O COELHO E A TARTARUGA

Viviam no mato um elefante e outros animais que estavam a morrer de sede. Um dia o elefante chamou todos os animais e disse: «Já fizemos muitas covas mas não encontramos água. Um de nós tem de ir perguntar a Deus onde há água. Quem é que vai?»

«Vou eu», disse o búfalo. O búfalo correu e chegou a uma serra muito alta e chamou: «Senhor, os animais da terra estão a morrer de sede. Mandaram-me perguntar onde se deve fazer um poço».

«Façam ao pé da árvore chamada *ndjedjema*», respondeu Deus. O búfalo regressou e disse: «Deus disse-me para fazer um poço ao pé... oh agora não me lembro do nome». «Vai perguntar outra vez», insistiu o elefante.

«Mas estou muito cansado», queixou-se o búfalo. «Então quem vai agora?» pensou o elefante e disse: «Ó Zebra, vai tu mas não faças como o teu companheiro». Deus disse à zebra: «Vocês devem fazer um poço junto da árvore chamada *ndjedjema*». Mas a zebra também se esqueceu do local onde deviam escavar o poço. Então o elefante enviou o boi bravo, mas ele também se esqueceu.

«Então não há entre nós um único animal capaz de actuar inteligentemente?» queixou-se o elefante e disse, «ó coelho, vai tu». «Mas eu não sei onde Deus vive», escusou-se o coelho, porque tinha escondido alguma água para si e por enquanto não precisava de mais.

«Bem, já que recusas, podes ir embora daqui», disse o elefante furioso e depois perguntou, «então quem vai agora?»

Ninguém respondeu, mas ao ver a hesitação dos seus companheiros a tartaruga disse: «Vou eu!» «Tu, tartaruga, és capaz de chegar lá?» perguntou o elefante estranhando a sua força. «Tentarei!» prometeu a tartaruga.

A tartaruga depois de muito andar e chegar onde Deus vivia, rogou: «Os animais estão a morrer de sede; Senhor não fique zangado connosco por termos esquecido do nome...». «Vai e façam um poço ao pé da árvore chamada *ndjedjema*», disse Deus e a tartaruga caminhou de volta dia após dia cantando, «Camutindjé, camutindjé, camutindjé, ...». Ela ainda cantava quando se encontrou com os outros animais que a esperavam; e eles começaram a dançar e a rir-se do canto estranho. Quando a tartaruga encontrou-se com o elefante, ela disse, «Façam um poço junto a árvore chamada *ndjedjema*». «Bravo companheira tartaruga!» disse o elefante alegremente.

O urso começou a escavar, depois o porco-espinho, a tartaruga, a hiena, o tigre, o javali, e todos eles. Mas o coelho (que recusou cavar) disse: «Eu tenho a minha água. Não preciso da vossa para nada».

Dois dias depois os animais encontraram boa água. «Quem é que vai ficar aqui a guardar o poço?» perguntou o elefante; o búfalo ofereceu-se para ficar. Quando a água do coelho se acabou, ele começou a beber mel mas um dia pensou: «Estou farto de saciar a sede com mel todos os dias. Vou tentar tirar alguma água do poço». Então ele foi ao poço, mas levou consigo um casco com mel misturado com um pó. Quando o búfalo viu o coelho, inquiriu: «Vieste cá para beber a nossa água?» «Oh, não, nem penses nisso!» protestou o coelho «Tenho muita água, e é bastante doce. Gostarias de prová-la?» O coelho deu o mel ao búfalo e depois de beber ficou bêbado e adormeceu cantando alegremente debaixo duma árvore. O coelho prendeu o búfalo pelo pescoço e pernas e foi beber água. No dia seguinte quando o elefante e os outros animais vieram ao poço, viram o búfalo preso e perguntaram: «Quem é que te prendeu?» «Deve ter sido aquele coelho malvado», respondeu o búfalo.

«Mas como é que o coelho conseguiu prender um animal tão forte?» pensou o elefante irritado. «Julgo que o búfalo é pouco esperto». «Hoje vai ficar aqui o boi bravo».

O boi bravo ficou sozinho a guardar o poço. Veio o coelho novamente com o mel e deu-o ao boi; e assim ele também ficou bêbado e o coelho prendeu-o. Em seguida o coelho tirou água do poço, encheu o casco, lavou-se, remexeu-a toda, urinou nela – e foi-se embora.

Ao ver o boi amarrado o elefante perguntou: «E quem é que te amarrou?» «Deve ter sido aquele mesmo coelho», foi a resposta. «O coelho é muito mais astuto do que os animais grandes», queixou-se o elefante. «Depois de todo o trabalho árduo ainda continuamos a morrer de sede. Quem é que pode beber esta água lodosa?»

«Talvez o leão poderá ficar aqui hoje a guardar o poço», pensou o elefante. Mas quando o leão não respondeu a tartaruga levantou-se e disse. «Fico eu». «Tu és capaz de guardar o poço?» perguntou o elefante admirado mas ele deixou-a guardar o poço.

Ao anoitecer a tartaruga espalhou um grande casco de resina ao redor do poço e depois escondeu-se dentro. À noite veio o coelho e chamou: «Licença, licença!»

Ninguém respondeu e quando o coelho foi ao poço lavar-se, os pés ficaram presos na resina. Tentou libertar-se com as mãos, mas elas também ficaram presas no cola. Quis soltar-se com a barriga, mas a ela também ficou colada ao poço.

Quando o elefante veio beber água e encontrou o coelho preso ao poço agarrou-o e disse aos seus companheiros, «Ah, finalmente a tartaruga apanhou o coelho – tu leão liquida com ele agora mesmo». O leão agarrou no coelho pelo rabo para lançá-lo dentro do poço mas o coelho largando a sua pele, fugiu para a montanha perseguido pelo leão. O coelho entrou numa cova e saiu por outro lado, e quando o leão entrou nela, ficou preso no meio. Então o coelho voltou e mordeu a orelha do leão e disse, «Amanhã vou comer as tuas costas».

Quando o coelho voltou no dia seguinte encontrou o leão morto após o qual ele foi para cima duma serra e proclamou: «Não temo nem a tartaruga nem o leão nem mesmo qualquer outro animal».

Mesmo as pessoas ardilosas podem realizar os seus planos!

40

DE QUEM É ESTA PELE?

Era uma vez uma macaca que tinha muitos irmãos. Um dia a macaca disse aos irmãos: «Esfolem-me para me tornar mulher e ir casar com algum homem da aldeia». Então os seus irmãos macacos esfolaram-na.

«Agora guardem a minha pele com muito cuidado», pediu ela. Eles guardaram-na toda inteira, com a cauda e avisaram-lhe: «Se vieres para nos fazer mal, mostraremos a pele ao teu marido». A rapariga-macaca foi então para uma aldeia próxima onde um homem chamado Matenguenha se apaixonou por ela, e logo casaram.

Poucos dias depois o Matenguenha disse às suas outras mulheres: «Casei com uma rapariga muito bela, portanto agora vocês podem ir embora». «Senhor, não deve tratar essas mulheres como cães», aconselhou uma mulher nobre da aldeia ao Matenguenha. «Mas já preciso mais delas para nada», ele insistiu teimosamente e mandou embora as outras mulheres; e ficou a viver com a mulher-macaca.

Uma semana mais tarde a macaca começou a *culimar* uma *machamba* a qual em tempo devido produziu muita *mapira*. Um dia os seus irmãos macacos decidiram ir à *machamba* da irmã colher *mapira*. Mas o pai dos macacos avisou-os, «Não, esperemos mais um pouco. Deixemo-la *culimar* mais uma estação».

E passou mais um ano. Quando a *mapira* cresceu o pai-macaco disse, «Ah, agora vamos!» e chegando a *machamba* começaram a comer *mapira* até se fartarem. Quando a mulher-macaca os viu na *machamba*, disse aos seus criados, «Vai e avisa o teu amo que os macacos andam a depredar a nossa *machamba*». Ao ver os macacos, o Matenguenha matou dois com a espingarda. «Entrega aqueles macacos à senhora», disse o Matenguenha aos criados.

«Esfola-os e distribuem a carne entre os homens», ordenou a mulher do Matenguenha. «Vejam como a nossa irmã se tornou tão malvada!» disseram os macacos. «Se nos maltratar novamente mostraremos aquela pele com o rabo ao seu marido», disse o pai-macaco. «Amanhã vamos novamente à *machamba*».

No dia seguinte, de manhã cedo, os macacos foram comer *mapira*. Quando o Matenguenha, a mulher e os seus criados chegaram à *machamba* e viram os macacos, o Matenguenha matou outros três. «Amarrem-nos a uma árvore como aviso para que não voltem mais», o Matenguenha ordenou aos criados.

Dois dias mais tarde os macacos viram seus irmãos mortos na *machamba* e disseram: «Amanhã sem falhar vamos mostrar a pele àquele homem. No dia seguinte os macacos apareceram na aldeia com batusques e começaram a bater muito alto e a cantar. «De quem é esta pele?» cantava o mais novo. «É da Usondeva», os outros faziam refrão. (A mulher-macaca chamava-se Usondeva). Cantaram até se cansarem, mas a mulher-macaca nem se atreveu a sair de casa.

«Assim ela não sai», disse o pai-macaco, «pois vou entrar lá dentro». O pai-macaco entrou a cantar em voz alta e quando a senhora-macaca ouviu o seu pai, saiu a chorar e entrou na dança do batusque. «Toquem muito batusque – a minha mulher tem *marombo*», pediu o marido. A mulher-macaca começou a cantar e a chorar. Duas outras mulheres também começaram a dançar e a cantar com ela dizendo, «De quem é esta pele?»

Ao ver a sua mulher a dançar com os macacos, o Matenguenha ofereceu-lhes muito amendoim, *mapira* e feijão. Os macacos levaram só a *mapira* e o amendoim e guardaram no mato. «Então agora vamos dar-lhe a pele», disse o pai-macaco. Eles vestiram a mulher-macaca com a sua pele e nesse mesmo instante ela transformou-se novamente em macaca. Ao ver que a sua mulher era realmente uma macaca, o Matenguenha pegou na espingarda e disparou contra ela. Assustada, fugiu para o mato.

«Mande embora as minhas mulheres e casei com aquela macaca. O que devo fazer agora?» Matenguenha lamentou aos criados. «Oferece alguns presentes para que elas regressem», sugeriram eles. Então ele mandou cinco bois para cada uma das mulheres.

Quando as mulheres viram os bois a chegar, perguntaram aos seus pais, «De quem são aqueles bois?» Os criados do Matenguenha aproximaram-se dos homens e disseram: «O nosso patrão manda estes bois e pede às suas mulheres que regressem a casa. Ele cometeu um grande erro casando com uma macaca».

Os pais chamaram as filhas, mas elas disseram. «Não, não, não queremos ir. Que ele fique a viver com a mesma macaca». Assim os criados regressaram com os bois e os macacos disseram à sua irmã: «Eganaste-nos. Em vez de nos deixares comer na tua *machamba* como tinhas prometido chamaste o teu marido para nos matar, portanto mereces ser castigada. Agora tu comes só farelo de *mapira* ou ficas à fome».

Orgulho pode destruir ou antes destrói tudo.

41

A MULHER E O BODE

Havia uma mulher que tinha um bode muito grande e com ele praticava feitiço contra os homens. Um dia ela disse ao marido: «Hoje não posso ir à *machamba* porque o bode está muito doente; podes ir sozinho?»

Mas o bode não estava doente. Após o homem sair de casa ela cozinhou massa para o bode e pela tardinha quando o marido regressou do trabalho a mulher disse que não pôde cozinhar porque o bode estava doente. Nesse dia o homem teve de ir comer à casa do vizinho.

De noite a mulher saía com o bode para fazer mal aos homens. Desenterrava os mortos, cortava-os aos pedaços e comia-os. Ao amanhecer a primeira coisa que ela fazia era cantar e então dizia ao marido que o bode estava doente e que não podia ir à *machamba*.

Passaram dias assim e o marido começou a suspeitar que algo estranho se passava. Um dia ele escondeu-se em casa para ver o que a sua mulher andava a fazer. Viu-a a pillar apressadamente o milho e a cozinhá-lo. Em seguida ele ouviu-a a cantar e a chamar o grande bode – e o bode também cantava. O homem ficou espantadíssimo ao ver a mulher dar massa cozinhada ao bode e a brincar com ele. O marido correu imediatamente para a *machamba* para contar aos trabalhadores que lá cultivavam, o que ele tinha visto e então disse: «Venham ver o que a minha mulher está a fazer. Ela esta a comer com o bode».

«Vai informar os seus irmãos», sugeriram os trabalhadores. O homem foi queixar-se aos irmãos dela: «A vossa irmã sempre diz que o bode está doente, mas ela canta e come com ele, e deixa-me à fome». Quando os irmãos se encontraram com ela, perguntaram: «É verdade que cantas e comes com o bode?» Ela não deu resposta.

«Já que não respondes, isso deve ser verdade», concluíram eles, «e nós também não queremos ficar enfeitados».

Então os irmãos deram ordens para matá-la.

A maldade e falsidade conduzem à auto-destruição.

O SAPO E O TREPADOR

Um sapo e um trepador viviam na mesma vizinhança. Um dia o sapo disse: «Companheiro pássaro, em vez de estarmos a comer só *matope* todo o tempo, porque não vamos para uma aldeia para casar e *culimar mapira?*»

«Boa ideia, sapo! Vamos então», disse o trepador; «também estou farto de comer a mesma comida todos os dias, e os homens até mataram os nossos companheiros por andarem a roubar a comida deles».

Assim o sapo e o trepador puseram-se a caminho duma aldeia onde havia duas irmãs – uma alta e outra baixa. O sapo casou com a rapariga alta e o trepador com a baixa. No dia seguinte o trepador disse ao sapo: «Vamos para o mato cortar lenha». E os dois foram para o mato.

«Eu corto árvores para fazer uma *machamba*, lá...lá...li...», cantava o sapo enquanto trabalhava mas de facto o sapo cortou só uma árvore e fez uma cova muito funda. «Eu trabalho e corto com loucura...», cantava também o trepador à medida que ia cortando; e ele cortou várias árvores.

«Então agora vamos para casa», disse o trepador ao pôr do sol. «Ainda não amigo; vamos trabalhar mais um pouco», sugeriu o sapo. O sapo fingia trabalhar muito, mas logo foi dormir entre os espinhos duma árvore. Quando os dois regressaram a casa pela tardinha as mulheres disseram: «Sem dúvida este trabalhou muito», e elas deram massa com caril de galinha ao sapo enquanto que ao trepador deram só farelo e caril de casca de amendoim, mas o pássaro comeu sem se queixar.

No dia seguinte ao amanhecer ambos foram de novo para o mato. O trepador cantava enquanto trabalhava e *culimou* muito, como do rio Ruangue até Chisambou enquanto que o sapo cavou outra cova muito grande, meteu-se lá dentro, e cantou o dia inteiro. Pelo meio-dia o trepador foi ver o que o seu companheiro tinha *culimado*. O sapo não estava na *machamba* mas deparou um pouco adiante com uma enorme cova. O trepador entrou na cova e encontrou o sapo lá dentro. «Olá companheiro, deixa-me *culimar* a tua *machamba*», disse o trepador.

«Amigo, queres enganar-me? Depois irás dizer aos outros que foste tu quem fez todo o trabalho», disse o sapo recusando qualquer ajuda.

Então o trepador regressou à sua *machamba* e continuou a *culimar*. Ao fim do dia o trepador foi de novo ver o sapo e disse: «Agora vamos para casa – já estou cansado». «Espera aqui, companheiro, voltarei já», disse o sapo, e foi-se picar com os espinhos e enrolar-se em cinzas.

Quando chegaram à casa as mulheres, orgulhosas do sapo, disseram: «O sapo é um grande trabalhador», e elas deram-lhe massa e caril de galinha. Para o trepador, novamente só havia farelo e restos de amendoim.

No dia seguinte o trepador disse: «Vamos para a *machamba*». O trepador continuou a *culimar* como antes e ofereceu-se para ajudar ao seu companheiro

que continuava a recusar qualquer ajuda. O sapo só dormia, mas pela tardinha lacerava-se com espinhos e untava-se de cinzas. As mulheres davam massa e caril de galinha ao sapo, mas só farelo, pés, tripas e cabeça de galinha ao trepador. Chegou a estação das chuvas.

«Agora vamos semear a semente», disse o trepador e ele semeou como faziam os homens – uma parte com *mapira* e outra com *machocre*.

Quando chegou o tempo da colheita, o sapo chamou a sua mulher e a sogra para colherem *mapira*, mas para a sua surpresa elas viram na *machamba* só um pé de *mapira*. Então o trepador chamou a família do sapo para ajudar na colheita – e ele colheu cinquenta cestos de *mapira* e cinquenta de *machocre*. O trepador deu um cesto de *mapira* ao seu amigo sapo. Quando o sapo regressou a casa, a sua mulher disse: «Tu deves ter roubado essa *mapira*!» «Não, não, de modo algum. Deu-ma o meu companheiro», disse ele. «Bem então deixa-me pillar para fazer farinha», disse ela, e deixou ferver água para cozinhar a massa.

«Agora vou-te dar um bom banho», disse ela. «Mas isso aí não é água quente?» perguntou ele.

«Bem, não tanto assim», disse ela atirando-o para dentro da panela. Assim o sapo preguiçoso morreu na panela.

*Trabalho duro e consistente é recompensado,
mas só quando terminado.*

43

O PÁSSARO QUE ATIRAVA PANOS

Certo dia algumas raparigas juntaram-se para caçar ratos, mas várias não tiveram qualquer sorte. De regresso a casa uma delas viu um buraco no chão que parecia de ratos. A rapariga começou a escavar, mas para a sua surpresa encontrou um pássaro lá dentro. «Raparigas, venham cá ver este pássaro», chamou ela. Quando as outras raparigas viram o pássaro, disseram: «Mas o pássaro não é teu». «Bem então porque não cantam para vermos se é vosso», sugeriu a rapariga.

As companheiras começaram a cantar mas o pássaro não respondeu. A rapariga cantou em chiruano e logo o pássaro atirou um corte de pano. Vexadas com isso, as suas companheiras bateram e prenderam a rapariga. E fizeram refrão dizendo: «O pássaro e o pano são nossos». Quando as raparigas chegaram à aldeia, a irmã mais nova da rapariga que tinha achado o pássaro informou: «A minha irmã achou um pássaro que lhe deu um pano mas as suas companheiras bateram-lhe e levaram o pano».

O chefe, juntamente com muitos homens, a mãe da rapariga e várias outras pessoas dirigiram-se ao local onde o pássaro tinha sido visto. «A quem pertence

aquele pássaro?» perguntou o chefe. «Ele é meu», disse a rapariga que o tinha encontrado. «Não, o pássaro é nosso», clamaram as suas companheiras, «nós é que o vimos primeiro». «Então cantem vocês para vermos se é vosso», ordenou o chefe.

Então elas cantaram mas o pássaro não saiu da covã. «Agora canta tu», disse o chefe à rapariga que o tinha achado. A rapariga cantou em chiruano e imediatamente o pássaro saiu e foi poisar numa árvore de onde deixou cair um lindo pano e bonito fio de missangas.

Os pais castigaram as filhas mentirosas.

Verdades e mentiras são mais cedo ou mais tarde descobertas.

44

NKUNDE

Outrora vivia um rapaz numa aldeia e gostava muito de uma rapariga chamada Nkunde. Ele queria casar com ela, mas tinha uma ferida grave na perna. Contudo, o pai da Nkunde não queria que a sua filha casasse com aquele rapaz. Ora, quando os homens saíam para a *machamba* Nkunde ficava sozinha em casa a pilar milho. Ao ver Nkunde sozinha, o rapaz aproximava-se dela e cantava:

«A tua cabeça é como um ovo,
Os teus olhos são como leite
O teu nariz é como um cachimbo
O teu pescoço é como duma avestruz
As tuas mãos são como espadas
A tua barriga é como uma tábua
Os teus pés são como bambus».

Mas assim que o rapaz via os homens regressar da *machamba*, corria para a sua casa. Quando a ferida da perna piorava ele vinha frequentemente ver a Nkunde e cantava a mesma cantiga – e quando ele a visitava a ferida melhorava. Um dia a rapariga disse ao rapaz: «Se tens medo de encontrar com o meu pai, eu mesmo vou-lhe dizer».

Passaram dias e o rapaz continuou a hesitar. Um dia a Nkunde disse: «Pai, aquele rapaz deseja casar comigo». «Sim, mas eu não quero que cases com ele», respondeu o pai. «Mas pai, quando os homens vão para o trabalho ele vem cá e começa a cantar», disse ela, «e quando ele canta daquela maneira a sua ferida sara-se». «Muito bem, amanhã veremos isso», disse o homem.

Na manhã seguinte o pai da Nkunde ficou em casa para ver o que ia acontecer e quando o rapaz começou a cantar, ele tomou a sua zagaia e feriu-o noutra perna!

Quando quiseres alguma coisa procura obtê-la através de meios apropriados.

O CRIADO MANDRIÃO

Ele chamava-se Nhabirini e tinha um criado que era muito preguiçoso. Certo dia Nhabirini comprou um bom rebanho de cabritos e deu ordens ao seu criado: «Leva-os a pastar». O criado levava os cabritos para o mato todos os dias, mas em vez de os vigiar deixava sozinhos e ia comer figos bravos.

Um dia a sua patroa viu os cabritos a comer algodão, chamou o rapaz e avisou: «Os cabritos vão devorar todo o algodão!» Mas o rapaz não fazia caso disso e continuava a ir colher figos. Um dia a patroa disse ao marido: «Aquele rapaz só pensa em comer figos e não se preocupa nada com o rebanho. Eles já acabaram com metade do nosso algodão». «É melhor avisá-lo mais uma vez», sugeriu o marido.

No dia seguinte ela avisou o rapaz novamente, mas sem se importar com o rebanho, ele foi a procura de figos. Quando a senhora foi ao mato e viu os cabritos a desbaratarem o algodão e o rapaz a comer figos, ela queixou-se outra vez ao marido. Quando o rapaz regressou a casa o seu patrão gritou: «Estás despedido! Agora podes ir comer figos à vontade».

*Uma pessoa que pensa só em si todo o tempo
dificilmente pode ser confiada.*

AS DUAS MULHERES

Viviam duas mulheres numa aldeia. Uma era alta e a outra baixa. Um dia ambas deram à luz um filho – à baixa nasceu um bebé sadio, mas à outra um bebé sem cabeça.

A mulher alta então sugeriu ao marido da mulher baixa: «Quando o vosso filho crescer ele irá provavelmente matar-vos», e assim temendo alguma adversidade, sempre que a sua mulher dava à luz, ele abandonava a criança no mato.

Um dia quando a mulher baixa se encontrava grávida ela foi ao rio e começou a chorar. Um jacaré apareceu e perguntou: «Porque choras, mulher?» «O meu marido atira para fora todos os meus filhos», disse a mulher chorando. «Bem, eu guardarei os teus filhos daqui em diante», prometeu o jacaré

A mulher deu à luz dois filhos junto ao rio e entregou-os ao jacaré e pediu: «Por favor, trate-os bem». As crianças cresceram e ficaram fortes pois o jacaré dava-lhes muito peixe.

Um dia os dois rapazes encontraram-se com a mulher alta e perguntaram-lhe: «Não foi você que enganou o nosso pai!» Então amarraram-na, fizeram uma grande fogueira e lançaram-na lá dentro.

A inveja pode ocasionar ódio e mentiras.

O MARIDO QUE SÓ COMIA GALINHA

Havia um homem que só queria comer galinha todos os dias e assim a sua mulher sempre tinha de cozinhar galinha para ele. Um dia a sua sogra cozinhou feijão, mas ele fez uma careta e insistiu que lhe dessem galinha. Um dia este homem disse à mulher: «Vou sair agora para visitar a minha família. Voltarei daqui a quatro dias».

Em sua casa cozinham massa e caril de feijão, e ele comeu tudo sem reclamar. Quatro dias depois quando regressava para casa notou migalhas de feijão a seguir-lhe.

«Gun-gu-ru-ru... , vamos para a sua casa», cantava o feijão. O homem agarrou nos pedaços de feijão e atirou-os ao rio. Mas quando chegou à casa, para a sua vergonha, viu os pedaços de feijão a cantar. Ao ouvir barulho fora o seu cunhado disse: «Aí vem o teu marido e penso que trás cachorros». Mas quando o homem entrou em casa todos viram os pedacinhos de feijão a cantar.

«Isto não é feijão?» perguntou a sua mulher. «Então, tu comes feijão em casa de tua mãe mas aqui em tua própria casa recusas!»

O homem acabou por sentir muito humilhado por tudo isso.

*Há pessoas que gostam de exigir dos outros coisas estúpidas
só para satisfazer os seus desejos.*

MORREU AQUELE QUE CULTIVAVA O FEIJÃO

Havia um homem que estava a ser insuportavelmente incomodado por um enorme bando de macacos. O homem tinha cultivado feijão numa grande *machamba* mas os macacos costumavam devorar o feijão todos os dias e o homem não sabia como prevenir isso. Um dia ele pensou: «Aqueles macacos vão arruinar toda a minha colheita».

Um dia o homem deitou-se na sua *machamba* e fingiu-se de morto. Quando os macacos o encontraram nesse estado, cobriram-no com um pano e disseram: «Vamos levá-lo para enterrarmos na Figueira Brava». E assim levaram-no em procissão cantado: «Morreu aquele que cultivava o feijão!»

Mas um macaquinho vendo que o homem abria um olho, gritou: «Eh aquele homem deve estar ainda vivo!» Zangados, os macacos juntaram-se e mataram o macaquinho.

Cantando, os macacos foram para diante com o corpo do homem. Então outro macaquinho também observou o homem a mover as sobrancelhas e

bradou: «Aquele corpo que vocês estão levar ainda respira!» Arreliados, os outros macacos juntaram-se e amarraram esse macaquinho a uma árvore.

Quando chegaram à Figueira Brava o homem saltou, arremessou o seu punhal e golpeou o pai-macaco. Apavorados, os outros fugiram para o mato, mas pensaram em soltar o macaquinho que eles tinham amarrado à árvore.

Deve-se dar importância mesmo à opinião de pessoas insignificantes.

49

RATO, DEIXA-ME PILAR

Em tempos longínquos havia uma mulher com um rato em sua casa. Um dia as mulheres da aldeia disseram: «Tu ficas em casa para pilar *mapira* e nós vamos para a *machamba*».

A mulher encheu o pilão com *mapira* e começou a pilar. Entretanto o rato saiu e disse à mulher: «Gostaria que me desses um pouco daquela *mapira*; estou com tanta fome».

A mulher deu um pouco de *mapira* ao rato e disse: «Agora vai-te embora e deixa-me pilar!» Depois de pilar ela cozinhou massa e esperou pelas suas companheiras. Quando as mulheres regressaram da *machamba* todas ela tiveram almoço de farinha de *mapira*.

«Então, amanhã ficas aqui outra vez a cozinhar», disseram elas à mesma mulher. No dia seguinte quando a mulher pilava, apareceu o rato novamente e disse: «Podias-me dar um pouco de *mapira* – estou com fome». Ela deu-lhe alguma *mapira* imediatamente e depois de pilar, cozinhou para as suas companheiras. Essa mesma cena continuou por algum tempo visto que a mesma mulher ficava em casa a cozinhar.

Então um dia essa mulher morreu e outra mulher tomou o seu lugar. Veio o rato como de costume pedir comida. Mas a mulher nova julgou que a presença do rato devia ser alguma desgraça, e assim pegando num pau, matou o rato.

*Sem alguma familiaridade e confiança,
favores não são facilmente concedidos a ninguém.*

50

A HIENA E A AVE

Há muito tempo uma hiena e uma ave tornaram-se grandes amigas. Um dia a hiena disse: «Amiga, sem dúvida eu sou a mais forte!» «Oh não, eu não julgo assim», disse a ave. «Gostarias de apostar nisso», desafiou a hiena.

Então cada uma delas entregou cem escudos às outras hienas e aves, testemunhas da aposta. Elas tinham de fazer uma longa viagem, mas ficou decidido que não poderiam nem comer nem beber durante o percurso, e no dia seguinte ambas partiram para Tete cantando.

Ora, a ave ia acompanhada por seis filhos e a hiena por quatro. No caminho uma das filhas da hiena morreu e a hiena comeu-a. A ave mergulhou no rio, apanhou um peixe e deu-o aos seus filhos e continuou o percurso, cantando.

A hiena e a ave chegaram a Cacombo mas as línguas das hienas estavam penduradas cheias de baba devido ao calor ardente – e quando mais dois filhos da hiena morreram de calor, ela comeu-os, enquanto que a ave mergulhava no rio para apanhar peixes para os seus filhos. Seis dias depois ao ver a hiena só com uma filha a ave perguntou. «Companheira, onde estão os teus filhos?» «Oh, morreram e tive de os deitar fora», explicou a hiena.

«Então julgo que eu devo ser a mais forte», disse a ave. «Todos os meus filhos estão aqui comigo – e perfeitamente bem». «Não! Não» a hiena respondeu, «vamos continuar a viagem. Todos os teus filhos também vão morrer, portanto ainda não sabemos que é a mais forte».

Assim elas continuaram a prova por mais dois dias, mas antes de chegarem a Tete a filha da hiena morreu e a mãe comeu-a. Finalmente, quando chegaram a Tete a mãe-hiena morreu também – e as testemunhas entregaram toda a aposta à ave.

A vaidade destrói o soberbo.

51

A GAZELA E A MULHER

Era uma vez uma gazela-macho que decidiu ir viver entre os homens e não muito depois casou com uma mulher e continuou a viver na aldeia. Logo após o casamento a gazela disse: «Mulher, eu estou acostumado a comer só arroz». «E eu prefiro só mel», disse a mulher. Então a mulher pôs um colar ao pescoço da gazela para poder ouvi-lo quando regressasse do mato. A mulher dava sempre arroz à gazela, e de volta ele trazia mel para ela.

Pouco depois um dos criados do Matenguenha disse: «Senhor, uma mulher da nossa povoação casou há pouco com uma gazela muito bonita». «Então vai e trá-lo cá», ordenou o Matenguenha. Os homens pegaram em espingardas e numa machila e esconderam-se ao pé da casa da gazela. «Vamos ver como o seu marido dança», disseram os criados. A gazela cantava quando chegou com o mel, e ao ouvir o colar a tinar e o canto, a sua mulher abriu a porta.

No dia seguinte enquanto a gazela se encontrava no mato, os homens do Matenguenha puseram também colares de missanga e começaram a cantar como

a gazela. A mulher da gazela abriu a porta mas para a sua surpresa deparou com os criados do Matenguenha que a agarraram e puseram na machila; e em seguida transportaram-na para a casa do Matenguenha.

Quando a gazela voltou com o mel e não encontrando a mulher em casa, foi perguntar aos vizinhos. «O Matenguenha levou a tua mulher e casou com ela», eles deram a conhecer. Então a gazela foi para o mato, chamou os macacos e disse zangado: «Vocês conseguem virar a mulher do Matenguenha num barrote de madeira?»

«Sem qualquer problema», disseram os macacos todos juntos. Então os macacos pegaram em batuques e foram, cantando, à casa do Matenguenha. Continuaram a cantar e a dançar até ao meio dia e o Matenguenha deu-lhes uma grande porção de milho. A gazela também tocava batuque. O chefe-macaco que dançava com um rabo de zebra disse a uma criada do Matenguenha: «Tenho sede», mas quando a criada trouxe água o chefe recusou-a dizendo, «quero que a tua patroa traga água». Então a mulher do Matenguenha trouxe um cântaro grande cheio de água e deixou-o no chão.

«Rapazes toquem esse batuques com mais força», comandou o chefe, e o macacos começaram a bater com toda a energia. O chefe-macaco submergiu o rabo de zebra na água, remexeu-a e depois aspergiu a mulher do Matenguenha com ele, após o qual ela se transformou em árvore. Seguidamente a gazela e os macacos fugiram para o mato com o milho.

Não se deve cobiçar o albeio.

52

O ANIMAL GRANDE

Em tempos passados uma mulher deu à luz uma criança mas então um grande animal, devorador de homens, comeu a criança. A mulher deu à luz outro filho, mas o animal também o devorou. Ela deu à luz um terceiro filho, mas esta criança não tinha pernas. Ela escondeu-o numa grande panela pensando: «Se as minhas companheiras o virem irão rir-se de mim».

Uma certa manhã quando todos tinham saído para a *machamba*, este animal voltou novamente. Ele entrou em casa e destapou uma panela que continha *mapira*; depois descobriu outra com machoeira; e ainda outra com milho. A sua curiosidade levou-lhe a abrir todas as panela – e numa delas encontrou esta criança sem pernas. Tirou-a para fora, deu-lhe pernas, vestiu-lhe com um fato, pôs pulseiras nas suas mãos e pés, e missangas ao pescoço e ordenou: «Agora canta e dança». O animal tocava batuque e a criança dançava e cantava: «Ó mãe, vem cá ver, as minhas pernas cresceram. Agora sou muzungu». O batuque soava cada vez

mais forte mas pouco depois a criança cansou-se de dançar. «Dança mais. Eu não quero ficar aborrecido e ter de te comer», disse o animal ameaçando-o.

Ao cair da noite o animal tirou as pernas à criança e guardou-as dentro do batuque e depois devolveu a criança à panela e foi para o mato.

«Quem é que esteve aqui a dançar», perguntou a mãe da criança a uma vizinha quando regressou da *machamba*. «Não sei», respondeu a vizinha. «Bem, amanhã vou ficar a vigiar», disse a mãe.

Na manhã seguinte o animal regressou e chamou: «Ó criança, ainda estás aí? Vamos dançar!» Então ele tirou a criança da panela, pôs-lhe pernas e um colar ao pescoço, e disse: «Agora toca batuque e dança. E não vás para longe porque não te quero fazer mal».

A mãe da criança, claro, viu e ouviu tudo muito admirada. Duas horas depois o animal removeu as pernas, pôs a criança de novo na panela e foi embora. A mulher correu imediatamente para contar aos homens da aldeia o que tinha acontecido. Então os homens decidiram ficar à espera do animal com as suas espingardas.

No dia seguinte quando o animal voltou, tirou a criança da panela e vestiu-lhe como de costume. O animal tocava batuque e a criança dançava como anteriormente. Mas os homens estavam prontos com as espingardas e mataram o animal.

O feiticeiro cortou a barriga do animal grande e achou lá meia dúzia de homens e também os dois filhos da mulher, felizmente todos vivos.

53

OS CABRITOS E AS OVELHAS

Havia um pastorinho, Tembo, que guardava um rebanho de cabras e ovelhas. Um dia o Tembo subiu numa figueira brava para colher figos para os cabras. De repente veio uma rajada de vento e derrubou-o da árvore. Ao ver o rapaz no chão as ovelhas disseram chorando: «Oh, oh, oh – o nosso amo morreu».

As ovelhas decidiram levar o rapaz para a aldeia, e foram cantando pelo caminho. Quando chegou a vez das cabras para levar o corpo do rapaz, disseram: «Mas ele costumava bater-nos e beber o nosso leite», e as cabras levaram o Tembo por entre toda a espécie de espinhos. «Bem, ele nunca nos bateu», disseram as ovelhas chorando, «então deixem-nos levar para a aldeia».

«Mé, mé, mé», catavam as ovelhas enquanto levavam o seu amo. Quando chegou a vez dos cabritos, transportaram o corpo novamente pelo caminho dos arbustos espinhosos – mas duas horas depois chegaram a Chindor, aldeia do Tembo. Ao ouvirem como as cabras tinham maltratado o Tembo, os homens apossaram de todas as cabras e venderam-nas – ficando só as ovelhas.

Sê bondoso com aqueles que te querem bem.

AS RAPARIGAS E OS LEÕES

Havia duas irmãs que odiavam todos os pretendentes que lhes vinham pedir a mão. Um dia, enquanto pilavam juntas, vieram dois rapazes elegantes e bem vestidos e disseram: «Queremos casar convosco».

«A nossa mãe está na *machamba*», disseram elas. «Vocês terão de esperar até ela voltar». «Não, não; não temos tempo para esperar aqui», insistiram os rapazes. «Vocês podem trazer a vossa comida e vir connosco». As raparigas encheram um cesto com *mapira* e outro com amendoim e seguiram os rapazes. No caminho encontraram-se com um coelho a quem os rapazes disseram: «Ó coelho, escolta as nossas mulheres para a nossa aldeia. Nós vamos para o mato caçar». Assim o coelho levou as duas mulheres para a aldeia.

Porém aqueles maridos eram realmente leões, transformados em rapazes. Mas no mato voltaram a ser leões e chamaram os seus companheiros para virem caçar. Quando as raparigas chegaram à aldeia dos maridos, encontraram só ossos e uma mulher velha (a mãe dos rapazes) que lhes perguntou: «Meninas, porque vieram cá?»

«Os nossos maridos foram para o mato caçar», responderam elas, «e mandaram-nos para aqui com o coelho». «Penso que vocês foram enganadas», disse a mulher. «Os vossos maridos são verdadeiramente leões e foram ao mato chamar os seus companheiros para vos comer». Ao ouvir isso as raparigas começaram a chorar. A mulher ficou com pena delas e disse: «Olhem, os vossos maridos vão chegar a qualquer momento, portanto não tentem fugir agora. Fiquem comigo esta noite».

Então mulher velha meteu as raparigas no seu quarto e quando os rapazes chegaram, perguntaram: «Mãe, onde estão as nossa mulheres?» «Elas estão a dormir no meu quarto; vocês podem vê-las amanhã», respondeu ela.

Mas no dia seguinte, muito cedo, eles foram para o mato sem ver as suas mulheres. Depois dos rapazes terem saído, a mãe disse às raparigas: «Peguem nos vossos cestos de *mapira* e amendoim e fujam depressa – mas espalhem o amendoim e a *mapira* pelo caminho».

Quando os rapazes voltaram à hora do almoço, perguntaram: «Mãe, onde estão as nossa mulheres?» «Elas saíram, mas não me perguntem para onde foram», respondeu ela.

Suspeitando da fuga das raparigas, os rapazes puseram-se ao encalço delas. Mas quando viram *mapira* e amendoim no chão, pararam para apanhar.

Entretanto as raparigas chegaram ao rio, mas as águas tinham subido bastante, e disseram aflitas: «Agora quem é que nos vai ajudar a atravessar o rio?» Nesse mesmo momento avistaram um sapo. «Ó sapo, podes ajudar a passar para o outro lado?» imploraram as raparigas.

«O quê? Quando vocês e os vossos maridos passaram por aqui pisaram-me sem se importarem com isso e ainda ousam pedir favores?» gritou o sapo encolerizado.

«Pedimos-te imensa desculpa», disseram elas. «Os nossos maridos perseguem-nos e querem-nos matar». Então o sapo teve compaixão delas e engoliu-as com todos os seus bens, e depois cobriu-se de *matope*.

Quando os rapazes chegaram ao rio viram um sapo muito inchado e perguntaram: «Ó sapo, viste gente por aqui?» «Não, não vi mesmo ninguém», retorquiu o sapo. «Mas de quê é que te fartaste?» perguntaram eles ao sapo dilatado. «Oh estou enfastiado de *matope*!» respondeu ele.

«*Matope*! Então atira isso para fora para vermos», ordenaram os rapazes. Naquele instante o sapo mergulhou no rio e nadou para o outro lado, onde as raparigas saíram da barriga do sapo, com todas as suas coisas. Ao verem as duas raparigas do outro lado, os rapazes saltaram para o rio, mas a forte corrente arrastou-os para longe.

Então o sapo engoliu as raparigas novamente e levou-as para a sua povoação. Quando lá chegou, foi encontrar-se com a mãe delas e disse: «Traz-me um prato de azeite!» Mas a mulher estava terrivelmente assustada e queria matar o sapo.

«Não, não; não me mates!» pediu o sapo, «trago as tuas filhas aqui dentro de mim».

Então a mulher deu-lhe um prato cheio de azeite e ele bebeu-o todo; e logo expeliu as raparigas com as suas coisas. Desde então aquelas raparigas acautelaram-se muito mais de gente estranha.

Jovens indolentes correm o risco de seguir caminhos perigosos.

55

O KIRE

Havia um homem que tinha um único filho que gostava muito de ir à caça. Um dia o pai avisou-o: «Filho, não vás nunca caçar ao poente». O rapaz tinha muitos cães. Um deles, chamado Kire, era bastante grande e forte e trazia um colar de missangas. Um dia o rapaz foi ao poente caçar ratos, sem cães. De repente começou a chover e ele foi abrigar-se num vale onde morava uma mulher velha que comia gente. Quando ele se levantou de manhã ouviu a mulher velha a falar consigo mesmo: «Ah, posso comer este rapaz ao pequeno almoço».

O rapaz fugiu, subiu uma árvore e começou a chamar os seus cães. Quando a mulher viu os cães, matou-os todos mas o Kire lutou com a velha e degolou-a. O rapaz arrancou todos os seus dentes e lançou-os ao rio.

Trabalhadores fiéis sacrificam a vida em serviço.

O COELHO E A HIENA – I

Um coelho e uma hiena concordaram ajudar-se um ao outro. Um dia o coelho perguntou: «Companheira, nós nunca visitámos a tua mãe?» «Oh, ela está em casa», respondeu a hiena. «Então vamos visitá-la», sugeriu o coelho. Pelos campos onde passavam havia homens a cultivar. «Estes homens vão-nos deixar levar algum amendoim», disse o coelho. «Podemos voltar cá depois para buscar alguma palha para assar o amendoim». Um pouco adiante viram garfos, facas e colheres. «Ei camarada, os homens certamente vão-nos dar alguma farinha. Não te esqueças de vir cá para levar estes talheres», disse o coelho.

Continuaram a caminhar e chegaram a um sítio onde havia água. «Depois vem cá também e enche uma bilha com água», o coelho avisou à hiena. Depois mais além encontraram frutos silvestres, uns maduros e outros verdes, e começaram a colher. «Vamos oferecer os frutos maduros à tua mãe», disse o coelho, «podemos deixar os verdes para nós». O coelho encheu o seu saco com frutos maduros e deixou os verdes para a hiena colher. «Companheira, agora podes ir buscar um pouco de água para lavar os frutos», disse o coelho.

Quando a hiena foi buscar água o coelho comeu alguns frutos maduros mas quando ela regressou fingiu comer frutos verdes. «Agora podes ir buscar palha para assar este amendoim», disse o coelho. A hiena foi buscar a palha que tinham visto no caminho, e durante a sua ausência, o coelho assou o amendoim e comeu-o todo sozinho. Quando hiena regressou com a palha o coelho disse: «Vieram uns homens e levaram todo o amendoim. Mas agora vamos comer a massa. Podes ir buscar os talheres que vimos».

A hiena correu para ir buscar as colheres, facas e garfos. Entretanto o coelho lavou as mãos e comeu toda a massa. Quando a sua companheira voltou com os talheres, o coelho disse: «Olha, os homens vieram novamente e comeram toda a massa!»

«Mas como é que os deixaste comer todo o nosso amendoim e massa?» perguntou a hiena muito admirada. «Não tinha força para lutar com eles», respondeu o coelho.

Pouco depois os dois amigos chegaram a uma aldeia, e foram visitar uns pastores. Ao anoitecer os homens disseram: «Vocês os dois podem dormir neste quarto». «Mas nós preferimos dormir no curral dos cabritos», insistiu o coelho e assim foram dormir no curral. À meia-noite o coelho levantou-se, pegou num pau e matou o cabrito capado. Depois ele comeu a carne e o fígado e escondeu as tripas e a cabeça debaixo da esteira da hiena.

Quando os pastores foram ao curral de manhã, não encontraram o cabrito capado. Procuram na esteira do coelho mas também não o encontraram lá. Em seguida foram ver a esteira da hiena e encontraram debaixo dela só a cabeça

e as tripas. «Vamos prendê-los e atirá-los ao fogo para ver como saltam», disseram os pastores ameaçando-os, «o ladrão vai-se queimar».

Assim prepararam uma grande fogueira e os pastores atiraram o coelho para dentro dela mas ele conseguiu escapar ileso. Em seguida lançaram a hiena, e fraca por não ter comido durante vários dias morreu queimada. «Cá está o ladrão», clamaram os pastores. «Quero entregar a hiena à sua mãe», disse o coelho. Então eles deram-lhe a hiena morta. O coelho dirigiu-se à casa da hiena e deu a carne queimada à mãe dela.

«Li..., li...li, você está a comer a sua filha», cantava o coelho. «O que é isso que tu estás a cantar?» perguntou a mãe da hiena. «Você está a comer a sua própria filha», disse o coelho zombando-se dela. E o coelho pegou na sua guitarra e foi embora cantando.

*Deve-se julgar com discernimento,
senão o inocente sofre e o culpado fica livre.*

57

O COELHO E A HIENA – II

Um dia uns pastores mataram uma hiena por causa dum coelho que agora planeava matar também a sua irmã – mas aquela irmã hiena era muito astuta. Um dia o coelho foi visitá-la e disse: «Companheira, vamos visitar a minha avó». Então eles mandaram pilar milho, cozinharam a farinha e comeram-na.

«Vamos guardar alguma massa para o caminho», sugeriu o coelho. Chegaram a um lago que se encontrava a meio caminho da casa da avó do coelho. «A minha mãe morreu neste lago», disse o coelho e sugeriu que atirassem alguma massa para dentro do lago. A hiena atirou uma panela de massa mas o coelho atirou uma pedra, e depois retomaram a jornada. «Vamos comer a nossa comida aqui e descansar um pouco», sugeriu o coelho. «Tu terás de me dar um pouco de comida», disse a hiena como ela tinha atirado quase toda a massa para dentro do lago – mas o coelho só lhe deu alguns ossos.

Quando chegaram à aldeia da avó do coelho, ele disse: «Bem, agora tu podes seguir para a frente; eu voltarei logo mas se os homens te oferecem comida, tu deves recusar». Na aldeia a hiena encontrou-se com alguns pastores que disseram, «Se quiseres podes beber este leite». A hiena aceitou o leite e bebeu-o. Um pouco mais adiante ela deparou com outros homens que lhe disseram: «Temos aqui algum *pombe* que talvez possas gostar», assim a hiena agradeceu-lhes e bebeu o *pombe*.

Quando o coelho regressou à aldeia perguntou aos pastores: «Não viram por acaso uma hiena por aqui?» «Oh sim», responderam eles, «e ela até bebeu o leite

que lhe demos». «Ah, ah? Então aquela hiena é muito astuta», disse o coelho todo furibundo. Em seguida encontrou-se com outros homens e perguntou-lhes: «Qualquer hiena por aqui recentemente?» «Certamente, ela até bebeu o *pombe* que lhe oferecemos», confirmaram eles.

Mais adiante o coelho encontrou-se com a hiena e disse: «Agora vamos comer aquele amendoim. Podes ir buscar um pouco de palha para o assarmos». «Oh não há problemas; eu tenho a palha comigo aqui mesmo», respondeu ela dando um molho ao coelho. O coelho ficou muito assanhado com a resposta e gritou: «Faz como bem entenderes; tu mesma assa o amendoim – e come-o sozinha».

Ao pôr-do-sol os dois foram pedir abrigo a uns pastores e os pastores deixaram-lhes dormir no curral dos cabritos. Por volta da meia-noite o coelho matou num cabrito e comeu-o. E quis esconder as tripas debaixo da esteira da hiena, mas infelizmente a hiena estava bem acordada, e assim ele teve de escondê-las debaixo da sua própria esteira. Na manhã seguinte o coelho atou um lenço a volta da testa e fingiu-se doente.

Quando os pastores notaram a falta dum cabrito ficaram muito perturbados. «Os viajantes devem ter comido o cabrito», concluíram eles. Então foram ver debaixo da esteira do coelho e encontram lá as tripas. O coelho quis fugir mas os pastores agarraram-no e mataram-no. «Este coelho foi a causa da morte da minha irmã aqui mesmo no ano passado», contou a hiena aos pastores. «Ele também me queria matar a mim e entregar à minha mãe para que me comesse. Agora, podem-me dar o coelho para oferecer à sua avó». Os pastores deram-lhe o coelho morto.

A hiena chegou à casa da avó do coelho e ofereceu-lhe o coelho morto. «Ha, Ha! Tu estás a comer o teu filho ao pequeno almoço», disse a hiena galhofando-se da avó-coelha.

*Aqueles que querem o mal dos outros
caminham para a sua própria perdição.*

58

O HOMEM E O GATO BRAVO

Era uma vez um homem que construiu uma casa num monte para lá viver sozinho, mas um gato bravo começou a vir todos os dias para comer as suas galinhas. E todos os dias o homem tinha o hábito de jogar a bola e tocar batuque. Um dia uma rola, um coelho e um ratão vieram jogar com o homem, mas nesse dia o gato bravo não veio. «Porque não vais chamar o gato bravo para jogar a bola», o homem disse ao coelho. O coelho foi à procura do gato e insistiu que ele viesse jogar.

Quando o coelho jogava com o homem os outros animais batiam palmas e cantavam. Depois foi a vez do ratão jogar. Por fim deram a bola ao gato, mas este prontamente atirou-a para longe, arrebatou uma galinha e fugiu com ela.

«Olha, aquele gato malvado vem comer as minha galinhas todos os dias, e hoje levou a maior», queixou-se o homem. «Esperemos que ele não venha cá mais!» Depois de jogarem um pouco mais a rola, o coelho e o ratão dispersaram-se cada um para o seu lado.

No dia seguinte o homem começou a tocar batuque e a rola, o coelho e o ratão vieram logo para jogar com ele. «Vai e diz àquele gato para vir jogar, mas desta vez vamos matá-lo», disse o homem. O coelho foi chamar novamente e trouxe o gato que no meio do jogo apossou-se doutra galinha e desapareceu no mato. «Então aquele gato horrendo acabou com as minhas galinhas», lamentou o homem.

Um dia o coelho encontrou-se com o gato e perguntou, «Porque é que comeste todas as galinhas daquele homem?» «Comi-as todas porque quero que ele se vá embora daqui. Porque é que ele deixou a sua família e veio viver sozinho para este monte?» o gato quis saber. «Se ele comprar mais galinhas vou comê-las uma por uma até se ir embora daqui».

No dia seguinte o homem saiu para jogar, mas a rola, o coelho e o ratão não apareceram – e enquanto tocava o batuque o instrumento desfêz-se. Assim o homem começou logo a sentir-se solitário e regressou para aldeia para viver com a sua família.

Para serem felizes os seres humanos necessitam de companhia.

59

O HOMEM-GALINHA

Era uma vez uma galinha que se transformou em homem e foi para uma aldeia casar e depois do casamento ele e a sua mulher começaram a *culimar* uma *machamba*. Um dia ele disse à mulher: «Vou ao mato buscar lenha». No mato ele mudou-se em galinha e começou a cantar e a chamar as outras galinhas, dizendo, «Venham à minha *machamba* comer milho». Um grande bando de galinhas veio, cantando, e num instante devoraram quase toda a *machamba*.

Depois de se fartarem, a galinha tornou-se homem e disse à sua sogra: «As galinhas acabaram com o milho da *machamba*. É melhor semeá-la de novo».

Três meses depois ele disse: «Tenho de ir ao mato buscar mais lenha». No mato ele transformou-se em galinha e chamou novamente as suas companheiras que comeram todo o milho num instante. O marido-galinha procedeu dessa maneira quatro vezes até que um dia a sua sogra irritada lhe perguntou: «Mas

como é que as galinhas podem acabar com a *machamba* sem deixar um só grão?» «Bem, se realmente quiser saber isso será melhor você ficar de guarda», disse ele.

«Penso que devo vigiá-lo!», murmurou ela. Um dia a sua sogra decidiu segui-lo até ao mato e para o seu espanto, ela viu o seu genro a mudar em galinha e a chamar as suas companheiras. A mulher voltou para casa e contou o que tinha visto. «Vem depressa», disse ela, «o nosso genro virou galinha e está a comer milho com as outras galinhas».

Então os homens pegaram nas suas zagaias e dirigiram-se para a *machamba*. Lá viram muitas galinhas mas entre elas uma muito grande. Ao verem homens, as galinhas fugiram de medo, deixando a grande sozinha. Os homens apontaram as zagaias e logo o homem-galinha caiu morto.

*Aqueles que se fazem de espertos para roubar,
cedo ou tarde são apanhados.*

60

O COELHO, A HIENA E OS DOIS LEÕES

Uma vez um coelho e uma hiena fizeram um pacto e não muito depois o coelho disse: «Vamos matar aqueles leões que comeram os nossos filhos». Então o coelho e a hiena fizeram buracos num embondeiro para se escaparem dos leões. A hiena fez um buraco largo de lado a lado na árvore enquanto que o coelho também fez de lado a lado mas largo à entrada e estreito no meio. Ambos muniram-se de grandes cajados.

Depois de terminarem todos os preparativos o coelho disse, «Agora quem vai ser o primeiro a bater nos leões? «Se quiseres tu podes ir», disse a hiena.

Então o coelho foi para a frente, e quando dois leões o viram deram-lhe ossos que ele não aceitou. Deram-lhe carne, mas isso ele também não quis. Então os leões ofereceram-lhe fígado, e o coelho comeu-o todo.

«Então coelho, porque é que recusaste a carne que te oferecemos?» perguntaram os leões. «Eu não vim cá para comer a vossa comida; mas para bulhar convosco», anunciou o coelho em voz alta. «Então mostra-nos como queres bulhar!» rugiram os leões zombando dele. O coelho moveu-se para trás dos leões, deu voltas a uma árvore, e subitamente bateu três vezes na cabeça dum leão. Depois fugiu para o buraco que tinha preparado no embondeiro. O leão perseguiu o coelho e também entrou no buraco, mas ficou preso no meio. O coelho saiu do buraco, bateu na cabeça do leão com um cajado grande, e matou-o.

«Olha, hiena, eu matei um leão», exclamou o coelho satisfeito.

«Onde está ele?» perguntou ela toda curiosa.

«Dentro do meu buraco», explicou o coelho. A hiena viu o leão no buraco. «Também vou fazer a mesma coisa», disse ela. Então a hiena pegou no seu cajado e foi ao encontro do leão que lhe deu ossos, carne e fígado. Ela comeu tudo.

«Posso saber porque vieste cá?» inquiriu o leão.

«Para brigar contigo», respondeu ela.

Então a hiena correu à volta duma árvore, e bateu com toda a força no leão três vezes após o qual ela fugiu e entrou no buraco preparado no embondeiro e saiu do outro lado.

Talvez o leão tenha ficado preso no meio, imaginou a hiena, mas ele não estava no buraco. De repente ela viu o leão atrás dela e viu-se forçada a fugir para uma cova velha sem saída. Quando o leão chegou à cova, despiu a pele e deixou-a à entrada da cova e vendo a pele a hiena não ousou sair da cova.

Cinco dias mais tarde uma gazela acompanhada por três filhos, entrou nessa cova para descansar. A hiena agora completamente esfaimada perguntou à gazela, «Viste alguém à entrada da cova?» «Não, não vi ninguém», respondeu a gazela. «Companheira, gostaria que me desses um dos teus filhos», gemeu a hiena, e subitamente devorou uma gazelinha. «Ainda sinto bastante fome! Dá-me outro», exigiu ela, e comeu mais outro e também o terceiro – e ainda rabo da gazela. Mais insatisfeita, a hiena berrou: «Agora dá-me a tua perna».

A gazela fugiu e encontrou-se com o coelho no caminho. «Porque é que corres dessa maneira?» interrogou o coelho, e depois de ouvir a história, ambos foram ao encontro da hiena. Quando avistaram, o coelho disse: «Companheira, gostarias de ver aquele machadinho perfeito que eu te tinha falado?»

«Onde está ele?» perguntou a hiena. «Dentro do meu buraco no embondeiro», respondeu o coelho, e eles foram ao buraco do coelho.

«Agora entra para veres como ele foi bem talhado», convidou o coelho.

A hiena entrou no buraco, mas não conseguiu sair porque ficou presa no meio do buraco.

«Então gazela, agora podes ir em liberdade», disse o coelho. «Deixemos a hiena emagrecer até aos ossos aí dentro».

61

O CORTADOR DE CAPIM

Uns rapazes foram à praia brincar e cada um levou consigo farinha para o almoço. Depois de almoçarem um deles disse: «Agora vou cortar lenha». Enquanto este rapaz cortava lenha um landim raptou-o e escondeu-o num embondeiro, pensando que poderia tê-lo por companheiro. No dia seguinte um homem veio cortar capim ao pé daquele embondeiro. De repente ele ouviu alguém a chamá-lo, e ele perguntou: «Quem está aí?» «Se faz favor», rogou o rapaz

cativo, «quando regressar à aldeia informa os homens que o José está preso dentro deste embondeiro».

Mas quando o cortador chegou à casa esqueceu-se do rapaz por completo. No dia seguinte o cortador foi novamente ao mato, e ouviu outra vez o José; e correu para a aldeia e disse à mãe do José e aos homens o que estava a acontecer. Então todos eles acompanhados pelo o cortador de capim foram ao mato e começaram a cortar o embondeiro. Ao José conseguiram libertar mas o landim malvado conseguiu escapar sem deixar rasto.

O José regressou à aldeia com a sua mãe.

Amizade não se faz à força.

62

A MULHER E O JACARÉ

Um *muzungo* foi a Tete comprar bois, cabritos, patos e galinhas deixando a sua mulher sozinha em casa. Um dia, sentindo-se só, foi ao rio e começou a chorar. Um peixe ouviu-a e veio logo perguntar: «Mulher, porque é que estás perturbada?» «Se faz favor vai-te embora. Não quero falar nisso», lamuriou ela.

Então veio um jacaré e perguntou-lhe a razão da sua tristeza, e a mulher disse: «Gostaria que viesses comigo para casa». Assim o jacaré seguiu a mulher e ficou a viver com ela. Dias depois ela viu o marido a regressar, e começou a cantar, «Oh, oh, o *muzungo* grande vem na sua machila e trás bois!» – e havia um grande banda de homens a dançar e a cantar à volta do *muzungo*.

«Bem, meu jacaré penso que agora deves ir embora», avisou a mulher. Mas o jacaré recusou sair. «Porque me pediste para sair do rio e vir viver contigo?» teimou ele. Então a mulher muito atrapalhada, fechou-se em casa com o jacaré. Quando o *muzungo* bateu à porta e não teve resposta mandou os seus homens arrombar a porta. Para a sua surpresa encontrou lá dentro a sua mulher com um jacaré – então ele mandou que fossem degolados imediatamente.

*Decisões tomadas quando em desolação
podem criar graves complicações.*

63

AS DUAS AMIGAS E A MULHER VELHA

Duas amigas decidiam ir à praia com os seus filhos tirar sal. Depois de regressarem, pela tardinha a mais nova perguntou à outra: «Onde está o teu filho?» «Oh, atirei-o ao mar», disse a mulher mais velha.

Ora, pouco depois a mulher mais nova também lançou o seu filho ao mar. Mas para a sua surpresa a essa mulher viu o filho da companheira a brincar e pensou: «Ah! Penso que fui enganada!» Então ela pôs-se a caminho do mato e começou a chorar. No mato encontrou-se com um coelho que lhe perguntou: «Porque estás a chorar assim, mulher?» e ela contou ao coelho a sua triste história. «Bem, penso que agora terás de aceitar isso», disse o coelho para a consolar.

Um pouco mais à frente ela atinou com uma hiena que inquiriu: «Ei! Qual é o problema?» Então a mulher contou à hiena a sua desventura. «É melhor esquecer isso», aconselhou a hiena. A mulher prosseguiu e deparou com uma zebra caminhando em sua direcção. «O que se passa contigo, mulher?» perguntou a zebra. E a mulher narrou toda a sua infelicidade. «Bem, evidentemente, podia ser pior, portanto é melhor ter mais cuidado da próxima vez», avisou a zebra.

Ao chegar a um penedo ela viu um tigre que indagou: «Tu pareces realmente abalada. O que aconteceu?» Então a mulher infeliz relatou mais uma vez a sua desgraça. «É inútil chorar agora», o tigre procurou animá-la.

Já era tarde quando ela se encontrou com um elefante que lhe perguntou o que é que a incomodava. A mulher partilhou da sua angústia com o elefante. Ele fez um gesto com a tromba acenando-lhe que fosse para a frente.

Mas então apareceu um leão que lhe murmurou: «Quando chegares à próxima aldeia encontrarás um mulher velha que vive lá. Deves pedir-lhe um filho».

Ao sol-posto a mulher chegou à casa desta mulher velha e contou-lhe como a sua companheira lhe tinha enganado. Comovida, a mulher velha disse: «Já é tarde! Seria melhor passares a noite comigo». A hóspede ajudou a mulher velha a limpar a casa e a cozinhar. Depois do jantar a hospedeira generosa perguntou, «Onde gostarias de dormir – na cangarra ou no chão?» «Pode ser no chão», foi a resposta.

No dia seguinte a mulher velha disse: «Agora podes ir mas se ouvires um barulho como ‘bú – bú – bú’ no caminho, não pares; contudo se ouvires ‘nbé – nbé – nbé’ olha com atenção – poderás encontrar uma criança».

Então a mulher foi para o mato e quando ouviu ‘bú – bú – bú’ não parou, mas um pouco à frente ouviu «nbé – nbé – nbé», e ali encontrou uma criança bonita vestida com lindas roupas. A mulher voltou à casa da mulher velha e disse: «Não tenho palavras para te agradecer». «Oh, és sempre bem vinda. Leva essa criança contigo – ele é teu filho», confirmou a mulher velha.

Então quando esta mulher regressou à aldeia a sua companheira observou: «Vejo que tens uma criança tão bonita!» E contou-lhe como a mulher velha a tinha tratado. Na realidade aquela mulher também queria um filho bonito e assim atirou o filho para dentro do lago onde havia um jacaré que o devorou prontamente.

Em seguida, a mulher ambiciosa foi para o mato e começou a cantar. Então apareceu o coelho a perguntar: «O que é que tu queres?» «O meu filho caiu no

lago e um jacaré comeu-o, e agora quero um filho novo», disse ela. «Segue sempre para a frente», respondeu o coelho. Um pouco a frente ela encontrou-se com a hiena que lhe perguntou: «Qual é o problema?» e contou novamente a história falsa. «Segue o teu caminho, mulher» avisou a hiena. Depois veio a zebra inquirir: «Agora o que te aconteceu?»

«Bem, a verdade é que ando a procura de um filho bonito», declarou ela. «Tu não encontrarás isso aqui», explicou a zebra e sugeriu, «talvez um pouco mais adiante».

Finalmente contou a sua história ao leão. «Vá direitinho para a frente» disse o leão «e quando encontrares com uma mulher velha deves pedir-lhe um filho».

Assim ela contou à mulher velha a mesma história inventada. Depois de ouvi-la, a mulher velha disse: «Se me pudesses ajuda a limpar a casa e a cozinhar...».

«Mas eu estou demasiado cansada desta longa viagem», foi a resposta. Depois do jantar, a mulher velha perguntou: «Onde queres dormir – na cangarra ou no chão?» «Oh, na cangarra, claro», respondeu a viajante. No dia seguinte a mulher velha disse: «Agora podes ir embora. Se ouvires ‘bú – bú – bú’ no caminho não pares, mas se ouvires ‘nbé – nbé – nbé’ olha cuidadosamente, poderás encontrar uma criança».

No caminho ela ouviu logo ‘bú – bú – bú’ e seguiu para a frente. Pouco depois ouviu ‘nbé – nbé – nbé’ e encontrou uma criança que tinha só um olho, uma orelha, uma narina, um cabelo, um dente e uma perna. Excessivamente danada, a mulher voltou à casa da mulher velha.

«Podes ficar com ele – é teu filho», gritou a mulher velha completamente teimosa pois não quis mesmo atendê-la.

O malvado e embusteiro merece uma boa lição.

64

OS DOIS IRMÃOS

Era uma vez uma mulher que tinha dois filhos. Um dia ela disse. «Bem, rapazes agora podem ir armar as vossas armadilhas para caçar ratos». Então os rapazes armaram as armadilhas, mas uma mulher velha veio à noite e levou todos os ratos que tinham caído nas armadilhas. Assim no dia seguinte, para a sua surpresa, os rapazes viram as armadilhas em baixo, mas nenhum rato lá dentro. Armaram-nas de novo, mas aquela mulher velha continuava levar tudo o que caía nas armadilhas.

Ora, aquela mulher velha tinha duas filhas. Um dia ela disse: «Raparigas, se por acaso eu morrer na armadilha, quero que me enterrem ao pé do lago». Nessa mesma noite a mulher velha caiu numa das armadilhas e morreu. No dia

seguinte os rapazes foram ver as suas armadilhas. Quando viram as armadilhas caídas, exclamaram: «Ei, isto não são ratos, mas uma mulher velha! Vamos atirá-la naquela cova».

Então, subitamente apareceram as duas irmãs e pediram: «Por favor, não a deitem nessa cova. Essa mulher é nossa mãe e o seu último desejo foi que a enterrássemos ao pé do lago».

Então os rapazes levaram a mulher velha e enterraram-na ao pé do lago, e disseram entre si: «Estas raparigas realmente respeitavam a sua mãe...». E pouco depois os dois irmãos casaram com as irmãs.

Os filhos que respeitam os pais são estimados por todos.

65

O SAPO QUE TURVAVA A ÁGUA

Em tempos remotos vivia um sapo num lago de água fresca, onde os camponeses vinham muitas vezes tirar água. Um dia o sapo pensou: «Se os homens continuarem a tirar água desta maneira irão acabá-la depressa. Vou turvá-la um pouco». Assim fez o sapo.

Quando os homens vieram tirar água eles resmungaram: «Quem é que turvou esta água?» Então fizeram outro poço ao lado do lago, mas o sapo saltou para dentro dele e também turvou a água. Quando os homens foram tirar água deste poço, acharam-na muito suja e então escavaram outro poço ao lado.

«Os homens só pensam em si próprios», pensou o sapo, «também vou turvar a água deste poço».

Os homens fizeram vários poços mas o sapo tinha decidido turvar todos eles. Os camponeses ainda pensaram em matar o sapo mas ele sempre os iludiu. Cansados de escavar tantos poços, eles desistiram finalmente.

Só a constância é capaz de superar obstáculos.

66

O COELHO E O ELEFANTE

Um dia um elefante andava a cortar árvores e a limpar arbustos para cultivar uma *machamba* para si, quando o seu amigo, o coelho, veio e perguntou-lhe: «Ei, elefante, de quem é esta *machamba*?» «É minha, evidentemente», foi a resposta.

«Mas ela foi *culimada* há muito tempo, portanto ela provavelmente não deve ser tua», arguiu o coelho. «Bem, se há qualquer dúvida quanto a isso, podemos ir

ao embondeiro amanhã e perguntar a Deus», desafiou o elefante. Pouco depois o coelho encontrou-se com um camaleão e disse: «Camarada, hoje quero que me faças um favor. Aquele elefante está a tentar apossar-se da minha *machamba*. Sobe o embondeiro e quando perguntarmos de quem é a roça diz que ela pertence ao coelho».

«Certo, posso dizer que a *machamba* pertence ao coelho», respondeu o camaleão, mas acrescentou, «e o que ganho com isso?» «Dar-te-ei um jarro grande com azeite», prometeu o coelho.

No dia seguinte o coelho e o elefante dirigiram-se ao embondeiro acompanhados por alguns animais e homens. Aproximando-se do embondeiro, o elefante perguntou em voz alta: «Quem é o dono daquela roça?» «O coelho», respondeu uma voz com autoridade. «Não, isso não é verdade», refutou o elefante.

«Um momento; agora deixa-me perguntar», avançou o coelho, e quando ele perguntou uma voz respondeu claramente: «Essa *machamba* pertence ao coelho».

Então todos os animais e homens lá presentes riram-se do elefante que teve de retirar-se deprimido, e ir cultivar outra *machamba* noutra local.

Mentiras proferidas repetidamente nunca se tornam verdades.

67

O CAMALEÃO E A LAGARTIXA

Um camaleão e uma lagartixa discutiam acerca dos mistérios da vida humana. Um dia depois de muita discussão a lagartixa desafiou o camaleão, dizendo, «Vamos perguntar a Deus se os homens morrem ou não!»

Então eles pilaram milho para a viagem. Quando começaram a viagem a lagartixa andou muito depressa deixando o camaleão para trás, e assim a lagartixa chegou primeiro a um monte muito alto e esperou pelo seu companheiro. O camaleão chegou um mês depois, realmente muito fatigado.

«Amanhã vamos perguntar se os homens morrem», disse a lagartixa, e ao amanhecer ela perguntou em voz alta: «Deus, precisamos de saber se os homens morrem ou não!»

«Os homens morrem, mas depois voltam a viver», respondeu Deus. «Então ouviste bem aquilo que Deus disse», arguiu a lagartixa. «Deus afirmou que os homens morrem». «Não, não, não percebeste bem», insistiu o camaleão. «Deus disse que os homens tornam a viver novamente depois de morrerem. Vamos perguntar outra vez».

Então Deus repetiu a mesma coisa mas o camaleão e a lagartixa ferravam um ao outro e não concordavam. Depois de escutar atentamente toda a disputa entre os dois teimosos, Deus decidiu mandar um espírito para lhes dizer que os

homens voltam a viver depois de morrer, e assim o espírito que Deus enviou proclamou: «Podem ter a certeza que os homens morrem, mas depois de morrerem eles tornam a viver novamente».

Ao ouvir aquilo a lagartixa e o camaleão regressaram para informar o que tinham ouvido o espírito dizer. A lagartixa chegou primeiro e proclamou, «Ó homens, Deus mandou-me dizer que todos os homens morrem».

Um mês depois chegou o camaleão, e disse, «Bem, escutem. Deus mandou-me anunciar que os homens depois de morrerem voltam a viver».

«Mas já nos disseram muitas vezes antes que os homens morrem», disseram eles, «e é isso mesmo que acreditamos agora». A lagartixa já nos disse isso vezes sem conta.

Uma mentira ouvida frequentemente pode um dia ser tomada por facto.

68

O COELHO E A GAZELA

Antigamente um coelho e uma gazela tornaram-se amigos. Um dia o coelho disse: «Companheira, vamos ver se conseguimos matar as nossas mães». Então a gazela matou a sua mãe mas o coelho escondeu a mãe dele numa cova. No dia seguinte o coelho foi visitar a gazela e perguntou: «Bem então conseguiste matar a tua mãe?» «Oh sim», foi a resposta; «e tu também conseguiste matar a tua?» inquiriu a gazela. «Claro! Sem qualquer problema», respondeu o coelho.

Nessa mesma tarde o coelho sugeriu que eles fizessem tendas no mato e vivessem lá. Assim cada um fez uma tenda, mas o coelho teve uma ideia brilhante. «Seria melhor se passeasses no teu lado, e eu no meu», disse ele.

A gazela concordou, mas o coelho também ia passear e comer com a sua mãe no lado da gazela todos os dias. Entretanto a gazela só vivia no seu lado. Às vezes a gazela ia à procura de frutos para dar ao coelho, os quais ele e a mãe comiam.

Um dia ao ver o coelho passear calmamente no lado dela, a gazela disse: «Bem amigo, eu penso que também posso passear no teu lado». «Mas nós já dividimos a terra. Porque queres passear agora no meu lado?» inquiriu o coelho irritado.

Finalmente com pouca comida no seu campo, a gazela emagreceu bastante, e assim um dia decidiu seguir o coelho. Para a sua grande surpresa ela viu-o a conversar com a sua mãe.

«Então parece que a mãe dele ainda vive», notou a gazela, e prontamente resolveu matá-la. Quando o coelho se encontrava a descansar na sua tenda, a gazela foi à toca da mãe-coelha e chamou: «Sou eu, uma boa amiga do teu filho;

gostaria que cozinhasses um pouco de massa para mim». Depois de comer, a gazela pegou na zagaia e matou a mãe do coelho. Em seguida regressou à sua tenda e foi dormir.

Na manhã seguinte o coelho vestiu o seu colete mais berrante e foi visitar a sua mãe, que a encontrou a rir. «O que é isso, mãe?» perguntou ele, «será que não gostas do meu colete?» Então ele despiu o colete colorido. Mas ela não parou de rir. «Bem, talvez também não gastes das minhas sobranceiras», julgou ele, arrancando-as também, mas ela ainda continuava a achar graça.

«Isso é mesmo muito ridículo», ponderou o coelho, «todos esse riso estúpido». Então ele agarrou-a pela barriga, mas a pele soltou-se nas mãos. «Oh, oh! A minha mãe está morta, mas quem é que a matou?» Então o coelho dirigiu-se para a barraca da gazela e lamentou, «A minha mãe morreu...».

«Tu enganaste-me...», interrompeu a gazela. «Oh não, só estava a brincar contigo quando disse que devíamos matar as nossas mães», respondeu o coelho.

«Alguma brincadeira era isso eh!» reagiu a gazela e terminou a amizade para sempre.

Não enganes se não queres ser enganado.

69

PASSEM PARA AS MINHAS COSTAS

Uns rapazes e raparigas foram para o rio brincar. Uma das raparigas deparou com um jacaré, e deu-lhe alguma massa. Depois de comer o jacaré disse: «Se passarem para as minhas costas apanharei muito peixes para vocês, e também dar-vos-ei roupa e pulseiras». Então todos eles subiram para as costas do jacaré e quando ele mergulhou, começou a cantar.

Então outro jacaré que passava por ali disse: «Se faz favor podias-me dar um desses rapaz para a minha refeição?» Contundo o jacaré amigo recusou esse favor e ao chegar a casa, deu aos rapazes e raparigas muito peixe e roupa bonita; mas a uma delas ofereceu-lhe também missangas e pulseiras, dizendo: «Tu vais ser minha mulher».

Os rapazes e as raparigas ficaram dois meses com o jacaré e na aldeia as mães aflitas protestavam: «Aquelas feras horríveis do rio devem ter comido os nossos filhos!» Um dia os rapazes e raparigas disseram ao jacaré: «Queremos voltar para casa». «Não há problemas», respondeu ele, «passem para as minhas costas». Quando o jacaré mergulhou no rio e ia a atravessar o rio outros jacarés disseram: «Ei! Podes entregar-nos um desses rapazes para comermos». Desta vez o jacaré também não fez a vontade deles, antes levou-os cuidadosamente e deixou-os na sua aldeia, dizendo: «Voltarei amanhã».

Então quando o jacaré voltou no dia seguinte, disse: «Evidentemente, ainda gostaria daquela rapariga que escolhi para minha mulher!» «De nenhum modo», gritaram os irmãos, «naturalmente ela não pode ser tua mulher de qualquer maneira!»

O jacaré ficou enfurecido de tal forma que degolou a rapariga num instante e devorou-a.

*É preciso ter bastante cuidado
quando se recebe favores de estranhos.*

70

A HIENA SEDUTORA

Um homem construiu uma casa no mato e ele tinha uma mulher que costumava deixar sozinha em casa sempre que saía. Um dia quando ela se encontrava sozinha veio uma hiena, transformada em homem, para a tentar, e perguntou: «Então mulher, para onde foi o teu marido?» «Para Tete», respondeu ela.

«Para fazer o quê?»

«Para comprar uma zagaia».

«Porque é que ele precisa dela?»

«Bem, talvez para matar uma hiena».

«Achas que ele me quer matar?»

A mulher suspeitou que estava a falar com uma hiena disfarçada de homem, e disse: «Bem, se por acaso tu és uma hiena, sem dúvida ele vai-te matar».

Ao ver-se desmascarada, a hiena-homem fugiu para o mato mas regressou no dia seguinte para importunar a mulher de novo.

Quando o seu marido regressou, a mulher falou-lhe acerca da hiena sedutora, e assim ele escondeu-se no celeiro com a sua zagaia. Quando a hiena voltou para importunar a mulher, o homem arremessou uma seta bem apontada, e aquilo foi o fim a hiena provocante.

71

A HIENA-PASTORA

Uma vez uma hiena fez-se de pastora e foi servir um fazendeiro numa aldeia. Um dia quando a hiena-pastora pastoreava um rebanho de cabras, deparou com um grupo de raparigas a apanhar nozes e chamou: «Meninas, podem partir também algumas nozes para mim; eu recompensar-vos-ei».

Assim deixando o rebanho sozinho, a hiena foi divertir-se com as nozes e logo o rebanho se tresmalhou. Em vão procurou juntá-lo e já ia anoitecendo. Perturbada, a hiena-pastora começou a cantar:

«Guli, Guli,
Aquelas raparigas,
Tentaram-me,
Ao partirem nozes.
As cabras do meu patrão,
Foram-se embora».

Quando a hiena-pastora regressou a casa sem as cabras, o seu patrão disse assanhado: «Vai e procura as minhas cabras e não penses em voltar sem elas».

Mais uma vez a hiena foi bater o mato mas não encontrou os animais. Deixou o seu trabalho e foi viver para sempre no mato. Desde então a hiena tornou-se inimiga das cabras.

Negligência do dever pode ser prejudicial.

72

A MOSCA DO BOI E A TARTARUGA

Há muito tempo havia um elefante que construiu uma casa para si e muitos animais do mato gostavam dormir ao pé da casa do elefante.

Num dia quente de verão, quando o elefante se encontrava a banhar no rio, uma mosca entrou em sua casa e fechou-se lá dentro. Quando o elefante regressou não conseguiu abrir a porta. Mandou um coelho ver o que se passava lá dentro. O coelho entrou e começou a cantar em chissena: «Quem é que está aqui e o que quer você do meu senhor?»

«Quero arrancar os seus olhos e pô-lo fora de casa», bradou a mosca. Ao ouvir isso, o coelho saltou e fugiu muito assustado. «Senhor, deve ir ver quem está lá dentro», disse o coelho assustado ao elefante.

«Mas quem é que há-de ir agora?» pensou o elefante; e não conseguiu pensar em animal que pudesse estar disposto a ir. «Talvez o leão vá agora», insinuou o elefante, mas o leão também recusou.

«Ó coelho, vai tu novamente», pediu o elefante. Mas então a tartaruga que não tinha medo de nada, interveio e disse: «Está bem. Vou eu!»

«Tu! Tartaruga pequena e fraca; tu queres ir?» disse o elefante desconfiado. «Sim, deixa-me ir, senhor», insistiu a tartaruga. «Bem, então vai!», animou o elefante. Então a tartaruga entrou em casa do elefante e chamou: «Quem está aqui?»

Ao ver a tartaruga a mosca escondeu-se, mas a tartaruga descobriu-a e matou-a.

«Se calhar a tartaruga morreu ou fugiu», pensou o elefante intrigado, já que ela se demorava a vir. Mas então, quando o elefante viu que a casa estava a ser varrida e arranjada ficou muito satisfeito e perguntou: «Quem entre nós é o mais poderoso?» «Oh o leão sem dúvida», interveio o coelho imediatamente. «Mas o leão não teve medo de entrar em minha casa?» arguiu o elefante.

«Então quem é o mais forte?» inquiriu o coelho.

«Eu sou o mais forte; depois a tartaruga», declarou o elefante.

Daí por diante a tartaruga ficou a viver com o elefante.

Às vezes o medo vem de coisas imaginárias.

73

O COELHO E O LEÃO

Um dia um coelho disse a um leão: «Ei, amigo, vamos caçar». Nesse dia apanharam só uma peça, e o leão disse: «Eu como a carne e tu as tripas». «Está bem» disse o coelho, «mas primeiro vou ao rio lavar-me».

Assim o coelho levou as tripas ao lume e foi lavar-se. Quando regressou perguntou: «Posso saber onde é que estão as minhas tripas cozidas?»

«Desculpa, não faço a mínima ideia», respondeu o leão, «mas penso que também me vou lavar».

O leão deixou a carne sobre o fogo e foi ao rio, após o que o coelho devorou toda a carne. Quando o leão voltou, inquiriu, «Sim! E onde é que deve estar a minha carne assada?» O coelho respondeu: «Oh, não sei».

«Bem, penso que é tempo para irmos nadar», sugeriu o leão. Concordaram ir ao rio juntos mas o coelho levou escondido consigo um espinho muito aguçado. Quando ambos mergulharam no rio, o leão agarrou o coelho pela cabeça e submergiu três vezes.

«Ei, quem é que me puxou para dentro?» perguntou o coelho atordoado. «Oh, não sei dizer-te», respondeu o leão, mas pouco depois quando os dois nadavam juntos, o coelho espetou o espinho na barriga do leão três vezes. «Ei, quem é que me picou?» gritou o leão. «Oh! Desculpa não faço a mínima ideia», respondeu o coelho.

«Bem, agora é melhor irmos para casa», disse o leão. Quando chegaram a casa o leão pegou na viola e começou a cantar: «Qu – qu – qu – coelho – qu – qu – qu; fui eu que comi todas as tripas qu – qu – qu ...!»

«O que estás a cantar, camarada?» perguntou o coelho. «Oh, isso não é nada!» respondeu o leão. Então o coelho disse: «Passa para cá a viola», e o coelho começou a cantar, «Li – li – li – leão – li – li – li; fui eu que te piquei três vezes na barriga li – li – li!» «Ei, o que é isso que estás a cantar», perguntou o leão. «Oh, isso não é nada», disse o coelho.

Então o coelho foi para uma serra onde havia grandes pedras coloridas, e chamou: «Amigo, cá em cima na serra há muita carne. Vou atirar alguma para baixo; mas abre a tua boca». E rolou três pedras grandes pela serra abaixo.

«Então caro companheiro, espero que esteja bem aí em baixo», gritou o coelho dando uma grande gargalhada.

Mas não houve resposta.

A astúcia vale mais do que a força bruta.

74

O MUZUNGO POBRE

Numa aldeia havia um *muzungo* muito pobre que nem sequer tinha um par de calções. Um dia um homem veio vender-lhe um macaquinho e ele disse: «Eu não tenho dinheiro para o comprar, mas posso dar-te um pouco de pano».

Então o homem entregou-lhe o macaquinho em troca do pano, e o *muzungo* criou-o com muito carinho. Uns meses mais tarde o macaquinho perguntou ao *muzungo*: «Porque é que eu não posso guardar a casa do meu senhor?» e o *muzungo* respondeu, «sim, porque não?» O macaquinho ficou muito contente com a confiança do *muzungo* e começou a dançar com as chaves da casa.

Um dia o macaquinho disse: «Senhor, deixe-me ir à minha aldeia». «Não! Não quero que vás lá», disse o *muzungo*. Mas o macaquinho rogou tanto até o *muzungo* lhe deixar ir. Poucos dias depois o macaquinho voltou e disse: «Senhor, aqui estão alguns presentes que a minha mãe vos envia».

O *muzungo* ficou muito contente com o regresso do macaquinho, e um mês depois o macaquinho disse: «Senhor, agora posso ir a Tete?» Então o *muzungo* também deu licença para ir a Tete. Em Tete o macaquinho dançava com as chaves penduradas à cintura e pedia esmola aos transeuntes. Estando lá, um dia na hora do almoço entrou em casa do *muzungo* João Martins que perguntou ao macaquinho: «Donde vens, macaquinho?» «Oh, vim da terra da minha mãe», foi a resposta. O *muzungo* João Martins deu-lhe um prato de milho e outras iguarias. Agradecido, o macaquinho continuou a jornada e uma semana depois chegou à casa do seu dono. O *muzungo* ficou extremamente feliz ao vê-lo. Então o macaquinho ofereceu-lhe muitos presentes e também algum dinheiro que lhe tinham dado.

Mas o *muzungo* começou a suspeitar que tudo isso pudesse ter sido roubado e ficou com receio que o dono dessa coisas pudesse vir um dia bater-lhe. Mas passado um mês o macaquinho foi novamente a Tete. Lá morava uma senhora que se chamava Dona e que raramente saía de casa. O macaquinho aproximou-se da casa dessa senhora e começou a dançar com as chaves. O seu marido gostou tanto

de o ver a dançar e mesmo a senhora Dona que nunca saía de casa, nesse dia saiu para ver o macaquinho e ficou muito contente. A senhora deu-lhe muitas jóias e dois dias depois o macaquinho regressou a casa e deu tudo ao seu amo.

«Oh, eu nunca me vou esquecer de ti; fizeste-me muito feliz», disse o *muzungo* acariciando afectuosamente o seu amigo macaquinho.

Um dia o macaquinho foi a Tete à casa dum outro *muzungo* que tinha uma filha e disse: «Gostaria de casar com a sua filha». Ele deu a este *muzungo* duas jóias e também ofereceu pedras preciosas à rapariga. O *muzungo* concordou com a proposta e decidiram marcar o dia de casamento.

Então poucos dias depois vieram muitos *muzungos* para as bodas do macaquinho. Ele e sua noiva estavam adornados com toda a espécie de ouro mas quando os *muzungos* convidados viram tanto ouro começaram a brigar entre si para ver quem conseguia apossar-se de mais ouro. O resultado disso tudo foi o cancelamento do casamento e o macaquinho voltou para casa do seu patrão e ofereceu-lhe todo o ouro e pedras preciosas.

É melhor dar do que receber.

75

OS DOIS FILHOS ABANDONADOS

Era uma vez um homem que tinha dois filhos – um rapaz e uma rapariga – e ambos gostavam de comer muito. Eles podiam acabar dois cestos de massa de farinha de milho num só dia, e nunca se fartavam de comer. Porque estava a ter dificuldades em sustentá-los, um dia o pai decidiu levá-los para muito longe e lá os abandonar. Depois de caminhar durante três dias o pai disse: «Fiquem aqui filhos. Vou à fonte buscar água». Mas ele foi direitinho a casa, deixando os filhos sozinhos à sua sorte.

Os dois irmãos continuaram a jornada até avistarem uma casa muito grande. Entraram nela e encontraram lá uma mulher velha a fritar quatro peixes. Aproximaram-se dela, atiraram as linhas de pesca na frigideira e pescaram os peixes. Nesse momento a gata miou. «Oh, cala-te gatinha, aqui não há ninguém», berrou a velha.

Mas então a velha pôs os óculos e de repente viu as crianças. Ela agarrou os dois irmãos e fechou-os num quarto e fez um buraco na porta do tamanho de uma mão. Duas semanas depois a velha disse: «Mostrem-me as vossas mãos para ver se já estão gordinhos». Então as crianças mostraram-lhe o rabo dum rato. «Ah, bem vejo que ainda não estão gordos», exclamou a velha.

Um dia a rapariga pediu ao seu irmão: «Deixas-me brincar um pouco com o rato?» «Bem, leva-o mas com cuidado para ele não fugir», avisou o irmão.

Ele deu-lhe o rato mas ela esqueceu-se de o atar, e ele fugiu. Tentaram agarrá-lo, mas em vão.

No dia seguinte a velha disse: «Deixa-me ver as vossas mãos», eles mostraram uma palha fina. «Isso é palha! Quero ver as vossas mãos», insistiu a velha. «Saíam imediatamente. Tenho a certeza que já estão bem gordinhos».

Entretanto a velha tinha preparado um caldeirão com água quente e posto uma prancha de acesso sobre ele. «Agora entrem para dentro desse caldeirão», ordenou a velha.

«Mas terás de nos mostrar como é que se entra», arguiu o rapaz. Então a velha subiu para cima da prancha mas quando tinha chegado ao meio, o rapaz virou a prancha e assim a velha caiu dentro do caldeirão e morreu instantaneamente.

Quando a rapariga viu a velha morta, começou a chorar. Mas o rapaz para animá-la disse: «Então se ela nos comesse o que farias? Haverias de rir?» O rapaz então abriu alguns quartos da casa grande. Num deles encontrou muita roupa, noutro havia muitos cavalos e burros, e ainda noutro viu espadas.

No dia seguinte pegaram nos cavalos e burros e todas a outras coisas que tinham encontrado nessa casa e foram-se embora. No caminho depararam com uma cobra muito grande com doze cabeças que os queria devorar. O rapaz cortou algumas cabeças mas outras continuavam a crescer, mas por fim quando cortou a cabeça grande a cobra morreu. E verificou-se que a cobra era a mesma mulher velha.

Passados alguns anos o rapaz e a rapariga finalmente voltaram à sua aldeia, e muitas pessoas vieram saudá-los inclusive a mãe deles que não conseguiu reconhecê-los. Mas eles reconheceram-na imediatamente.

«Não nos conhece?» os dois irmãos perguntaram à mãe.

«Mas vocês são ricos, como é que vos posso conhecer?» respondeu a mãe.

«Mas recorda-se que quando nos éramos crianças gulosas, como o nosso pai nos levou para longe...?»

A mãe ficou contentíssima vendo os seus filhos e no dia seguinte preparou *pombe* e deu uma grande festa.

Os filhos bons nunca se esquecem dos pais.

76 GURITI

Havia um homem que se chamava Guriti e ele tinha um criado chamado Corta-Água. Um dia Guriti foi com o criado visitar a sua mãe. No quintal da casa dela ele plantou duas árvores, e disse à mãe: «Mãe, no dia em que estas árvores morrerem, ficará a saber que eu também morri».

Então de regresso a casa ele encontrou-se com um homem velho que *culimava* a sua *machamba*, e Guriti perguntou: «Sabe onde é que os elefantes andam a pastar?» «Desce a encosta», disse o velho, «e lá encontrarás os elefantes».

«Vamos agarrar um par de machos maiores e tirar a pele», disse Guriti ao Corta-Água.

Então um pouco mais adiante encontraram-se com um homem grande que estava a comer palha e alcunharam-no, o Come-Palha. «Porque é que você está a comer palha?» perguntou Guriti. «Deixem-me em paz ou também vos comerei», avisou o Come-Palha irritado. Magoado com o falar do Come-Palha, disse Guriti: «Bem, se quiseres bulhar comigo estou pronto!»

«Ah! É perda de tempo e uma desgraça e vergonha bulhar com coisa tão pequena», zombou o Come-Palha.

«Não é nenhuma perda de tempo; e desgraça vai ser a tua», gritou Guriti.

Começaram a bulhar e o Come-Palha foi o primeiro a cair por terra. Então Guriti agrediu com a clava, após o qual o deitou para dentro dum saco e deu ao Corta-Água para o levar.

Foram para a frente e viram um homem a cortar serras e chamaram-no o Corta-Serra.

«Então, porque é que você anda a cortar aquelas serras?» perguntou Guriti.

«E o que você tem com isso? Vá-se embora!» disse o Corta-Serra ameaçando-o com um punho. «Parece que você está com vontade de levar uma sova», disse Guriti furioso.

«Deixa de conversas», disse o Corta-Serra galhofando. Então eles começaram a lutar, e não muito depois o Corta-Serra foi derrubado. Guriti espancou-lhe com a clava, e atirou-o para dentro do saco onde o Come-Palha se encontrava. Prosseguiram a jornada e chegaram a um lago pequeno e decidiram parar aí para descansar.

«Você, Corta-Serra, fica aqui a cozinhar», ordenou Guriti, «nós vamos caçar». O Corta-Serra foi ao lago pescar e deparou com um peixe grande. «Quem é você?» indagou o peixe. «Sou o criado do Guriti», disse o Corta-Serra.

«Oh então aquele homem Guriti anda por aqui?» observou o peixe. Então o peixe comeu todas as panelas de carne que o Corta-Serra tinha cozinhado, após o que cortou a barba ao Corta-Serra e o prendeu com ela. Quando o Guriti regressou da caça com os seus criados, encontrou o Corta-Serra amarrado a uma árvore, e ele ordenou ao Come-Palha para ir soltá-lo. Mas não era fácil libertar o Corta-Serra. O Corta-Água também não foi capaz. O próprio Guriti teve de ir soltá-lo.

No dia seguinte Guriti disse aos seus criados: «Hoje vocês vão caçar. Eu fico aqui». Quando os criados partiram, Guriti começou a cozinhar. Então chegou o peixe grande a fumar um cachimbo, e perguntou: «Então quem é você?» Mas Guriti ignorou-o e não disse nada. «Posso saber se você é o famoso Guriti?» insistiu o peixe.

«Se você quiser saber então vem lutar comigo», desafiou Guriti e assim começaram a lutar. O peixe caiu por terra, mas conseguiu fugir para o lago.

Quando os criados regressaram Guriti disse ao Corta-Água: «Vai ao lago e esvazia-o todo». Então o Corta-Água esvasiou toda a água do lago mas o peixe saltou para fora. «Agora mata-o», ordenou Guriti e o Corta-Água matou o peixe grande.

Continuaram a caminhar e encontraram com um homem que estava a dormir com um sono profundo. «Vai e pede lume a esse homem», instruiu Guriti ao Come-Palha. Mas o homem não quis levantar-se e disse: «Não tenho fogo aqui comigo!» Guriti foi com a clava e bateu no homem.

«Oh *macana!* Quem é que me está a coçar?» gritou o homem. «Sou eu, Guriti, à procura de fogo», foi a resposta. «Está bem, então continua a coçar», disse o homem. Então Guriti agrediu o homem mais uma vez com a clava, amarrou-o e atirou-o para o saco e continuou a jornada com os criados.

Um pouco a frente viram um homem que tinha só uma perna. Guriti disse ao Corta-Água: «Leva a clava e esmurra-o!» Então o Corta-Água deu-lhe uma forte pancada, mas a clava quebrou-se. «Ó Corta-Serra, pega na zagaia e atira contra esse homem», ordenou Guriti.

Mas nenhum dos criados foi capaz de deter esse homem, nem mesmo Guriti. «Bem, penso que agora devemos ir embora», murmurou Guriti. Assim continuaram a andar durante mais nove meses, a espancar e amarrar gente.

Então um dia o homem de uma perna apareceu no caminho e bateu no Guriti com um pau – com tanta força que Guriti caiu morto.

Nesse mesmo dia, as duas árvores que Guriti tinha plantado em casa de sua mãe também morreram.

Vitória nem sempre pertence ao mais forte.

77

O GIGANTE E OS TRÊS IRMÃOS

Numa certa aldeia viviam três irmãos José, João e Luís. Chegou o dia em que o pai deles morreu, e o José disse: «Agora temos de ir para Tete trabalhar e ganhar algum dinheiro, e depois disso podemos regressar à nossa aldeia. Assim todos os três partiram para Tete.

«Eu gostaria de ser ladrão», disse José.

«Eu quero ser alfaiate», disse João.

«Eu desejaria ser cozinheiro», disse Luís.

Quando chegaram a Tete ficaram em casa de um comandante. Não muito longe de Tete havia um enorme gigante que comia gente todos os dias. Quando

os três irmãos ouviram a história do gigante, João e Luís disseram: «Vamos pedir ao comandante para mandar o José buscar o copo do gigante». Então os dois foram falar com o comandante e disseram o que tinham planejado.

«Mas é verdade que o José é capaz de ir buscar o copo dele?» perguntou o comandante muito admirado. «O gigante é fortíssimo e ninguém até hoje conseguiu aproximar-se dele». «Oh sim, mas o José também é muito corajoso», asseguraram os dois irmãos. Então o comandante mandou chamar o José e perguntou-lhe: «Você consegue ir buscar o copo do gigante?» «Não senhor, não consigo», respondeu José. «Não? Mas eu penso que você deve tentar...», ordenou o comandante.

Quando o José entrou em casa do gigante, encontrou-o à mesa, a comer. José arrastou-se até o gigante, arrebatou o seu copo e fugiu. «Ei, traz o meu copo de volta», gritou o gigante. Mas o José já tinha fugido para longe com o copo.

«Senhor, aqui está o copo do gigante», disse José ao comandante. Alguns dias depois o João e o Luís foram ver novamente o comandante e informaram que o José também podia ir buscar a mesa do gigante. Então o comandante mandou o José buscar a mesa, e no dia seguinte o José trouxe a mesa e entregou-a ao comandante.

O João e o Luís começaram a sentir mais inveja do José e foram de novo falar com o comandante, e sugeriram: «Porque é que o senhor não manda o José buscar a cama do gigante?» Então o comandante mandou chamar o José e disse: «Agora porque não tentas trazer a cama do gigante?».

«Bem, desculpe senhor, mas não sou capaz de fazer isso», respondeu José.

«Mas quem é mais forte, você ou os seus irmãos?» insistiu o comandante. «Os meus irmãos», retorquiu José. Mas apesar disso o comandante mandou o José buscar a cama do gigante, e no dia seguinte o José trouxe a cama e apresentou ao comandante. Mas por essa altura o João e o Luís já nem podiam ver a sombra do José e sussurraram ao comandante: «Senhor, agora podia dizer ao José para ir buscar a mulher do gigante».

Então o José foi à casa do gigante e conseguiu apoderar-se da sua mulher. Mas no momento em que ia sair de casa viu o gigante a vir atrás de si, mas escapando-se dele conseguiu entregar a mulher do gigante ao comandante. Ainda não tinha passado uma semana quando os irmãos do José disseram ao comandante: «Senhor, agora podia sugerir ao José para buscar o gigante». Então o comandante chamou o José e exigiu que trouxesse desta vez o próprio gigante.

O José não sabia o que fazer desta vez, e preocupado dirigiu-se ao rio e começou a pensar o que devia fazer para apanhar o gigante. De repente surgiu uma cobra que indagou: «Ei, homem, qual é o problema?»

«...gora o comandante manda-me agarrar o gigante, e não sei o que fazer», contou José.

«Isso é mesmo muito fácil, meu amigo ... isssss, isssssssss ...!» bafejou a cobra.

Então o José pegou numa canoa e pôs lá dentro uma prancha, uma caixa e uma espada, e foi confrontar o gigante monstruoso. Encontrou-o sentado numa cadeira muito larga e começou a insultá-lo e a batê-lo com a espada como a cobra lhe tinha instruído. O gigante deu uma gargalhada e tentou agarrar o José, mas ele fugiu para a canoa. O gigante seguiu o José mas quando o colosso ia entrar na canoa pela prancha, o rapaz retirou a tábua, deixando o gigante cair para dentro da caixa. Então o José fechou a caixa à chave e levou-a ao comandante. No dia seguinte o comandante mandou que o gigante monstruoso que comia gente fosse morto.

Então poucos dias depois desse incidente, o José disse ao comandante: «Senhor, talvez pudesse dizer ao Luís para cozinhar uns pratos».

Quando o comandante veio a saber que o Luís não sabia cozinhar, desgostoso mandou matá-lo.

«Senhor, porque não manda o João fazer um fato», disse então José. Evidentemente o João não fazia a mínima ideia de como fazer um fato e assim o comandante ordenou que também fosse morto.

Depois dessas provações o José ficou em casa do comandante a servir-lo todo contente.

A inveja só traz desgraça e morte.

78

A GAZELA E O COELHO

Um coelho e uma gazela tornaram-se amigos e um dia o coelho disse à gazela: «Vamos lutar um pouco». «Se eu morrer, quero que me batas com uma cauda de búfalo», disse a gazela. Então eles começaram a lutar e o coelho foi o primeiro a cair mas levantou-se e continuaram a lutar. Logo depois a gazela caiu e morreu. O coelho foi à procura dum búfalo e encontrou um a comer capim.

«Olá coelho, o que procuras por aqui?» inquiriu o búfalo. «Preciso da tua cauda», respondeu o coelho. «Bem, se quiseres a minha cauda terás de me dar as cores da zebra», insistiu o búfalo.

Então o coelho foi à procura duma zebra e encontrou uma a comer ervas tenras. «Olá zebra, podias, se fazes favor, emprestar as tuas cores», explicou o coelho.

«Para tê-las terás de me dar o dourado da impala», concordou a zebra. Então o coelho foi à procura de uma impala e quando viu uma quis matá-la. «O que andas a fazer por aqui, coelho?» perguntou a impala. «Preciso daquela cor dourada que vestes», pediu o coelho. «Se quiseres a minha cor terás de me dar o preto do carvão», afirmou a impala.

Então o coelho foi à procura da cor do carvão. Encontrou um pau queimado mas quando ia pegá-lo apareceu um escorpião que lhe perguntou: «Sim coelho, posso saber que negócio te traz aqui?» «Bem eu só quero aquela cor preta do carvão», retorquiu o coelho.

«Se quiseres aquele tom especial de preto terás de me dar as penas da águia», declarou o escorpião. Minutos depois o coelho encontrou uma águia empoleirada numa árvore alta. Pensou em matá-la para lhe tirar as penas, mas então a águia perguntou: «Ó coelho, o que procuras?» «Gostaria que me desses algumas das tuas penas», pediu o coelho. «Se quiseres qualquer das minhas penas terás de me dar massa», exigiu a águia.

Então o coelho foi à procura de massa e não muito depois deparou com umas crianças a comer aquela mesma coisa. Ele pensou em roubar-lhes alguma, mas as crianças viram-no primeiro.

«Olá coelho, o que podemos fazer por ti?» «Gostaria que me dessem um pouco daquela comida que vocês estão a comer», respondeu o coelho. «Dar-te-emos esta massa se nos deres o Sol», clamaram as crianças. Assim o coelho continuou a busca e quando encontrou outras crianças que brincavam no campo elas chamaram-no e perguntaram: «Porque vieste aqui?» «Ando à procura do Sol», explicou o coelho. As crianças deram-lhe o Sol, e continuaram a brincar.

Então o coelho pegou no Sol e deu às crianças que em troca lhe deram alguma massa. Depois ele deu a massa à águia, e obteve algumas penas. Deu as penas ao escorpião em troca da cor preta do carvão. Levou a cor preta à impala, e recebeu a cor dourada da impala, que por sua vez ofereceu à zebra. Em seguida correu com as listas coloridas da zebra e entregou-as ao búfalo que lhe ofereceu a sua cauda.

Finalmente o coelho foi capaz de bater a gazela com a cauda do búfalo após o qual a sua amiga voltou à vida.

Todo trabalho é pouco para ajudar os amigos.

79

A MULHER SEM SISO

Havia numa aldeia um homem e uma mulher. Um dia a mulher perguntou ao marido: «O que é que gostarias de tomar hoje?» «Gostaria de água sem rãs», respondeu o homem. Então a mulher foi buscar a tal água para o marido.

Pouco depois o marido perguntou: «Mulher, o que gostarias de comer hoje?» «Gostaria de ovos daqueles pássaros que andam pelo cemitério», pediu ela. No dia seguinte o homem disse à sua filha: «Pega no saco e vamos ao cemitério apanhar ovos».

Quando chegaram ao rio avistaram uma árvore onde havia um ninho. A árvore era enorme como um embondeiro e o ninho encontrava-se sobre um ramo que se estendia para o lado mais fundo do rio. O homem subiu a árvore, pegou nos ovos e pô-los no saco. Mas o pássaro viu o homem, e começou a voar perigosamente sobre ele. Ao ver o que estava a suceder, a filha gritou: «Pai, desce depressa. O pássaro aproxima-se».

O homem conseguiu escapar ileso com os ovos e deu-os à mulher que os cozinhou e comeu. No dia seguinte a mulher pensou que devia mandar o seu marido novamente à procura de mais ovos, então ela colocou a casca dos ovos em baixo da esteira onde o homem costumava sentar-se, e quando ele tomou o seu lugar a mulher gritou: «Oh, oh – tu partiste todos os ovos; agora tens de ir buscar mais».

Na manhã seguinte o homem foi com a filha à procura de mais ovos na mesma árvore. Subia a árvore quando o pássaro enfurecido desceu rapidamente para o atacar. «Pai, desce imediatamente; o pássaro vem aí», bradou a filha muito aflita.

«Mas não posso descer sem os ovos», disse ele. Então o pássaro derrubou-o da árvore e o homem caiu no rio e partiu um braço.

«Mulher, já viste que parti o braço por tua causa», queixou-se o homem.

Não se deve fazer todas a vontades de uma pessoa sem juízo.

80

O REI-BODE

Um homem comprou um cabritinho e três cabras. De regresso a casa levou-os a uma lagoa para dar de beber água e disse-lhes: «Agora, meus cabritinhos, fiquem aqui enquanto vou lá comprar *mapira*».

Mas os cabritinhos fugiram imediatamente para o mato onde construíram uma palhota para lá viverem. Entretanto, de regresso depois de comprar *mapira*, não encontrou os seus cabritinhos onde os tinha deixado. O homem seguiu o seu rasto, mas tudo em vão, e assim os cabritinhos foram dados por perdidos no mato.

Certo dia uma hiena aproximou-se da palhota dos cabritos e atirou uma pedra sobre ela. «Quem é que está aí?» perguntou uma voz de bode. Não houve resposta, mas a hiena pode ouvir uma voz que dizia: «...o leão com a pele de coelho e o tigre com o saquinho de cigarros...!» Ouvindo isso a hiena fugiu muito assustada e foi contar ao leão, «... e eles falavam com vozes imponentes que até metiam medo!»

«Mas essa gente tem mais força do que nós?» perguntou o leão. «Oh, não senhor, isso não pode ser», respondeu a hiena. «Então vamos ver quem são eles», insistiu o leão.

Quando chegaram ao pé da palhota a hiena murmurou: «Senhor, agora atira uma pedra se quiseres ouvir a voz deles». O leão atirou uma pedra sobre a palhota e ouviu uma voz soberba a perguntar: «Quem é que está aí fora?»

Então o leão não disse nada, mas ouviu também vozes assustadoras que diziam: «...o leão com a pele de coelho e o tigre...!» Ao ouvir essa conversa o leão também se assustou e fugiu.

Mais tarde o leão contou a história das vozes ameaçadoras ao elefante. «Então vocês, grandes animais, têm medo dos pequenos?» perguntou o elefante. «Vamos ver quem vive naquela palhota». Então o elefante e o leão foram à palhota, mas a hiena teve medo. O elefante e o leão atiraram pedras. «Quem é que está aí?» vociferou o bode. Ninguém respondeu mas eles ouviram alguém dizer: «...o leão com a pele de coelho e o tigre...!» E ao ouvir essa voz espantosa, o elefante também fugiu.

«Então essa gente é mais forte do que nós», concluiu o leão. «Seria melhor fazer as pazes com eles». Os outros animais acederam à ideia, e o elefante tomou uma peça de pano, e acompanhado de outros animais, foi visitar os cabritos. Quando bateram à porta apareceu um bode que começou a falar com uma voz estrondosa. «Porque falas com essa voz? Nós só desejamos a vossa amizade».

O bode calou-se e assim o elefante entrou, e viu um enorme bode, com cornos muito grandes e brilhantes, rei de todos os carneiros, rodeado por cabritos e cabras. O elefante ofereceu-lhe a peça de pano e em retorno o rei-bode deu-lhe presentes. De regresso o elefante disse ao leão: «Eu encontrei-me com o rei-bode e ele tem cornos ainda maiores do que os meus. No dia seguinte os cabritos cozinharam *pombe* e convidaram o elefante e os outros animais. O elefante e todos os animais de quatro patas foram à festa onde beberem muito *pombe*».

Ao ver os cabritos distraídos a hiena agarrou num cabritinho que começou a berrar. «Quem é?» perguntou o rei-bode. «Quem é que está a tentar importunar estes senhores?» inquiriu o leão.

«É a hiena, senhor», respondeu o tigre. «Vai e diz-lhe para vir cá», ordenou o leão. Então o tigre encontrou a hiena, que estava a festejar no esterco de cabrito, e disse: «O leão chama-te!»

«Porque é que tu estás a ofender os nossos amigos?» perguntou o leão. «Mas eu não fiz nada! Só estava a brincar com um cabritinho e ele começou a berrar sem qualquer razão», gaguejou a hiena.

«Ei vocês – coelho, tigre e zebra – prendam a hiena e matem-na», ordenou o leão. Ao ouvir a sentença a hiena saltou e fugiu. O leão e os outros animais de quatro patas continuaram a beber *pombe* até altas horas de madrugada, e depois regressaram à casa.

Uma semana depois do festim o leão e os animais de quatro patas cozinharam *pombe* e convidaram o rei-bode e mais cinco bodes grandes. Os bodes aguçaram os seus cornos como espadas cortantes, pois pressentiram a possibili-

dade de qualquer esgrima. Vendo os bodes com os seus cornos afiados, o leão ficou aterrado mas ainda conseguiu balbuciar: «Amigos, vamos beber *pombe!*» Os bodes começaram a falar com vozes que faziam sobressaltar qualquer pessoa. Ouvindo-os o leão perguntou meigamente: «Senhores, quem é que vos ofendeu?» «Oh, não houve qualquer ofensa!» reponderam os bodes. «É sempre assim que nos comportamos».

«Mas, senhores, com essas vozes vocês assustam até os vossos melhores amigos», explicou o leão. Depois de beberem *pombe* os bodes dispersaram. No caminho os bodes encontraram-se com um homem que lhes perguntou: «Não eras tu um cabritinho quando eu te tinha trocado por uma peça de pano?»

Ao ouvir isso o rei-bode sentiu-se muito comovido mas contente. Chamou todos os bodes, cabritos e cabras, e todo contente foi viver com o seu dono.

Boas maneiras recompensam no fim.

81

UM HOMEM E DUAS MULHERES

Havia um homem que tinha uma mulher e uma concubina. A sua mulher não comia carne de macaco. Um dia o homem caçou um macaco no mato e deu à sua concubina enquanto que à sua mulher ele deu carne de cabrito. Ambas as mulheres cozinharam a carne que o homem lhes tinha dado, mas como a concubina odiava a outra mulher, aquela mulher pôs um pedaço de carne de macaco na panela desta mulher.

Então à hora do almoço, a mulher comeu sem saber carne de macaco e logo transformou-se em macaca e fugiu para o mato, deixando uma filha pequena em casa. No dia seguinte, o homem mandou a filha para a *machamba* para espantar os macacos e as aves. Estando lá a rapariga viu uma macaca sentada numa rocha e observou que esta macaca tinha as mesmas feições que as de sua mãe. E a rapariga começou a cantar:

«Vinde ver esta macaca. O rosto é como o da minha mãe.

A boca é como a da minha mãe. Os olhos são como os da minha mãe.

O nariz é como o da minha mãe. As mãos são como as da minha mãe.

As orelhas são como as da minha mãe.

Ao ouvir o canto a macaca chamou:

«Homu, minha filha. O teu pai é que foi mau.

Ele é que me deu carne de macaco. E por causa disso fiquei macaca.

Homu, minha filha».

A menina ouvia a macaca a dizer a mesma coisa todos os dias. Quando a rapariga contou ao pai o que a macaca dizia, ele foi com a filha à *machamba* e viu

essa macaca a falar. Então o homem foi visitar um bruxo e pediu-lhe um remédio. O bruxo deu-lhe uma cabaça e disse: «Quando vires a macaca asperge-a com essa água mágica».

Assim quando a macaca veio sentar-se no lugar de costume, o homem aspergiu-a com a água mágica e logo a macaca se transformou de novo em mulher. Então o homem expulsou a concubina e ficou a viver feliz com a sua mulher.

82

A CÔNJUGE E A CONCUBINA

Era uma vez um homem que vivia com duas mulheres – a sua cónjuge e uma concubina – porém, ele sempre mostrava mais afecto à cónjuge. Durante a estação das chuvas em Novembro ele trabalhava só na fazenda da sua cónjuge, com muitos outros trabalhadores dela, pois ela vinha de uma casa muito abastada. A sua concubina sentia-se triste mas continuava a trabalhar com ardor na sua *machamba*.

Ora, um dia a concubina deu à luz um passarinho. O passarinho ia de manhã cedo à fazenda da rival da sua mãe e cantava: «Vocês já viram como é que a minha mãe trabalha no campo?»

E ele cantava assim todos os dias. Ao ouvirem o passarinho, os trabalhadores largavam as suas enxadas e começavam a dançar. Passaram assim dias sem trabalharem até chegar o Inverno. Por essa altura a fazenda da cónjuge não produziu coisa alguma, ao enquanto que a *machamba* da concubina cresceu muito cereal. Quando chegou Abril, tempo da colheita, o homem estava tão esfaimado que não quis mais viver com a sua cónjuge. Assim foi viver com a concubina para sempre.

83

A BENFEITORA

Uma mulher tinha construído uma casa num lugar onde todos os animais costumavam passear e ela lá vivia com o seu filho. Sempre que algum animal passasse por sua casa, ela chamava-o e oferecia-lhe a sua hospitalidade. Certo dia a mulher decidiu averiguar se os animais realmente a amavam. Depois de se lavar e fazer todos os preparativos para a prova, ela disse: «Ó filho, anuncia a todos os animais que a sua benfeitora morreu».

Então ela deitou-se na esteira e fingiu-se de morta. Ao ouvirem a triste nova, os animais vieram aos pares para lamentarem a morte da benfeitora. E cantavam:

«Foste para Nyambiriaya, foste, mulher bondosa,
Foste para Nyambiriaya, foste –

E deixaste o teu porco para trás.
Foste para Nyambiriaya, foste –
E deixaste o teu cabrito para trás.
Foste...E deixaste a tua galinha para trás.
Foste...E deixaste o teu pano para trás.
Foste...E deixaste o teu filho para trás.
Foste...».

E continuaram a cantar dessa maneira.

Uma hiena aproximou-se e começou a lamuriar com os outros. Depois de declarar os seus artificiosos sentimentos de tristeza, ela disse: «Ah, morreste tão gorda! Vou tirar-te um pedaço do teu traseiro».

Ao ouvir isso a mulher levantou-se imediatamente e gritou:

«Ah, ah – então, é assim que tratas os teus benfeitores?»

A hiena fugiu toda envergonhada.

Algumas pessoas são tão ingratas não obstante do bem que lhes faça.

84

DEWARA

Era uma vez um viúvo que tinha um filho e uma filha. O rapaz chamava-se Dewara. Um dia o viúvo tornou a casar com uma mulher que também tinha dois filhos. A mulher gostava da sua enteada, mas odiava o Dewara. Queria ver-se livre dele a todo o custo e por isso deitava veneno na sua comida. Quando a irmã do Dewara veio a saber que a sua madrasta estava a envenenar o irmão, foi logo avisá-lo, e disse: «Quando fores à mesa não toques nos doces que a madrasta te der. Ela põe lá veneno!»

Assim o Dewara não tocava nas iguarias e poucos depois ele queixou-se ao pai acerca do comportamento da madrasta. O homem chamou a sua filha e perguntou: «É verdade que a tua madrasta envenena a comida do Dewara? «Sim, isso é mesmo verdade», respondeu a filha.

O homem ficou tão zangado com a esta mulher que a expulsou de casa, e ficou a viver muito feliz para sempre com os seus dois filhos.

O ódio não conhece nem o bem nem o mal.

O HOMEM PREGUIÇOSO

Havia numa aldeia um homem muito preguiçoso. Durante o Inverno detestava trabalhar na *machamba*. Então ele fez dois tamborezitos com frutos do embondeiro e quando devia ir para a *machamba* trabalhar, atava-os aos joelhos e punha-se a queixar e a gemer como se eles estivessem inchados. Vendo-o nesse estado, a sua mulher deixava-lhe todos os dias farinha e caril para ele cozinhar. Mas depois dela sair para a *machamba*, ele tirava os tamborezitos e começava a cozinhar a farinha e o caril. Depois de comer cantava:

«Tu que tens pernas és feliz,
Foste para a fazenda.
Mas esta é a minha sorte,
Olhar só para o tecto».

Dia após dia ele cantava e dançava. Quando a mulher regressava da *machamba*, atava os tamborezitos aos joelhos, deitava-se na cama e começava a lastimava-se para ela o ouvir. Um dia uma vizinha viu o homem a dançar e quando ela foi para a *machamba* perguntou à mulher dele: «Porque é que andas a *culimar* sozinha? Onde é que está o teu marido?»

«Oh, ele está muito doente com os joelhos inchados; e apenas consegue arrastar-se...», lamentou a sua mulher.

«Ah, Ah! Isso é tudo mentira!» disse a vizinha. «Há pouco vi-o a dançar com o batuque!» Então a mulher largou a enxada e dirigiu-se apressadamente para casa, e lá encontrou o marido a cantar e a dançar. Apanhado de surpresa, caiu morto de vergonha.

OS PASTORES E A CHUVA

Um dia uns pastores andavam a guardar o rebanho. De repente levantou-se uma grande tempestade, com relâmpagos ameaçadores que os assustou. Presentindo que a tormentosa chuva iria piorar, começaram a implorar a Deus que lhes socorresse com a sua prece:

«Aquela chuva, Oh ya eh oh ya eh oh ya eh oh – Aquela chuva está a chegar,
«Oh ya eh oh ya eh... Para onde podemos ir?»
«Oh ya eh..., eu vou para o monte».
«Oh ya eh..., eu vou para cima de uma árvore».
«Oh ya eh..., eu vou sentar num penedo».
«Oh ya eh..., Eu vou para cima de um embondeiro».
«Oh ya eh..., Eu vou para um monte».
«Oh ya eh, Hoje todos nós estamos em perigo».

AS CINCO RAPARIGAS E A VELHA

Há muito tempo cinco raparigas foram ao rio buscar água. Ao pé do rio havia uma figueira brava carregada de frutos maduros. Então as cinco raparigas deixaram os seus cântaros no chão e foram trepar à árvore. Quando se aproximaram da árvore viram lá uma mulher velha a comer figos. Então uma delas disse: «Vejam aquela velha! Tem um umbigo como uma cabaca!»

A velha ouviu o que a rapariga disse mas não comentou. Apenas a fitou intensamente. Depois de comerem figos, as raparigas foram ao rio para encher os seus cântaros. Passados alguns dias a mulher velha morreu e foi transformada em jibóia.

Quatro dias depois as cinco raparigas foram novamente colher figos. Mas ao chegarem ao pé da figueira não encontraram figos no chão. Tiveram de subir na árvore e depois de colherem alguns figos, viram subitamente em baixo, enrolada no tronco, uma enorme jibóia. As raparigas ficaram muito aflitas e gritaram: «Ei hortelão – podemos descer agora?»

«Oh sim, desçam, desçam!» sorriu a jibóia, «eu só quero aquela rapariga que me insultou naquele dia!»

A jibóia deixou passar as quatro raparigas, mas depois engoliu calmamente aquela que tinha zombado da velha.

A HIENA E O PASTORINHO

Um dia um pastorinho guardava um rebanho de cabras e cabritos do seu amo no campo quando de repente começou a chover torrencialmente. O pastorinho foi abrigar-se, com o rebanho, numa gruta que lá havia, mas essa gruta pertencia a uma hiena. Ao regressar a hiena viu pegadas de cabras e cabritos na sua gruta e foi à procura do pastorinho. Quando o encontrou, a hiena disse enfurecida: «Olha lá, quem é que te ensinou a meter coisas dos ricos em minha casa? E ainda por cima sem me pagares?»

Assustado, o pastorinho ofereceu-lha um cabrito o qual ela devorou num instante e exigiu mais um. O pastorinho deu-lhe outro cabrito e ela comeu-o rapidamente, só para logo pedir outro, e assim por diante até devorar todo o rebanho.

Ainda faminta, e o pobre pastorinho já sem cabras e cabritos, a hiena perseguiu-o e comeu-o também.

O insaciável deve ser controlado caso contrário empossa-se de tudo.

NDIYETERA NEDU

Um belo dia um homem foi à aldeia comprar panos e levava consigo três galinhas para vender. No caminho encontrou-se com uma hiena cega que lhe disse: «Tenho muita fome! Podias-me dar uma galinha?»

Então o homem teve pena dela e ofereceu-lhe uma galinha. Depois de comer foi atrás dele e pediu outra. O homem deu-lha mais uma. A hiena devorou a galinha num instante, após o qual desavergonhadamente exigiu a terceira, e assim por diante até a última.

Ainda descontente, a hiena disse: «Agora quero o teu pé». «Mas se te der o meu pé como é que vou andar?» perguntou o homem aflito. Sem qualquer compaixão a hiena mastigou o pé dele e disse: «Agora podes andar com um bastão!» E foi atrás do homem, cantando, «Agora também podias dar-me o outro pé».

O homem ainda tentou fugir mas a hiena tirou-lhe o outro pé. «Agora quero as tuas mãos», gritou a hiena. «Mas como é que eu vou comer?» indagou ele.

Mas sem se preocupar com as queixas do homem, a hiena cortou-lhe ambas as mãos e comeu-as; e depois saltou para cima dele, e comeu-o todo.

*Aquele que mostra compaixão aos insensatos
prejudica a si próprio.*

O CAÇADOR E A HIENA

Um dia um caçador foi ao mato caçar e conseguiu apanhar muita carne mas deixou-a lá mesmo para secar. Depois de seca fez muitos molhos para a transportar para casa. No caminho apareceu uma hiena e o caçador disse: «Canta se quiseres alguma carne».

Então a hiena começou a cantar:

«Lá estavas, estavas a dizer-me,

Canta, canta, canta.

Eu dou-te; eu dou-te carne.

Carne essa onde está?

Eu péculo, pécu, pécu».

Então o caçador desatou um molho e deu-lhe um pedaço de carne que ela o comeu num instante. Logo ela começou a ameaçar o caçador se recusasse a entregar-lhe mais carne. E começou a cantar de novo:

«Lá estavas, estavas a dizer-me,

.....

Eu péculo, pécu, pécu».

O caçador viu-se forçado a dar mais um pedaço de carne para se ver livre dela, mas ela devorou toda a carne em poucos minutos e ousadamente ameaçou-o de novo.

E ela cantou mais uma vez:

«Lá estavas, estavas a dizer-me.

.....

Eu péculo, pécu, pécu».

Depois de acabar de comer o último molho de carne, a hiena atirou-se contra o caçador e também o devorou.

91

O HOMEM QUE COMIA CARNE DE CÃO

Em tempos remotos havia um homem que tinha duas mulheres e um grande apetite pela carne de cão, mas sempre que ele matava um cão, comia-o sozinho, porque as suas mulheres não gostavam nada dessa carne.

Um dia ele matou um cão e também um cabrito para a sua família; e entregou a carne de cão à sua *matsano* (mulher legítima) visto que só ela é que sabia preparar do seu gosto. Depois de cozinhar a carne de cão, ela pendurou a panela no tecto da cozinha e foi ao rio buscar água. Entretanto veio a *mpala* (concubina) e vendo a panela de carne pendurada no tecto, tirou de lá um pedaço para provar, e achando-o delicioso, comeu-a toda. Depois deixou a panela vazia no mesmo sítio e foi para casa.

Ao cair da noite depois de cozinhar massa a *matsano* foi buscar a panela de carne, mas para a sua grande surpresa, encontrou-a completamente vazia. E perguntou ao seu marido: «Foste tu que comeste a carne que estava na panela pendurada na cozinha?» «Não! Nem sequer sabia que estava lá», respondeu ele.

Entretanto levantou-se uma grande discussão entre as duas mulheres e o homem, mas ele conseguiu acalmá-las quando lhes disse: «Bem, amanhã vamos ao juiz do *muabvi*». (Prova para descobrir o culpado).

Ora quando chegaram à presença do juiz, ele deu-lhes um *muabvi* – os réus tinham de atravessar o rio sobre um fio. «Qualquer um de vocês pode começar», ordenou o juiz.

O homem foi o primeiro. E atravessava cantando: «Eu não comi a carne que a minha *matsano* cozinhou. Canto, mas estou muito triste». «*Zamatrenga trenga...*», cantavam as testemunhas.

O homem, porém, atravessou o rio sem qualquer dificuldade. A seguir foi a vez da *matsano*. Em cima do fio ela também proclamava a sua inocência cantando: «Olha, meu homem, não fui eu que comi a tua carne, não foi a tua concubina?» «*Zamatrenga trenga, ...*», entoaram as testemunhas. A *matsano* também passou o *muabvi* sem problemas!

Chegou a vez da concubina. Ela começou a atravessar o rio mas ao chegar ao meio, o fio partiu-se e ela caiu no rio e morreu afogada.

92

O GALO VALENTE

Um homem comprou cinco frangas e um galo no bazar da aldeia. De regresso a casa o galo novo fugiu para o mato. No mato havia muitas aves, e um leão que se divertia a caçar aves todos os dias.

«Quem é que nos pode ajudar a livrar deste leão?» disseram as aves um dia. Nesse instante surgiu o galo novo, como um vento forte, e afirmou todo orgulhoso: «Eu mesmo posso ajudar-vos». Então quando o leão veio a saber da chegada dum galo poderoso, ficou com medo e fugiu. «Penso que daqui em diante posso ser o vosso chefe», disse o galo, e ele ficou lá a dirigir.

Então um certo dia o galo disse às aves: «Vamos visitar o leão». As galinhas usaram vestidos bonitos, e todas as outras aves também puseram do melhor e foram visitar o leão. O leão ficou atónito ao ver as aves vestidas dessa maneira. De repente chegou o galo como um vento devastador e disse: «Bem, agora vamos fazer as pazes». Então eles fizeram as pazes, mas o leão ficou muito ciumento quando viu a maneira como o galo comandava assim tantas aves.

Certo dia o leão ainda mais invejoso foi para o mato e encontrou-se com uma hiena que estava ao pé duma nogueira brava a fumar calmamente. Então o leão chamou: «Ei hiena, quantas capoeiras de galinha devoraste hoje?»

«Oh, provavelmente por volta de dez!» respondeu a hiena lisonjeando-se. «Bem», explicou o leão, «podias vir comigo. Há um galo que vem todos os dias à minha casa e me insulta continuamente. Tenho tanta vergonha de bulhar com coisa tão pequena como galinha». «Bem, então vamos», concordou a hiena. Quando chegaram à casa do leão, ele disse à hiena, «Esconde-te aqui mesmo e quando o galo entrar agarra-o».

Então o galo apareceu como o vento, acompanhado pelo seu criado, uma carriça, e perguntou aos filhos do leão, «Está aí mais alguém?» «Não, ninguém mesmo senhor!» responderam os leõezinhos assustados.

Mas o galo poderoso apercebeu-se que a hiena devia estar escondida algures lá, e assim ordenou à carriça para a matar, e a carriça matou a hiena prontamente. Pelo mesmo ardil o leão conseguiu convencer muitos outros animais a virem à sua casa para matar o galo. Mas o galo matou-os a todos eles! Então um dia o leão encontrou-se com um escorpião, a quem ele finalmente persuadiu a matar o galo.

«Vamos ter uma guerra feroz», disse o galo às aves. O galo marchou à casa do leão acompanhado por muitas e diferentes aves. O papagaio empoleirou-se no tecto, a cegonha em cima duma árvore, o milhafre também noutra árvore, as rolas

ficaram em baixo, e as outras aves voavam à volta da casa. Ao ver os filhos do escorpião, o pica-pau comeu-os todos e o escorpião aterrado fugiu. Mas o galo pôs-se ao encaço e convidou-o a lutar. E lutaram, mas o escorpião caiu morto, e por ter enganado o seu marido, a mulher do escorpião não perdoou o leão.

93

O CAÇADOR-LEÃO

Havia um caçador que casou com uma mulher que se chamava Maria. Quando o caçador ia para o mato onde havia muitos animais, ele despia-se, deixava a roupa no chão e depois começava a cantarolar um canto mágico:

«Oli oli oli oli – oli oli oli,
Oli oli oli oli – oli oli oli,
Eu apanho carne mas não a como,
Caço carne e dou à Maria,
Oli oli oli oli – oli oli oli,
Oli oli oli oli – oli oli oli».

Ao terminar o canto transformava-se em leão e começava a caçar todos os animais que encontrava no caminho. Depois de caçar, transformava-se novamente em homem. O caçador então cortava as caudas dos animais caçados e levava-as consigo para a povoação para mostrar aos homens e obter ajuda para o transporte de toda aquela caça.

Depois de dar carne aos carregadores e aos seus parentes, o caçador oferecia tudo à sua mulher. Mas deixava alguma carne para si, porquanto ele só comia carne crua quando a mulher se encontrava ausente. Ora, a sua mulher Maria tinha um irmão mais novo que vivia com ela. Um dia, o caçador disse ao seu cunhado, «Vamos passear no mato». Então os dois lá foram e ao chegarem ao mato o caçador disse: «Olha, sobe naquela árvore porque vi uma fera perigosa que anda à procura de presa. Fica quietinho lá em cima pois a fera pode tornar-se violenta. Fecha os olhos e segura-te bem para não caíres».

O caçador foi pelo mato adentro e ao avistar presa, despiu-se e começou a entoar o canto mágico:

«Oli oli oli oli oli – oli oli oli
.....».

que o fez transformar em leão. Mas o seu cunhado que não tinha fechado os olhos, viu tudo lá de cima da árvore. Quando o caçador-leão deu um grande urro e atirou-se sobre a presa o rapaz apanhou um susto tão grande que por pouco não caiu por terra.

Depois de caçar, o leão mudou de novo em homem e chamou o rapaz, «Desce agora e vamos para casa. Vês esta cauda... apanhei muita carne, e temos

de chamar alguns carregadores, mas não digas a ninguém o que viste e ouviste aqui, entendes?»

Então ambos regressaram à povoação e juntaram alguns homens para carregarem a carne. Contudo, dias depois o rapaz disse à sua irmã: «Olha, queres ouvir uma coisa curiosa? O teu marido canta uma cantiga misteriosa todas a vezes que vai caçar».

«Bem então canta para eu também ouvir», pediu a sua irmã. «Oli oli oli...», cantou o rapaz. Mas o caçador que estava em casa nessa altura quando ouviu tudo isso, zangou-se e gritou: «Não te avisei para não dizeres nada a ninguém?» «Ah, deixa lá o rapaz cantar. Ou será isso algum feitiço?» interveio Maria.

«Oli oli oli oli...», o rapaz continuou a cantar, então o caçador sentiu o efeito do canto mágico e começou a rugir e a transformar-se em leão. De repente saltou para cima da sua mulher e do seu cunhado e devorou-os.

Em seguida o caçador-leão deixou a aldeia e foi para o mato.

Pode ser perigoso conhecer os segredos albeios.

94

A MULHER ESTÉRIL

Num sítio muito longínquo havia uma mulher que tinha muita inveja das suas companheiras que tinham filhos. Um dia apanhou um caracol e adoptou-o como seu próprio filho. Ora, ela guardava-o sempre numa panela e nunca se esquecia de lhe dar de mamar e de mimar com outras iguarias.

Um dia convidaram a mulher para uma grande festa numa aldeia onde houve uma grande bebedeira. Mas infelizmente, nesse dia, ela esqueceu-se de dar de mamar ao caracol e de lhe deixar qualquer outra comida. Então ao pôr-do-sol o caracol começou a chorar de fome. Ele saiu da panela e foi à procura da mãe, cantando:

«Mãe, mãe, espera por mim»

Quando a mulher ouviu o caracol, foi imediatamente ao seu encontro e forçou-o a sair da aldeia para que pudesse continuar na bebedeira. Mas o caracol voltou novamente, cantando: «Mãe, mãe, espera por mim».

Ao ouvir outra vez o caracol e para não ser descoberta, tentou esconder-se entre as outras mulheres, mas o caracol aproximou-se dela a cantar, e quando os festeiros o viram ficaram muito abismados. Reconhecendo a mãe, o caracol saltou para o seu peito e começou a mamar. A mulher ficou tão atrapalhada que desmaiou de vergonha.

*A inveja pode conduzir uma pessoa
a fazer coisas muito estranhas.*

A FEITICEIRA E A COBRA

Era uma vez uma mulher que fazia bruxedo com uma grande cobra. Ela tratava aquela cobra como se fosse seu próprio filho, guardando-a sempre numa panela e quando a cobra sentia fome, ela dava-lhe de mamar.

Um dia o feiticeiro chamou muita gente para trabalhar na sua fazenda a troco de cerveja. Aquela mulher feiticeira também foi trabalhar naquela fazenda e deixou a cobra em casa metida na panela. Então, quando a cobra sentiu fome, saiu da panela e foi à procura da mãe, cantando:

«Mãe, mãe eu estou a chorar,
Choro pelo teu leite,
Minha mãe, dá-me de mamar,
Posso beber o teu leite?»

Quando a cobra chegou à fazenda, enrolou-se à mãe e começou a mamar. Ao verem o bruxedo, os trabalhadores atiraram-se contra a mulher e mataram-na juntamente com a cobra.

O COELHO E O ANIMAL DO MATO

Um coelho e um animal do mato tornaram-se amigos. Um dia o coelho disse: «Ei companheiro, vamos cultivar uma *machamba*». Então cada um fez uma *machamba*, e quando chegou a estação das chuvas o coelho sugeriu: «Vamos semear feijão».

Então o coelho semeou a sua *machamba* mas o animal do mato só comia o feijão da sementeira em vez de o semear. Passado algum tempo a *machamba* do coelho produziu uma fartura de feijão, e o animal do mato vinha então roubar o feijão do coelho.

«Algum dia vou arrancar um olho àquele que anda a roubar o meu feijão», jurou o coelho. Então um dia o coelho escondeu-se ao pé da *machamba*, e quando o ladrão apareceu, ele acertou-lhe num olho com uma seta.

No dia seguinte quando o animal do mato se encontrou com os seus companheiros, eles perguntaram: «O que aconteceu ao teu olho?» «Oh, isso foi só um pau!» respondeu ele.

Então um dia o animal do mato cozinhou *pombe* e convidou todos os animais excepto o coelho pensando: «Se ele ousa vir, vou matá-lo!»

Mas o coelho encontrou-se com um elefante que ia para a festa do *pombe* e disse: «Senhor elefante, podia-me deixar entrar na sua orelha? Gostaria de ir incógnito para a festa do *pombe*». «Oh, não há problema; entra coelho», convidou o elefante.

Então o coelho entrou na orelha do elefante e foi para a festa, durante a qual o elefante ficou completamente embriagado com *pombe*. Quando o animal do mato veio servi-lo novamente, o elefante disse: «Agora quero beber pelas orelhas». Então o elefante usou as orelhas para beber em vez da tromba, e o coelho também ficou bêbado e perdeu a cabeça. Logo a seguir o coelho pegou na sua viola e começou a cantar: «Fui eu li, li, li... quem furou o olho do animal li, li, li... do mato».

«Quem é que está nas orelhas do elefante?» perguntaram os animais festeiros. O animal do mato, julgando ser o coelho, mas ele mesmo completamente bêbado de *pombe*, tentou agarrá-lo, mas só conseguiu tropeçar em todo o sítio que corria. O coelho já tinha fugido.

Um mês depois o animal do mato cozinhou *pombe* novamente e convidou todos os animais excepto o coelho. Ao ver o elefante o coelho implorou outra vez: «Senhor, deixa-me entrar na orelha...».

Então o elefante permitiu o coelho entrar novamente na sua orelha, e foi para a festa onde bebeu demais *pombe* em companhia de outros animais. Um pouco depois ele anunciou: «Agora vou beber pelas orelhas!» O animal do mato que já sabia que o coelho estava na orelha do elefante, gritou: «Espera um pouco! Hoje não vais escapar», e deu de beber ao elefante uma dose dobrada pelas orelhas. Então ele caiu bêbado e adormeceu.

Ao ver o elefante fora de si o animal do mato exclamou: «Agora vou prender aquele coelho!» Então o animal do mato saltou para cima do elefante e coseu as suas orelhas, mas o coelho entrou na barriga do elefante e escondeu-se nas tripas. O animal do mato então cortou a barriga do elefante mas não encontrou lá o coelho! Extraiu as tripas e disse ao filho: «Leva essas tripas ao rio e lava-as bem!»

Mas então a caminho do rio o filho do animal do mato ouviu as tripas falar: «Olá rapaz, para onde vais?» Surpreendido o filho do animal do mato regressou a casa e disse ao pai que as tripas do elefante tinham algo a dizer. Então o animal do mato pegou numa faca e cortou as tripas e capturou o coelho. «Ah, então! Hoje vou-te matar», rosnou o animal do mato.

«Sim, mas se me prenderes pelos pés, não morrerei», disse o coelho, «contudo, se me prenderes pelo rabo, então sim, morro de certeza. É melhor que me prendam pelo rabo e me atirem sobre aquelas cinzas».

Então agarraram o coelho pelo rabo e levaram-no ao monte de cinzas. No momento em que iam arremessá-lo sobre as cinzas, desprende-se o rabo e ao cair sobre as cinzas o coelho atirou um punhado aos olhos dos animais lá presentes. Depois fugiu e quando se encontrou com os outros coelhos, disse: «Cortem os vossos rabos – e façam isso depressa – é ordem do rei!»

Então quando o animal do mato chegou perguntou aos coelhos: «Onde está aquele coelho sem rabo?» «Desculpe, mas aqui ninguém tem rabo», responderam eles.

Bem então, o animal do mato ficou tão danado e matou todos os coelhos grandes.

97

O COELHO E A LEOA

Havia uma leoa que tinha seis leõezinhos. Um dia veio um coelho e fez uma sugestão: «Senhora leoa, podia-me deixar tomar conta dos seus filhos». «Muito bem», disse a leoa, «A partir de hoje serás a aia de minha casa». «Agora vou caçar porque os meus filhos vão precisar de carne».

Depois da leoa ter saído para caçar, o coelho levou os leõezinhos para brincar com eles na areia. «Vamos jogar luta livre, mas o primeiro a cair será carne para o outro», sugeriu o coelho. Então os leõezinhos pensando que isso iria ser divertido, aceitaram o desafio.

O coelho e um dos leõezinhos começaram a lutar, e foi o coelho o primeiro a ir abaixo. «Tee-hee, então nós podemos comer o coelho», entoaram os leõezinhos. «Esperem um minuto; esperem um minuto», gritou o coelho, «se me comerem quem é que vai tomar conta de vocês?» «Oh, o nosso pai pode fazer isso», afirmaram os leõezinhos. «Sim, mas o vosso pai está sempre na *machamba*», disse o coelho. Então os leõezinhos decidiram largar o coelho.

Depois começaram a lutar novamente mas desta vez o coelho deitou abaixo o leãozinho. «Então já viste – agora vou-te comer», disse o coelho. Então o coelho puxou duma faca e matou o leãozinho.

Pouco depois o coelho regressou ao covil com os cinco leõezinhos, e quando a leoa regressou ela chamou o coelho e disse: «Esta carne é para os meus filhos. Tu podes comer os ossos». Então o coelho levou a carne e disse aos leõezinhos, «A vossa mãe quer que vocês comam estes ossos para ficarem com dentes fortes. Vejam, como os meus dentes ficaram fortes só de comer ossos». Assim o coelho comeu toda a carne e os leõezinhos ficaram só com os ossos.

Um dia depois da sesta o coelho sugeriu: «Vamos tomar banho e brincar na areia». Quando chegaram ao rio o coelho disse: «vamos lutar, e aquele que for atirado para baixo pode ser carne para o vencedor». Então o coelho e um outro leãozinho começaram a lutar e o coelho foi derrubado. «Viva! Agora vamos comer o coelho», gritaram os leõezinhos.

«Sim, se me comerem quem é que vos vai levar para casa?» contrapôs o coelho. E deixaram-no lutar de novo, e quando o leãozinho caiu, o coelho sacou da faca outra vez, e matou-o. Mas desta vez ele guardou a pele do leãozinho. Depois ele desafiou outro leãozinho a lutar. Este leãozinho arrojou o coelho para baixo com um safanão, mas quando ia dar um golpe mortal, o coelho disse, «Agora espera um minuto; se me matares a vossa mãe vai vos bater muito!»

Então este leãozinho soltou-o também, e os dois começaram a lutar outra vez. Mas neste assalto o leãozinho caiu. Então o coelho acabou-o imediatamente, e eles regressaram ao covil do leão.

Então a leoa perguntou ao coelho: «Todos os meus filhos estão bem? Quero vê-los». O coelho olhou através da janela e contou, «Um-dois-três – quatro-cinco-seis». «Bem, estou contente por saber que todos eles estão aí» disse a leoa, «leva esta carne para eles, e tu comes os ossos».

Mais uma vez o coelho comeu a carne, e ofereceu todos os ossos aos leõesinhos. No dia seguinte o coelho levou outra vez os três leõesinhos para a areia e desfiou novamente os leõesinhos para uma luta. E pegaram-se novamente e quando o coelho caiu, ele gritou: «Ei! Se me matarem quem é que vos vai dar ossos?» O leãozinho soltou-o e continuaram a lutar. Então o quarto leãozinho caiu e o coelho comeu-o logo, e o quinto também teve a mesma sorte.

Pela tardinha o coelho e o restante leãozinho foram para o covil, e quando a leoa regressou com a carne, perguntou: «Todos os meus filhos estão aí?» «Claro que sim, estão todos aqui», assegurou o coelho. «Bem, gostaria de os ver», insistiu a leoa.

«Bem, olha para este», disse o coelho; e trouxe o leãozinho que estava dentro. Depois levou o leãozinho para o covil e saiu de novo como o mesmo leãozinho mais cinco vezes. «Muito bem, podes levar esta carne», disse a leoa.

O coelho comeu toda a carne e deu os ossos ao último leãozinho. Depois de comer foram ao rio e lutaram na areia. O coelho caiu mas o leãozinho não o matou e lutaram novamente. Quando o leãozinho caiu, o coelho matou-o e também tirou a sua pele. Mas antes de regressar ao covil foi arranhá-lo entre espinhos. Quando a leoa chegou ao covil, perguntou, «Onde é que estão os meus filhos?» «Foi Trieste, mas os macacos vieram e comeram-nos a todos», respondeu o coelho. «Minha senhora, pode ver como é que me arranharam!»

«Bem, teremos de ir apanhar esses macacos», disse a leoa zangada. No dia seguinte o coelho foi sozinho ver os macacos, mas levou consigo um saco de amendoim e as peles dos leõesinhos. Pouco depois encontrou os macacos a atirarem pedras aos frutos do embondeiro e disse: «Aqui, levem este amendoim!» Quando os macacos acabaram de comer o amendoim, o coelho perguntou, «Quem é que sabe a dança do leão?» «Oh, todos nós sabemos isso», entoaram eles.

«Está bem. Agora, assim que forem dançando cantem desta maneira», explicou o coelho dando-lhes as peles dos pequenos leões. Então os macacos ensaiaram o canto que o coelho lhes tinha ensinado. «Amanhã hei-de vir novamente com mais amendoim», prometeu o coelho, «e veremos como praticaram o canto».

Então no dia seguinte o coelho e a leoa decidiram capturar os macacos. «Minha senhora», disse o coelho, «se os macacos vos virem não-de fugir logo! Vou fechar-vos dentro de uma jaula cheia de amendoim. Mas finja-se de morta,

e assim que os macacos entrarem na jaula, agarre-os». Quando os macacos chegaram, começaram a cantar e dançar com as peles dos leõezinhos, como o coelho lhes tinha ensinado.

«Hi, hi, hi, nós matámos os filhos da leoa; hi, hi, hi, nós usamos a suas peles...». Alguns macaquinhos subiram para cima da jaula e um deles disse, «Oh mãe olha para aquele olho!» mas ela não fez caso. Depois um outro macaquinho também disse, «Ei, aquele olho esta a piscar...!» Mas também ninguém se importou com isso.

Então depois de todo aquele cantar e dançar, o coelho apontou para a jaula e disse: «Há muito amendoim lá dentro. Podem levar quanto quiserem». Quando eles marcharam para dentro da jaula, a leoa matou dez macacos, um após outro.

Mas então os macacos disseram à leoa: «Senhora, o coelho enganou-vos. Foi ele quem acabou os vossos filhos, não nós». «Isso é verdade?» perguntou a leoa ao coelho. «Não, não; é tudo mentira», jurou o coelho. Então quando a leoa começou a comer um macaco o coelho interrompeu-a e disse: «Ei senhora, pode-me dar um pouco dessa carne». Mas a leoa só lhe deu alguns ossos. Depois de comerem, o coelho voltou para a leoa e disse: «Agora que terminamos a nossa refeição, vamos nadar».

Quando eles chegarem ao rio o coelho despiu-se e mergulhou, mas foi cuidadoso em munir-se de um osso grande e aguçado. Então quando a leoa mergulhou, o coelho furou a barriga dela com o osso aguçado. Contudo, apesar da dor, a leoa conseguiu agarrar o coelho e puxar para fora da água. «Hoje vais morrer de certeza», gritou a leoa encolerizada.

«Bem, desta vez você pode-me matar se quiser, mas será melhor se me agarrar pelo rabo e atirar sobre a areia», sugeriu o coelho.

«Ah! Sei muito bem o que pretendes», rugiu a leoa. «Queres fugir como o teu pai que tirou o olho ao animal do mato. Mas desta vez tu não escapas».

E com isso a leoa acabou com o coelho.

GLOSSÁRIO

Chiruano – língua local

Chissena – língua local

Cipaio – soldado africano ou polícia armado ao serviço do regime colonial português

Culimar – cultivar

Embondeiro – Baobá

Landim – habitante nativo de Maputo, Moçambique

Machila – palanquim

Machocre – cereal

Machoeira – cereal

Mantsanga – antigo chefe da RENAMO (Resistência Nacional de Moçambique) e presentemente o principal partido de oposição em Moçambique.

Mapira – cereal

Marombo – invocação de espíritos

Matope – lama

Monhé – muçulmano africano; actualmente um indivíduo da Índia ou Paquistão

Muabvi – prova de julgamento

Mutondo – espécie de árvore

Muzungo – homem branco

Ntacha – espécie de árvore

Pombe – bebida alcoólica

Zagaia – Arco de flechas